

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICAS**



**Traduzir o humor e os seus contextos:  
O caso de *The Poor Mouth*, de Flann O'Brien**

**Daniela Sofia Nazaré Amaral**

**MESTRADO EM TRADUÇÃO**

**2010**



**UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA GERAL E ROMÂNICAS**

**Traduzir o humor e os seus contextos:  
O caso de *The Poor Mouth*, de Flann O'Brien**

**Daniela Sofia Nazaré Amaral**

Projecto orientado por

Prof. Doutora Maria Teresa Casal

**MESTRADO EM TRADUÇÃO**

**2010**

## **Agradecimentos**

Este espaço é dedicado a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o sucesso deste projecto.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Professora Doutora Maria Teresa Casal pela sua disponibilidade em orientar este projecto e pelas palavras de encorajamento ao longo da elaboração do mesmo. Todas as reuniões e conversas foram de extrema importância; as suas críticas, perguntas e reflexões ao longo destes meses foram indispensáveis para a evolução deste trabalho e das minhas próprias competências enquanto tradutora.

Em segundo lugar gostaria de agradecer à minha família, principalmente aos meus pais e irmã, pelo apoio dado ao longo destes anos e por sempre acreditarem em mim.

E, por último, não quero deixar de agradecer a todos os amigos e colegas que me acompanharam ao longo destes anos na FLUL e que contribuíram, de algum modo, para que não enlouquecesse no caminho.

A todos o meu muito obrigado.



## Resumo

O objectivo deste projecto é a análise e discussão da tradução de alguns capítulos da obra *The Poor Mouth*, de Flann O'Brien (1941). O projecto foca-se nos desafios que esta paródia sobre a herança gaélica irlandesa coloca ao tradutor; fornecer-se-á uma amostra representativa dos exemplos encontrados, seguida de uma sugestão e breve reflexão das estratégias tradutórias empregadas. De modo a discutir estes problemas opta-se por seguir as estratégias de Andrew Chesterman e o seu livro *Memes of translation : the spread of ideas in translation theory* (2000) utilizado como referência principal.

A par das questões tradutórias, este projecto trata também da importância da cultura na tradução e defende a utilização de duas abordagens distintas mas com efeitos complementares: adaptação (visando a aceitabilidade do leitor) e o uso de empréstimos (tendo em conta que a obra reflecte sobre um contexto histórico-social especificamente irlandês).

**Palavras-chave:** Estratégias de Tradução, Cultura Irlandesa, Flann O'Brien, Adaptação, Empréstimo.

## Abstract

The goal of this project is to analyse and discuss the translation of several chapters of the book *The Poor Mouth*, by Flann O'Brien (1941). The project focuses on the challenges faced by the translator of this Irish parody; it aims to provide a representative sample of the problems encountered, followed by a suggestion and a brief reflection on the translation strategies used. In order to discuss these issues, Andrew Chesterman's strategies were followed and his work *Memes of translation: the spread of ideas in translation theory* (2000), was used as main reference.

Alongside the translation issues, the project will also focus on the importance of culture in translation and it proposes the usage of two distinct but mutually complementary approaches: adaptation (as a means to achieve the reader's receptiveness) and the use of loans (as a means to address the Irish themes that are central to O'Brien's work).

**Key-words:** Translation Strategies, Irish Culture, Flann O'Brien, Adaptation, Loan.

*To understand is to translate.*

George Steiner

# ÍNDICE

Introdução .....	8
I. Vida e Obra .....	10
1.1. Percurso de vida.....	10
1.2. A História por trás da história.....	17
1.3. Gaeltacht: passado e futuro.....	27
II. Comentário de tradução .....	34
2.1. Apresentação do relatório .....	34
2.1.1. Acto tradutório.....	34
2.1.2. Análise do texto de partida.....	37
2.1.3. Abordagem tradutória .....	41
2.1.4. Metodologia utilizada.....	43
2.2. Comentário .....	44
2.2.1. Estratégias Sintáticas.....	45
2.2.2. Estratégias Semânticas.....	69
2.2.3. Estratégias Pragmáticas .....	73
Conclusão .....	84
Bibliografia.....	86
Sitografia .....	91
Filmografia .....	96
Anexos.....	97
Anexo A	
Anexo B	

## Índice de Figuras

Figura 1. Mapa da ilha da Irlanda e respectivas províncias.....	22
Figura 2. Gaeltacht (1926).....	27
Figura 3. Gaeltacht (2007).....	30

## Introdução

O objecto de estudo deste projecto é a obra *The Poor Mouth*, de Flann O'Brien: uma paródia irlandesa à própria Irlanda e aos irlandeses. A obra foi originalmente escrita em 1941 em gaélico irlandês e posteriormente traduzida para inglês por Patrick C. Power em 1973; é a tradução da mesma que será objecto de reflexão e tradução.

A escolha desta obra prendeu-se com o facto de a literatura irlandesa ser relativamente pouco conhecida para os portugueses: conhecem-se e encontram-se traduzidos autores como Oscar Wilde, William B. Yeats, J. M. Synge, James Joyce e Samuel Beckett, figuras incontornáveis na literatura internacional; tem-se vindo a assistir à tradução de obras de alguns escritores contemporâneos como John Banville, Sebastian Barry e Anne Enright, entre outros. Verifica-se também a presença cada vez mais assídua de autores irlandeses nos palcos portugueses, como atesta o estudo de Paulo Eduardo Carvalho. A tradução desta obra para português europeu contribuirá pois para expandir e aprofundar o conhecimento da literatura e cultura irlandesa entre os leitores portugueses.

A título pessoal, esta escolha foi motivada pelo carácter humorístico da obra em questão, sendo que, e apesar de ter vindo a ganhar importância, a tradução humorística é ainda uma área pouco desenvolvida em Portugal. É também uma área que torna ainda mais visíveis alguns dos desafios inerentes à tradução, designadamente a relação entre texto e contexto para a produção de sentido.

Para a elaboração deste projecto partiu-se do pressuposto de que uma tradução bem sucedida é aquela que tem em conta o binómio conteúdo original – cultura de chegada; o tradutor deve sempre manter-se fiel ao texto original e, ao mesmo tempo, fazer com que este seja perceptível na cultura de chegada. Desde cedo se tornou claro

que não poderia ser utilizada uma única abordagem tradutória; com esta tradução tentar-se-á provar que a utilização de dois métodos aparentemente diferentes, a adaptação e uso de empréstimos, pode ser bem sucedida.

Sendo esta uma área pouco desenvolvida, este projecto centrar-se-á nas abordagens tradutórias a que um tradutor recorre ao traduzir algo mais afastado da sua cultura, ao mesmo tempo que tenta manter o carácter humorístico da obra de partida. A opção dos elementos a traduzir – prefácios e Capítulo I, IV e V – visou contemplar um *corpus* bastante abrangente e ilustrativo dos problemas que podem surgir aquando de uma tradução com estas características.

Estruturou-se o projecto do seguinte modo: a primeira secção incide sobre vida e obra do autor e a segunda secção corresponde ao comentário de tradução.

Tendo em conta que o público português poderá não estar familiarizado com a história e literatura irlandesa optou-se por incluir neste projecto uma secção dedicada ao autor, à comunidade onde este estava inserido e à história da Irlanda. A segunda secção diz respeito às estratégias utilizadas aquando da tradução da obra e pretende demonstrar como foram ultrapassadas as diferenças culturais e linguísticas encontradas no acto de tradução. A obra original e a tradução serão incluídas nos Anexos A e B, respectivamente.

Espera-se com este relatório mostrar quais as principais dificuldades emergentes de uma tradução de um texto humorístico, centrado em referências culturais e sugerir algumas estratégias para as ultrapassar.

# I. Vida e Obra

## 1.1. Percurso de vida

Brian O’Nolan é um dos grandes escritores humoristas do século XX. Nasceu no seio de uma família falante de irlandês, em Strabane, a 5 de Outubro de 1911 e faleceu a 1 de Abril de 1966.

O’Nolan era irlandês e, ao contrário da maioria dos seus conterrâneos, a sua língua materna não era o inglês; o seu pai queria que ele e o irmão fossem educados em escolas gaélicas, pelo que durante muitos anos manteve os filhos afastados de uma escola anglófona, vindo apenas a ceder por não haver nenhuma escola gaélica perto do local onde moravam. O’Nolan conseguiu, contudo, escrever uma obra em gaélico: *An Béal Bocht*; é a tradução inglesa dessa obra, *The Poor Mouth*, que constitui o *corpus* deste projecto.

É de referir o facto de o autor ser mais conhecido pelos seus pseudónimos e de nada ter sido publicado em seu nome. De seguida, ir-se-á proceder a uma breve descrição e bibliografia dos seus pseudónimos. Contudo, antes, é necessário explicar como começou a escrever sob nomes fictícios.

O’Nolan começou a escrever, de forma prodigiosa, enquanto estudante em University College Dublin, onde era também um membro activo da Literary and Historical Society; escrevia para uma revista estudantil, a *Comhthrom Féinne* (em inglês *Fair Play*), e foi aí que começou a utilizar pseudónimos como Brother Barnabas. Em 1934 fundou, juntamente com alguns colegas, a revista *Blather*; esta, porém, não duraria muito tempo. Uma circunstância que também contribuiu para o uso de pseudónimos foi o facto de ter trabalhado como funcionário público e o Estado proibir



os seus funcionários de expressarem opiniões políticas, regra essa que quebrou na coluna *Cruiskeen Lawn* que assinava no *Irish Times*, onde nem o uso de pseudónimos o protegeu.

Segundo o sítio *Biographybase*, só nas últimas décadas do século XX é que a sua obra começou a ser alvo de estudo e crítica por parte dos estudiosos literários; uma pesquisa de obras sobre o autor revelou que a maioria destas é posterior à década de 70. Isto deveu-se ao facto de a maior parte dos seus textos ser publicada em periódicos, o que dificultou a criação de uma colectânea. Especula-se que O’Nolan escrevia para jornais a criticar os seus próprios artigos, contribuindo assim para um clima de desconfiança sobre a autoria das cartas publicadas entre 1940 e a sua morte.

Na década de trinta, quando O’Nolan começou a escrever, a Irlanda tinha acabado de conquistar a sua independência (1921-2) e estava ainda a recuperar de uma guerra civil. Nesse período assistiu-se a uma “guerra” económica com Inglaterra, tendo Eamonn de Valera, o novo Primeiro-Ministro, adoptado políticas para cortar todos os laços com a Inglaterra. Dessas políticas destacaram-se a anulação das anuidades que os irlandeses pagavam a Inglaterra pelos seus terrenos; esta medida foi muito contestada pois o governo inglês tinha emprestado esse dinheiro antes da criação do Estado Livre Irlandês, tendo ficado acordada a devolução do mesmo. Como medida de retaliação, a Inglaterra impôs uma taxa de comércio à Irlanda e vice-versa; a economia irlandesa ficou fragilizada e após cinco anos acordou devolver o dinheiro das anuidades. Seguiu-se a Segunda Guerra Mundial, na qual a Irlanda se manteve neutra, embora este estatuto funcionasse mais a nível político do que prático. Quando o Reino Unido entrou na guerra, a Irlanda do Norte, como território britânico, também se juntou. Sendo o Eire um país pequeno e com poucos meios militares, desde cedo se recusou oficialmente a

aliar-se ao Reino Unido; mas, na realidade, os irlandeses juntaram-se ao exército inglês e abriram o seu espaço aéreo.

O Estado Livre Irlandês, criado na sequência da Guerra da Independência seguida de uma guerra civil, pretendia diferenciar-se política e culturalmente do antigo poder colonial pela afirmação de elementos específicos da identidade irlandesa. Assim, face a um poder colonial anglófono e protestante, a Irlanda afirmava-se pela dupla matriz gaélica e católica, que viria a moldar várias políticas adoptadas pelo governo irlandês. O desejo de uma Irlanda pura e imune a contaminações externas levou ao recurso à censura dos meios de comunicação. Esta censura não era de carácter ideológico, antes pretendia banir as obscenidades e temas moralmente duvidosos (temas como abortos ou crimes). Segundo Julia Carlson, no livro *Banned in Ireland*<sup>1</sup>, a principal consequência desta censura foi a diminuição dos livros de biblioteca; os que lá persistiam eram livros religiosos e livros que louvassem a cultura e o estilo de vida irlandesa (os livros de ficção quase não existiam). Na mesma obra, Liam O'Flaherty<sup>2</sup> e Samuel Beckett<sup>3</sup> afirmam que, com a censura, o país passou a louvar a ignorância e as aparências. Toda esta censura demonstra que a Igreja Católica exercia ainda um grande controlo no recém-criado estado irlandês. É esta sociedade que é alvo das sátiras de *An Béal Bocht*; influenciado por James Joyce<sup>4</sup>, O'Nolan ataca a hipocrisia daqueles que na

---

<sup>1</sup> Cf. Carlson, Julia (ed. for article 19), *Banned in Ireland Censorship & the Irish Writer*, Routledge, London, 1990, p. 11

<sup>2</sup> Escritor irlandês nascido em 1896 e faleceu em 1984. Falava gaélico e publicou algumas obras em gaélico. Foi uma das figuras centrais no movimento do Renascimento Literário Irlandês. Algumas das suas obras são: *The Sniper* (1923), *The Informer* (1925) e *A Tourist's Guide To Ireland* (1929).

<sup>3</sup> Escritor irlandês nascido em 1906 e faleceu em 1989. Embora tenha nascido e crescido na Irlanda viveu a maioria da sua vida em Paris, escrevia em inglês e francês. Escreveu peças de teatro, prosa, contos, poesia, etc. Foi considerado um dos escritores mais influentes do século XX e recebeu um Nobel da Literatura (1969). Entre as suas obras destacam-se: *Murphy* (1938), *Watt* (1945), *Waiting for Godot* (1953) e *Happy Days* (1960).

<sup>4</sup> Escritor irlandês que nasceu em 1882 e faleceu em 1941. É um dos escritores mais conceituados no panorama internacional e foi um dos mais importantes escritores do movimento modernista em língua inglesa. Escreveu contos, romances e poesia; era conhecido por experimentar novas formas de usar a linguagem e explorava novos métodos literários. Embora tenha abandonado a Irlanda muito novo, as suas

sociedade tentavam sobrepor-se ao mal-estar geral e as diversas instituições que para isso contribuíam.

O’Nolan seguia na mesma linha de escritores modernistas como Joyce. Nas suas obras podemos observar um misto de géneros, de mundos e discursos que em nada atrapalham o evoluir da acção e, contra todas as conjecturas, acabaram por funcionar como o fio condutor que mantinha tudo coeso; cria a partir do que já existe. Os modernistas acreditam que nada é completo e total e exploram a singularidade e parcialidade de cada perspectiva, bem como os modos de percepção e produção do sentido; também O’Nolan dá diferentes perspectivas de uma questão, explora diferentes registos e envereda por intertextualidades assumidas.

Os seus pseudónimos mais conhecidos são Myles na gCopaleen e Flann O’Brien. O nome Myles na gCopaleen foi retirado de uma personagem da peça *The Colleen Bawn* (1860), de Dion Boucicault; a personagem é o estereótipo irlandês (um pobre e bêbado camponês irlandês). Como Myles na gCopaleen, O’Nolan escreveu pequenas colunas para o *Irish Times*; a maioria destas eram escritas em inglês, mas também em irlandês, o que mostrava uma grande imaginação que ainda hoje surpreende. A primeira coluna foi publicada na edição de 4 de Outubro de 1940 sob o pseudónimo de “An Broc” e as seguintes foram assinadas como Myles na gCopaleen. A coluna de teor satírico tinha como principal alvo a elite literária de Dublin, os revivalistas da língua irlandesa, o governo irlandês e o “Povo Simples da Irlanda”. As colunas *Cruiskeen Lawn* foram publicadas numa série de antologias: *The Best of Myles* (1968), *The Hair of the Dogma* (1977), *Further Cuttings from Cruiskeen Lawn* (1976), *Flann O’Brien At War: Myles na gCopaleen 1940-1945* (2000), *Myles Away from Dublin* (1985), *Myles before Myles* (1988) e *At War* (1999).

---

obras reflectiam as suas raízes irlandesas. Entre as mais conhecidas estão: *Dubliners* (1914), *The Portrait of the Artist as a Young Man* (1916), *Ulysses* (1922) e *Finnegans Wake* (1939).

Contudo, foi o pseudónimo Flann O'Brien aquele que se tornou mais conhecido. Foi como O'Brien que o autor publicou a quase totalidade dos seus romances e atraiu multidões para um sentido de humor bizarro e metaficção.<sup>5</sup> De seguida, proceder-se-á a uma enumeração das suas obras principais e a um pequeno resumo das respectivas temáticas.

*At Swim-Two-Birds*, a sua primeira obra e também a mais conhecida, foi publicada em 1939. Nessa obra, O'Brien apropria-se de outras obras de ficção e lendas, sob o pretexto de já existirem muitas personagens ficcionais. *At Swim-Two-Birds* furta-se a rótulos ou classificações, pois consiste numa panóplia de géneros (farsa, sátira, ficção, paródia); é uma narrativa sobre um homem chamado Trellis que está a escrever um livro sobre certas personagens que estão a virar o jogo contra Trellis e escrevem sobre ele. Segundo Eric Mader-Lin<sup>6</sup>, esta sua primeira obra foi tão aclamada que o autor nunca conseguiu ultrapassar esse feito.

Entre 1939-40, O'Brien escreveu *The Third Policemen*, obra essa que só viria a ser publicada em 1967. *The Third Policemen* fala do tempo, da morte e da existência, tudo isto contado por um narrador que fez um assalto e cometeu um homicídio. A história segue-o e narra as suas aventuras numa esquadra de polícia onde, através das teorias do cientista e filósofo de Selby, é apresentado à teoria atómica das bicicletas, a existência da eternidade e a crença de que a Terra tem a forma de uma salsicha, tendo ainda tempo para lutar com os quebra-cabeças e contradições de três polícias peculiares. Eric Mader-Lin considera estes diálogos verdadeiras preciosidades por serem tão

---

<sup>5</sup> “A metaficção surge numa tentativa de superar o peso das tradições regionalistas e realistas na literatura americana. Deste modo, conceberá como objectivo imediato a subversão dos elementos narrativos canónicos - intriga, personagens, acção -, tendo como estratégia final a elaboração de um jogo intelectual com a linguagem e com a memória literária e artística.”. Avelar, Mário, “Metaficção”, *E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia*, disponível no sítio <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/metaficcao.htm>>, 16-09-2010 00:03

<sup>6</sup> Cf. Mader-Lin, Eric, “Flann O'Brien: A Biographical Introduction”, *Necessary Prose*, disponível no sítio <<http://www.necessaryprose.com/obrien.html>>, 20-12-09 19:30

inconvenientes e inigualáveis.<sup>7</sup> Quando O'Brien acabou de escrever a obra e o seu agente a tentou publicar, esta foi recusada por diversos editores com a justificação de que era tão boa que era impossível catalogá-la (só foi publicada postumamente); enquanto *At Swim-Two-Birds* jogava com a narrativa, *The Third Policemen* joga com a realidade e inclina-se para a pura fantasia.

A sua terceira obra foi publicada em 1941, em irlandês gaélico, sob o título de *An Béal Bocht*, e foi traduzida em 1973 para inglês com o nome de *The Poor Mouth*. Ela é o objecto de estudo deste trabalho. A obra foi um triunfo do autor que, em gaélico irlandês, parodia a autobiografia de Tomás O Criomhthain *An t-Oileánach* (em inglês *The Islander*). Em *An Béal Bocht*, O'Brien parodia as atitudes dos falantes de irlandês, a literatura das zonas falantes de irlandês (Gaeltacht)<sup>8</sup> e a visão que deles têm os entusiastas do gaélico que todos os anos afluem a essas zonas para praticarem o seu gaélico. Embora *An Béal Bocht* aborde alguns episódios e movimentos da história irlandesa é, ainda assim, acessível a todos os leitores. O principal objectivo desta obra é o de divertir, visível nos episódios narrados pela personagem principal; ao mesmo tempo que entretém revela factos sobre a história da Irlanda, as suas condições de vida, a Grande Fome, as festas, as suas crenças e os estereótipos redutores que foram atribuídos aos irlandeses (tópicos abordados, de forma mais ou menos óbvia, no enredo). Há como que um trânsito constante, uma movimentação entre a realidade e a fantasia. Segundo Robert Looby<sup>9</sup>, um dos maiores elogios que a obra merece é que se devia aprender a língua em que esta está escrita de modo a poder ler-se o original.

No início dos anos 60, Flann O'Brien teve ainda tempo para publicar dois romances; em 1961, publicou *The Hard Life*, uma autobiografia ficcional sobre dois

---

<sup>7</sup> Cf. Mader-Lin, Eric, *op.cit.*

<sup>8</sup> Cf. Capítulo 1.3. Gaeltacht: passado e futuro.

<sup>9</sup> Professor de tradução, inglês e cultura celta no Departamento de Inglês da Katolicki Uniwersytet Lubelski Jana Pawła II.

irmãos órfãos que viviam com o seu tio. A obra critica alguns representantes da Igreja Católica Romana, o desenvolvimento da identidade irlandesa e a educação formal; dá ainda uma descrição perspicaz da vida da classe operária de Dublin. Em 1964, divulga a sua obra *The Dalkey Archive* que contém uma personagem que encontra um Joyce arrependido, velho e aparentemente desequilibrado que trabalha como empregado num bar de uma estância; De Selby, um cientista que recupera de outra obra sua (*The Third Policeman*), que tenta retirar todo o ar do mundo e, ainda, o polícia Pluck que aprende a teoria molecular do Sargento Fottrell. Aquando da sua morte, o autor estava a escrever *Slaterry's Sago Saga*, obra essa que permaneceu inacabada. Em 1974, Eamon Morrissey escreve a peça *The Brother* baseada nas obras de Flann O'Brien.

O'Nolan, O'Brien e na gCopaleen nunca receberam, em vida, o devido reconhecimento.

## 1.2. A História por trás da história

*The Poor Mouth* (1971) é uma tradução da obra irlandesa *An Béal Bocht* (1941) de Flann O'Brien, considerada uma das melhores obras escritas em irlandês do século XX. Segundo Robert Looby, esta obra é considerada a sua maior paródia ao Revivalismo Irlandês e às políticas linguísticas; parodia o estereótipo do “verdadeiro gaélico”, aquele que sempre viveu na miséria e que fala gaélico. O autor não poupa ninguém.

Sendo o elemento paródico central para a compreensão desta obra é necessária uma breve definição deste género. Segundo a autora Linda Hutcheon, a paródia é tida como uma forma de retomar o passado, ou uma obra passada; parodiar não deve ser entendido como ridicularizar, podendo antes ser um meio de exaltação de uma obra de forma irónica e crítica. É de notar que no Prefácio do Tradutor<sup>10</sup>, o tradutor refere o termo sátira. Para Hutcheon, embora os dois possam ser utilizados ao mesmo tempo, não são sinónimos. Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*<sup>11</sup>, a sátira é uma “composição poética, obra romanesca, peça de teatro, carta, crónica... onde se faz essa crítica, ridicularizando-se aspectos individuais ou sociais considerados negativos pelo autor”. A sátira e a paródia diferem: enquanto a paródia parte de algo já existente e exagera algo de modo a ser, humorístico mas ao mesmo tempo enaltecedor, já a sátira não tem como objectivo o humor, sendo utilizada como forma de criticar o que há de mal na sociedade e tem por isso tem um objectivo social e moral:

---

<sup>10</sup> Cf. Anexo B pp. 1-2.

<sup>11</sup> *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, (II Volume G-Z), Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001.

A paródia é, pois, uma via importante para que os artistas modernos cheguem a acordo com o passado – através da recodificação irónica ou, segundo o meu bizarro neologismo descritivo, «transcontextualizem».<sup>12</sup>

É precisamente isso que *An Béal Bocht* faz: parte do passado irlandês e da obra *An tOileánach* (*The Islandman* de Tomás Ó Criomhthain), mas parodia de forma crítica os estereótipos irlandeses. Para Hutcheon, os pós-modernistas não representam um corte com o passado; ao parodiarem o passado acabam por lhe conferir importância no presente, havendo um sentimento de continuidade e não uma ridicularização do antigo em detrimento do novo.

A paródia consiste assim num processo dialógico que articula texto e contexto e texto com outros textos. Tanto a referencialidade histórica como a intertextualidade se encontram patentes em *An Béal Bocht*; tornando-se assim imprescindível introduzir alguns dados históricos irlandeses de modo a compreender as referências incluídas na obra. Sempre que pertinente, remeter-se-á para essas referências.

A acção decorre numa aldeia fictícia, Corkadoragha, onde chove incessantemente e onde todos vivem, e sempre viverão, na pior das misérias. Corkadoragha é também o local onde se fala um gaélico perfeito. Esta aparente contradição é um tema recorrente em toda a obra.

A personagem Bonaparte O'Coonassa, o narrador desta obra, conta as suas memórias desde o seu nascimento em Corkadoragha até ao momento em que é, inocentemente, preso. Enquanto narra aspectos particulares da sua vida, acaba por pintar um quadro da Irlanda desse tempo: a geografia, as crenças e hábitos gaélicos, o que significa ser gaélico e em que consiste o eterno destino gaélico.

---

<sup>12</sup> Hutcheon, Linda, *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX* (traduzido por Teresa Louro Pérez), Lisboa, Edições 70, 1985, p. 128.



Quando se fala de Irlanda e dos irlandeses é impossível não referir a grande influência exercida pelos celtas. A cultura celta, composta por várias tribos, chegou pela primeira vez à ilha no século IV a.C.. Uma dessas tribos, os gaélicos, disseminou a sua cultura e língua pelos habitantes da ilha. O facto de esta influência celta ter uma maior expressão na Irlanda do que noutros locais da Europa continental, e mesmo das ilhas Britânicas, deve-se ao facto de a Irlanda nunca ter sido conquistada pelos Romanos (a sua localização geográfica dificultava a invasão), pelo que os povos celtas permaneceram na ilha por um maior período de tempo. A próxima grande mudança cultural na ilha deveu-se a São Patrício, que no século V introduziu o cristianismo, que foi adoptado pelos irlandeses em detrimento da religião pagã. O próximo povo a ter um papel importante na definição da identidade irlandesa foram os Vikings. Este povo escandinavo, invadiu a ilha nos séculos IX e X, lançando o caos do qual emergiu uma nova divisão territorial – a Irlanda foi dividida em cinco partes: Ulaid (Ulster), Connachta (Connacht), Laigin (Leinster), Mumu (Munster) e Mide – e, que em última análise, acabou por dar origem às actuais províncias. A influência viking só se começou a desvanecer após a derrota imposta por Brian Bórumha mac Cennétig, Grande Rei da Irlanda.<sup>13</sup>

À primeira vista poderá parecer que este período conturbado da Irlanda está pouco relacionado com a época retratada na obra em análise. No entanto, foi este passado, e esta divisão do território, que acabariam por facilitar o domínio do Rei de Inglaterra. Os ingleses iniciaram então uma longa relação com a Irlanda. Essa relação, próxima mas conturbada, foi caracterizada por um domínio inglês que se reflectia em quase todos os aspectos da vida na ilha. O domínio inglês foi consolidado por Henrique VIII (este foi o responsável pelo corte com a Igreja Católica e automeou-se líder da

---

<sup>13</sup> Também conhecido pela forma anglicizada de Brian Boru, nasceu a 941 e morreu em 1014 durante uma batalha contra os Vikings. É de referir que foi o único rei irlandês a governar a Irlanda.

Igreja de Inglaterra ou Anglicana) e por Isabel I, que votou os católicos ao ostracismo na vida pública. Dado o fracasso da conversão dos católicos irlandeses ao protestantismo, que o governo inglês procurou nos séculos XVI e XVII, foram implementadas as Leis Penais. Estas Leis acabaram por estar ligadas a um dos períodos mais sangrentos da história da Irlanda, uma vez que previam o despejo dos irlandeses das suas terras e a transferência destas para os colonos ingleses.<sup>14</sup>

Esta intervenção por parte dos ingleses nunca foi completamente aceite pelos irlandeses. Influenciados pelos ideais da Revolução francesa, os Irlandeses Unidos (*United Irishmen*) revoltaram-se contra o governo inglês em 1798. Defendiam que um Estado Irlandês só podia ser criado abolindo todas as estruturas sociais e ideias introduzidas pelos ingleses. Essa iniciativa estava condenada ao fracasso e em 1800 foi assinado o Acto de União (Act of Union) que integrava oficialmente a Irlanda no Reino Unido.

As condições de vida da população irlandesa agravaram-se consideravelmente em meados do século XIX. Em 1845, uma praga atingiu as plantações e provocou a diminuição drástica da produção de bens alimentícios. É fácil compreender o impacto dessa praga (provocada por um vírus desconhecido) quando se calcula que cerca de um terço da população irlandesa era dependente da agricultura e da plantação da batata. Este alimento é, aliás, bastante referido na obra de O'Brien. Teve início nesta altura o período conhecido como Grande Fome. Em busca de melhores condições muitos irlandeses optaram por aquela que parecia ser a única solução, a migração; os principais destinos foram a América, e em menor escala, a Inglaterra. No período que se seguiu, surgiram os grandes movimentos associativistas irlandeses: o Revivalismo irlandês, a Liga da Terra e a Associação Atlética Gaélica.

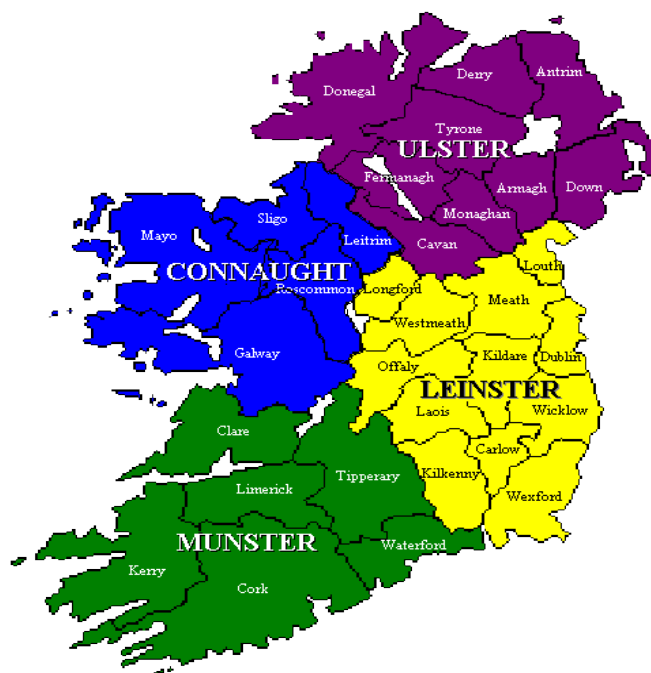
---

<sup>14</sup> Cf. A Short History of Ireland, Norman Staples, David Morgan, 2004.

Esta tendência gerou outro movimento com um objectivo bastante ambicioso. Em 1873, surge a Liga da *Home Rule*, que defendia a aplicação desta lei, a *Home Rule*, na Irlanda. Esta lei permitiria a criação de governos autónomos, ou seja, os irlandeses pretendiam obter poder governativo sobre o seu destino, pois até então, todas as decisões tomadas pelo parlamento irlandês tinham de ser confirmadas pelo seu congénere inglês; a lei da *Home Rule* só foi aceite por este em 1914. Esta vitória acabou por ser breve, uma vez que o início da Primeira Guerra Mundial levou à sua suspensão.

A coincidência entre estes dois acontecimentos provocou uma divisão entre a população irlandesa. Se parte dela acreditava que o apoio à Inglaterra nesta guerra levaria ao levantamento da suspensão da lei, os restantes continuavam desconfiados da boa vontade britânica. Esse clima de desconfiança acabou por se instalar no país, culminando na Revolta da Páscoa, que teve lugar em 1916 em plena Semana Santa. Esta revolta foi levada a cabo pelos republicanos irlandeses, que procuravam extinguir o domínio britânico e criar a República da Irlanda. A Revolta foi suprimida em apenas seis dias e, apesar de quase todos os seus cabecilhas terem sido executados, E. MacNeil, Eamon de Valera e W. Cosgrave sobreviveram. Em 1918, Eamon de Valera (um dos líderes que emergiu da Revolta da Páscoa), liderou o Sinn Féin à vitória das eleições parlamentaristas, recusando no entanto o seu lugar em Westminster. Este processo culminou com a fundação do primeiro Parlamento em Dublin em 1919. É também nesse ano que começa a guerra irlandesa pela independência. Com a assinatura do Tratado Anglo-Irlandês em 1922 nasce o Estado Livre da Irlanda. Este tratado revelou-se controverso devido à partição dos seis condados de maioria protestante no nordeste da ilha, que continuariam a integrar o Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte, e ao voto de fidelidade (Oath of Allegiance) à Coroa britânica que continuava a ser aos representantes irlandeses. Teve assim início uma guerra civil entre os que preferiam a

divisão da ilha e os que apenas aceitavam uma Irlanda unida, vindo a prevalecer o *status quo* previsto no Tratado. Em 1949 foi declarada a República da Irlanda, da qual fazem parte todos os condados à excepção de seis dos nove condados do Ulster.



**Figura 1.** Mapa da ilha da Irlanda e respectivas províncias

Todo este historial entre ingleses e irlandeses acabou por contribuir de forma, indelével para a construção da identidade irlandesa, que se afirma como gaélica e católica, por oposição reactiva a um poder inglês associado ao protestantismo e à língua inglesa.

Segundo Declan Kiberd, na República da Irlanda “culture is often seen as healing, whereas history is viewed as divisive”.<sup>15</sup> O povo irlandês demonstrou sempre um grande orgulho na sua cultura e na tradição, pelo que não é de estranhar o papel preponderante e aglutinador desempenhado pela língua. Segundo Gearóid Ó Tuathaigh, o gaélico era utilizado como via de comunicação preferencial nos debates realizados

<sup>15</sup> Kiberd, Declan, Literature and politics, in *The Cambridge History of Irish Literature*, (2 vol.), Margaret Kelleher, and Philip O’Leary (eds.), Cambridge, Cambridge University Press, 2006, p. 9.

sobre a identidade cultural e política na Irlanda, durante a maior parte do período moderno da Ilha.<sup>16</sup>

Da mesma forma que os ingleses tentaram impor o seu domínio através da introdução do protestantismo na Irlanda e do consequente afastamento dos católicos, no que diz respeito à língua foi tentada uma abordagem semelhante. A língua gaélica era uma forma de discriminação nos séculos XVI e XVII, tendo perdido importância desde essa altura para o inglês, que era a língua dominante do governo e da administração. Segundo Gearóid Ó Tuathaigh, no fim do século XVIII, o gaélico irlandês era já considerada uma língua do passado, associada aos pobres e iletrados<sup>17</sup>. Figuras como Daniel O’Connell, *The Liberator*<sup>18</sup> (O Libertador), defendiam que se devia aprender a língua inglesa pois era uma forma de ascender na sociedade, ser ouvido pelos falantes ingleses e, consequentemente, ter um papel activo na vida política do país. Eavan Boland, ao analisar esta época, considera que o inglês, a “nova língua”, é uma lembrança sempre presente de todas as humilhações e injustiças infligidas pela história; por seu turno o irlandês é a língua pela qual se reconta a história, pelo que a língua que era outrora associada a subserviência e a discriminação é agora a língua que sara, imaginativamente, todos os males.<sup>19</sup>

A tradição oral sobreviveu, mas o facto de o irlandês ser uma língua predominantemente oral representou um grande desafio na literatura. Em resposta ao desuso da língua e à crescente diminuição dos seus falantes criou-se a Liga Gaélica (1893), com o intuito de reavivar a língua e torná-la parte integrante do dia-a-dia. Não obstante as dificuldades enfrentadas pelo gaélico, o século XX produziu um *corpus*

---

<sup>16</sup> Cf. Tuathaigh, Gearóid Ó, “Language, ideology and national identity”, in *The Cambridge Companion to Modern Irish Culture*, CLEARY, Joe and Claire Connolly (eds.), Cambridge, Cambridge University Press, 2005, pp 42-58.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>18</sup> Nasceu em 1775 e faleceu em 1847. Era um líder político irlandês que defendia a emancipação católica e repudiou o Acto de União.

<sup>19</sup> Cf. Boland, Eavan (ed.), *Irish Writers on Writing*, Texas, Trinity University Press, 2007, p. xiv.

significativo de ficção em irlandês que contribuíram para responder a esses desafios, e onde se podem inserir as obras produzidas por O'Brien.

O Revivalismo Celta, que se manifestou na Irlanda em meados do séc. XIX, repercutir-se-á em muitos dos debates políticos e culturais que caracterizam o período modernista na Irlanda e são contemporâneos da luta pela independência face ao poder inglês. A literatura irlandesa desta altura era um tecido de múltiplas influências e heranças, um ciclo entre a Velha Irlanda e a Nova Irlanda. Segundo a poetisa Boland, esse processo prolonga-se até aos nossos dias, com os autores contemporâneos a dialogarem atenta e criticamente com o passado:

The old Ireland anticipates the new one on almost every page in this book. In the same way the new Ireland can't resist returning to that earlier country – and to those writers who lived there – to challenge, accuse, subtract, and alter.<sup>20</sup>

É precisamente no âmbito desse permanente diálogo com o passado e atento às suas repercussões no presente que a obra de O'Brien se insere.

Segundo Kiberd<sup>21</sup>, a literatura, nos anos 20, era ainda uma força suficientemente poderosa e subversiva. Foram assim instituídas leis de censura: inicialmente pelos ingleses<sup>22</sup> que procuravam manter o seu domínio, e mais tarde pelos próprios irlandeses (1929)<sup>23</sup> que procuravam defender os bons costumes. A Irlanda era descrita como um lugar intolerante, fechado e retrógrado, levando alguns escritores da altura, como James Joyce e Samuel Beckett, ao exílio permanente.<sup>24</sup> Segundo Declan Kiberd, o exílio

---

<sup>20</sup> Boland, Eavan, *op. cit.*, p. xiii.

<sup>21</sup> Cf. Kiberd, Declan, *op. cit.*, p. 42.

<sup>22</sup> A censura esteve sempre presente na Irlanda durante o domínio inglês. No início do século XIX foi quando esta incidiu maioritariamente sobre o material impresso; destruíam o material considerado impróprio e perseguiam os autores.

<sup>23</sup> O governo irlandês cria o Censorship of Publications Act.

<sup>24</sup> Cf. Kiberd, Declan, *op. cit.*, p. 32.

estava na ordem do dia e este tornou-se o berço da nacionalidade<sup>25</sup>, o que, como lembra Kiberd, levou Yeats a afirmar que “the fellows begin to feel like strangers in their own country”.

Por sua vez, os anos 40 testemunharam um desenvolvimento da escrita irlandesa em língua irlandesa, especialmente de *short stories*. Autores como Donncha Ó Céileachair, Séamus Ó Grianna e Máirtín Ó Cadhain, representavam a última geração de escritores que defendiam, por um lado, uma Irlanda monolíngue e, ao mesmo tempo, um mundo falante de inglês. Na linha da tradição gaélica de autobiografia e auto-etnografia, nesta década assistiu-se a uma inovação sem precedentes da escrita em prosa em irlandês. Foi aliás no início dos anos 40 que foram publicadas duas das mais distintas obras de prosa do século XX escritas em irlandês: *Mo Blealach Féin* (1940) e *An Béal Bocht* (1941). Esta última é uma pseudo-autobiografia em que o autor tinha como objectivo expor e criticar as noções do que é ser gaélico, onde a pobreza, ignorância e sujidade são marcadores culturais positivos.

A autobiografia em irlandês manteve-se ao longo de décadas como um género literário importante na escrita irlandesa. Estes relatos autobiográficos dão uma visão utópica sobre a Irlanda e os falantes irlandeses, revelando ao mesmo tempo aspectos muito interessantes sobre a vida rural sócio-económica e cultural.

A temática marcadamente rural e tradicionalmente irlandesa foi preterida na prosa das décadas de 60 e 70, que tinha como principal objecto as mudanças sociais. No decurso da década de 1960, a Irlanda evoluiu para uma nação moderna. A revolução sexual e o novo feminismo de Inglaterra e dos Estados Unidos chegaram finalmente à Irlanda e os novos romancistas como Breandán Ó Doibhlin, Diarmaid Ó Súilleabháin e Eoghan Ó Tuarisc exploraram a narrativa e os elos criativos entre o passado e o

---

<sup>25</sup> Incidiu maioritariamente sobre o material impresso: *idem*, p. 24.

presente, a tradição rebelde e a experiência contemporânea. Muita da tensão crescente na literatura do Gaeltacht,<sup>26</sup> durante este período, advinha da percepção de que as mudanças socioeconómicas, necessárias para melhorar as condições de vida dos irlandeses, não poderiam ser atingidas sem perdas culturais.

Todos os aspectos referidos acima, a história política da Irlanda, a sua língua e a sua literatura, estão intimamente ligados. A construção da identidade irlandesa enquanto tal é um produto dos séculos de influência celta, escandinava, normanda e britânica. A assimilação de alguns aspectos e a revolta face a outros associados a essas culturas trouxe-nos à Irlanda actual. Uma parte fundamental que contribui para a identificação dos irlandeses como um povo é a sua língua. Num país com um passado tão agitado, a língua manteve-se como um refúgio daquilo que era tido como a verdadeira identidade irlandesa. O estatuto da língua irlandesa continuou a ser importante na Irlanda do século XXI, estando consagrado na Constituição e sendo patente no esforço desenvolvido pelas autoridades irlandesas no sentido de ver o gaélico irlandês reconhecido como língua oficial na União Europeia (UE), o que se verificou em 2007. A literatura irlandesa acaba por ser um reflexo destes mundos: para melhor a compreender importa conhecer minimamente a história e o papel que o gaélico teve na cultura irlandesa.

Pode afirmar-se que *The Poor Mouth*, obra objecto de estudo deste projecto, sintetiza e parodia, de forma brilhante, a cultura, a nacionalidade e a língua irlandesa. Alguns dos aspectos supracitados são subtilmente referidos nesta obra, pelo que o seu conhecimento foi fundamental no processo tradutório.

---

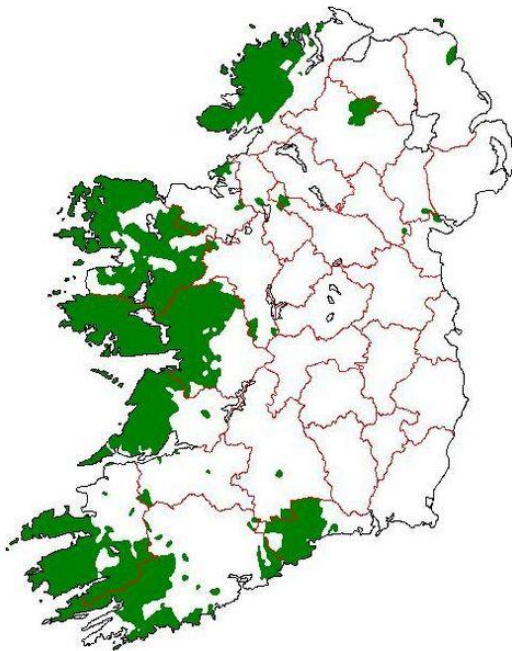
<sup>26</sup> Cf. Capítulo 1.3. Gaeltacht: passado e futuro.



### 1.3. Gaeltacht: passado e futuro

Tendo em conta que a obra *The Poor Mouth* tematiza o estatuto da língua irlandesa, é de extrema importância dedicar uma secção a esta. Este ponto incidirá assim sobre a literatura e as medidas tomadas para a preservação da língua no Gaeltacht.

A expressão Gaeltacht surgiu, segundo o dicionário *Merriam-Webster*, em 1929; este termo designa as regiões onde o uso da língua irlandesa ainda predomina, isto é, onde é utilizada no dia-a-dia. Segundo *The Oxford Companion to Irish Literature*, o Gaeltacht é “the name given to the Irish-speaking districts in Ireland”<sup>27</sup>, ou seja, o nome atribuído a cada Condado com falantes cuja primeira língua é o irlandês. O Gaeltacht é composto pela maioria dos territórios dos Condados de Donegal, Mayo, Galway e Kerry, e por alguns territórios dos Condados de Cork, Meath e Waterford.



**Figura 2.** Gaeltacht (1926)

---

<sup>27</sup> Welch, Robert and Bruce Stewart, *The Oxford companion to Irish Literature* XXX, disponível no sítio <[http://books.google.pt/books?id=vDsAaXKLGvYC&pg=PA210&dq=Gaeltacht&hl=pt-PT&ei=x\\_5OTK26K8H44AbYaTrBw&sa=X&oi=book\\_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDAQ6AEwAjkK#v=onepage&q&f=false](http://books.google.pt/books?id=vDsAaXKLGvYC&pg=PA210&dq=Gaeltacht&hl=pt-PT&ei=x_5OTK26K8H44AbYaTrBw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDAQ6AEwAjkK#v=onepage&q&f=false)>.

Na Irlanda a língua manteve-se como uma forma de expressão da identidade cultural e política, ainda que sujeita a uma história conturbada. Nos séculos XVI e XVII a língua era uma forma de discriminação; enquanto a língua irlandesa era utilizada pelos pobres e ignorantes, o inglês era a língua do governo e das classes mais altas. Sem haver uma literatura de suporte, a língua irlandesa sobrevivia devido à forte tradição oral que remontava ao domínio celta; a Grande Fome reduziu substancialmente uma população cuja primeira língua era o irlandês e o número de falantes de irlandês, enquanto os restantes, os que sobreviveram ou que não emigraram, não sabiam ler nem escrever. Foi neste contexto que surgiu a Liga Gaélica.

A Liga foi fundada em 1893 por Douglas Hyde e Eoin MacNeill, entre outros, e tinha como principal objectivo contrariar os censos que davam a língua irlandesa como estando em rápido declínio; pretendiam aumentar o número de falantes bem como promover a literatura histórica e moderna gaélica. Tais propósitos moldaram as políticas definidas aquando da criação do Estado Livre da Irlanda. Segundo o Artigo 8º da Constituição de 1937 “The Irish language as the national language is the first official language”.<sup>28</sup>

No período pós-independência foram tomadas medidas para reavivar a língua irlandesa como, por exemplo, o facto de a aprendizagem do irlandês ter sido declarada obrigatória na escola e de terem sido atribuídos subsídios para publicações. Segundo, Gearóid Ó Tuathaigh, os resultados ficaram um pouco aquém do esperado. Embora tivesse aumentado o número de pessoas que falavam ambas as línguas, e de o irlandês estar presente nas esferas pública e política (de onde estava ausente há séculos), o seu uso era ainda mínimo e limitado, levando a que os membros da Liga Gaélica considerassem que o estatuto do irlandês não garantia direitos aos seus falantes. O

---

<sup>28</sup> Cf. Department of Foreign Affairs, *Facts about Ireland*, Dublin, 1995, p. 36.

número de falantes no Gaeltacht continuava a diminuir, devendo-se em parte à forte emigração que se fazia sentir e, em parte, ao facto de muitos dos falantes destas regiões continuarem a optar por falar inglês.

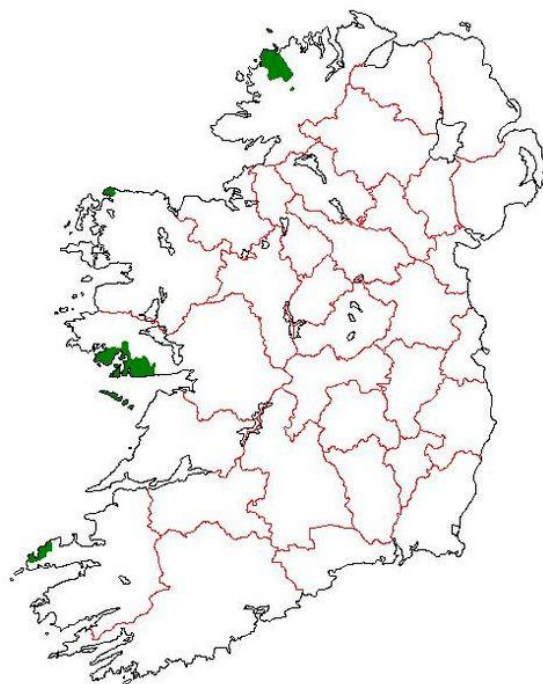
Serão estes os únicos motivos que levaram ao declínio inexorável da língua irlandesa?

O Gaeltacht foi durante muito tempo uma zona pobre, levando a que os seus habitantes emigrassem para outros locais em busca de prosperidade. Nos anos 70 assistiu-se a um período de grande desenvolvimento na indústria da Irlanda, levando a uma melhoria das condições de vida dos seus habitantes (incluindo os do Gaeltacht). Segundo Hindley<sup>29</sup>, infelizmente nem todos os efeitos foram positivos, já que essa melhoria das condições de vida contribuiu também para a destruição do sentimento de comunidade que até aí ajudava a manter viva a língua irlandesa (o sentimento e o tempo passado em comunidade onde era incentivada a troca de histórias diminuiu com o aumento das escolhas que a recente prosperidade possibilitava). Os meios de comunicação, agora acessíveis a um maior número de pessoas, eram na sua maioria em língua inglesa. Os subsídios dados à publicação em irlandês eram poucos; e, embora a maioria dos escritores escrevesse nas duas línguas, o inglês continuava a ser mais bem sucedido, tendo mais hipóteses de publicação no mundo editorial anglófono e acedendo assim a um público leitor mais vasto, tanto dentro como fora da ilha. Outro factor que contribuiu para que haja poucos falantes de irlandês como primeira língua é o número reduzido da população em regiões periféricas da ilha, mantendo grande parte da população irlandesa uma forte ligação às culturas anglófonas. Por último, a própria língua é um obstáculo: os diversos dialectos irlandeses e o facto de não contemplar

---

<sup>29</sup> Cf. Hindley, Reg, *op.cit.*, p. 179-220.

expressões e termos modernos e científicos provoca um afastamento das pessoas da aprendizagem e utilização da língua.



**Figura 3.** Gaeltacht (2007)

Que futuro poderá ter esta língua minoritária?

A 1 de Janeiro de 2007 a língua irlandesa tornou-se formalmente língua oficial da União Europeia. A língua e cultura irlandesa têm sido alvo de uma crescente curiosidade por parte de outras comunidades; os estudiosos e defensores da língua irlandesa crêem que o futuro desta passa por aí. Não se pretende eliminar o inglês do país mas sim tornar a Irlanda numa comunidade bilingue mais equilibrada. Hindley refere que o futuro da língua não passa exclusivamente pelo Gaeltacht, mas sim pelas zonas urbanas e periféricas, pelas novas gerações; contudo, o “desinteresse” pelas

regiões que constituem o Gaeltacht levará à perda de uma pronúncia e de um vocabulário únicos e distintos.

Outro aspecto de extrema importância do Gaeltacht é a literatura proveniente dessa área. Como será de esperar, a literatura irlandesa reflecte as mudanças histórico-culturais e linguísticas que o país atravessou.

O final dos anos 20 e o período do Revivalismo levou inúmeros estudiosos às ilhas Blasket<sup>30</sup> para aprenderem irlandês. Devido à localização isolada e natureza inhóspita destas ilhas, os seus habitantes preservaram um irlandês tido como mais puro, atraindo o interesse de estudiosos, que, em diversas obras, registaram para a posteridade a língua e o modo de vida dessas comunidades.

Devido à grande afluência de estudiosos a estas ilhas teve lá início um género literário conhecido como “The Blasket Autobiographies”, isto é, as autobiografias das ilhas Blasket. Pádraigin Riggs e Norman Vance<sup>31</sup> referem três obras principais neste género: *An tOileánach* (*The Islandman* de Tomás Ó Criomhthain, 1929), *Fiche Blian ag Fás* (*Twenty Years a-Growing* de Muiris Ó Súilleabháin, 1933) e *Peig* (de Peig Sawyer, 1936).

Estas obras foram escritas em gaélico e foram de extrema importância para a literatura em língua irlandesa. Estas obras descrevem os dias passados pelos vários autores nas ilhas Blasket, entre uma população de agricultores e pescadores. No entanto, a sensação que estas transmitiam era a da descrição de “an ancient civilisation in the process of disappearing”<sup>32</sup>, isto é, uma civilização antiga à beira da extinção que se pode entrever no isolamento das ilhas e na sua manutenção de uma língua única. Este género

---

<sup>30</sup> As ilhas Blasket ficam a oeste da costa irlandesa e pertencem ao Condado de Kerry. São compostas por seis ilhas: Great Blasket Island, Beginish, Inishnabro, Inishvickillane, Inishtooskert e Tearaght Island.

<sup>31</sup> Riggs, Pádraigin and Norman Vance, Irish prose fiction, in Cleary, Joe and Claire Connolly (eds.) *The Cambridge Companion to Modern Irish Culture*, Cambridge, Cambridge University Press, 2005, p. 249.

<sup>32</sup> *Idem*, p. 250.

retratava uma Irlanda utópica, não corrompida pelo materialismo, tradicional e que falava irlandês.

Conforme referido anteriormente, na sua obra *An Béal Bocht* (*The Poor Mouth*, 1941) o autor Flann O'Brien parodia a autobiografia de Tomás Ó Criomhthain *An tOileánach*, levando a que esta obra, em última análise, constituísse uma paródia a todas as biografias das ilhas Blasket.

Não se pode deixar de tentar localizar a aldeia fictícia criada pelo autor, a mítica Corkadoragha. Tentar-se-á justificar a plausibilidade de esta pertencer às ilhas Blasket.

As ilhas Blasket estão localizadas no oeste da Irlanda; são ilhas agrestes, montanhosas e isoladas. Eram por isso um local de eleição para vários escritores, que procuravam naquele isolamento o irlandês mais puro. Eram também locais habitados por uma comunidade extremamente pobre que subsistia, com dificuldade, da agricultura e da pesca devido à aridez dos terrenos e à exposição constante às condições do mar.

A maior semelhança entre Corkadoragha e as ilhas Blasket reside no facto de os habitantes de ambas terem mantido a língua irlandesa pura.<sup>33</sup> Enquanto na obra este facto é atribuído ao facto de a pobreza ser proporcional à pureza da língua<sup>34</sup>, nas ilhas Blasket a justificação deve-se ao isolamento das ilhas, que as tornam pouco permeáveis a alterações e influências linguísticas. As semelhanças não ficam por aqui. Ambos os locais são visitados por pessoas com vontade de aprender a língua<sup>35</sup>, a topografia indicada como sendo caracterizada por montanhas (a casa do narrador está localizada

---

<sup>33</sup> Cf. Anexo B, p. 16.

<sup>34</sup> Cf. Anexo B, p. 16.

<sup>35</sup> Cf. Anexo B, pp.16-7.

num ponto alto de onde seria possível observar várias localidades<sup>36</sup>; as ilhas Blasket são caracterizadas pelas suas montanhas rochosas).

Por último, há que ter em conta a inspiração que O'Brien vai colher ao experimentalismo modernista. É comumente aceite que O'Nolan acreditava que já existiam personagens de ficção a mais e, como os modernistas, defendia que nada é total, sendo sempre possível criar a partir do que é tido como acabado.

Ao escrever esta obra o autor parodia o género literário das autobiografias das ilhas Blasket e, sendo publica a sua admiração por *An tOileánach* de Tomás Ó Criomhthain, é impossível não haver comparações entre ambas. Ambas têm um narrador masculino que narra a sua vida desde a infância e que vive rodeado por infortúnio e dificuldades características do povo irlandês. O'Brien utiliza, constantemente, a expressão “ní bheidh ár leithéidí arís ann” (“our likes will never be seen again”) tornada célebre por Ó Criomhthain.

Embora seja possível comparar ambos locais, há de ter em conta que a aldeia de Corkadoragha permanece um local fictício. Esta constatação torna-se possível devido à descrição que o autor faz da janela da sua casa<sup>37</sup>; alguém com um conhecimento geográfico da Irlanda perceberá que todos aqueles locais enunciados estão dispersos por todo o país, sendo impossível avistá-los de um só local.

Porém, sendo a obra de Ó Criomhthain sobre a vida nas ilhas Blasket e estabelecendo O'Nolan um diálogo com ela, impõe-se atender ao paralelismo entre os dois locais.

---

<sup>36</sup> Cf. Anexo B, pp. 16-7.

<sup>37</sup> Cf. Anexo B, pp. 11-2.

## **II. Comentário de tradução**

### **2.1. Apresentação do relatório**

#### **2.1.1. Acto tradutório**

Antes de se prosseguir com a apresentação do relatório considero que será oportuno dar uma breve definição daquilo em que consiste a tradução, pois é a partir desse pressuposto que se realizou a tradução em Anexo. Esta não será, contudo, uma definição consensual: a definição de tradução é algo que tem sido debatido desde o estabelecimento da tradução como disciplina e da criação da Teoria da Tradução.

A tradução é um bem essencial nos dias de hoje e é, para muitos, a única forma de acesso a outras culturas. Mas enganem-se aqueles que pensam que a tradução serve apenas como veículo de comunicação entre diferentes culturas; a tradução serve também como forma de diálogo intracultural, como seja a adaptação de uma obra de outro século para o sistema linguístico actual.

As noções mais tradicionais de tradução<sup>38</sup> eram de que esta consistia unicamente numa cópia do original, isto é, quem traduzia limitava-se a fazer uma cópia do original pois traduzia de forma literal ou mesmo palavra a palavra; estas traduções centradas no texto original provêm de S. Jerónimo e da sua tradução da Bíblia, já que, sendo um texto sagrado, não se podia proceder a quaisquer alterações. Segundo Susan Bassnett, esta definição é muito simplista, pois não contempla os constrangimentos que o tradutor

---

<sup>38</sup> Cf. Bassnett, Susan and André Lefevere, *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*, Clevedon, Multilingual Matters, 1998, pp. 1-11.



enfrenta para que a mensagem seja compreendida e aceite na cultura de chegada (cultura a que se destina a tradução). Bassnett afirma que:

Today we can see that such terminology is ideologically loaded, and we can also see that it developed at a certain point in time (...) The key phrase here is 'cultural pluralism'.<sup>39</sup>

Nesta citação podemos ver que a própria noção de transferência peca pela sua simplicidade pois foca-se apenas na cultura de partida, isto é, na cultura onde o autor estava inserido. Perguntas como o impacto e a aceitabilidade da tradução na cultura de chegada ficam por responder. Foi devido a essa questão que os estudos de tradução, no século XX, foram alvo de uma mudança de perspectiva; se antes se preocupavam com a fidelidade e forma, a sua preocupação prendia-se agora com a cultura, nomeadamente os constrangimentos que as diferenças culturais impunham à tradução e as mudanças/estratégias a que a tradução recorria para as minimizar. Não foi por isso de estranhar que, em 1978, Gideon Toury tenha avançado com a seguinte teoria:

Translation is a kind of activity which inevitably involves at least two languages and two cultural traditions, i.e., at least two sets of norm-systems on each level. Thus, the "value" behind it may be described as consisting of two major elements:

1. Being a text in a certain language, and hence occupying a position, filling in a slot, in the appropriate culture, or in a certain section thereof;
2. Constituting a representation in that language/ culture of another, pre-existing text in some other language, belonging to some other culture and occupying a definite position within it.<sup>40</sup>

Esta definição já permite descortinar melhor o que se deve ter em conta ao traduzir. Uma tradução centrada apenas na linguagem arrisca-se a não passar a mensagem do texto original; há termos que estão de tal forma enraizados numa cultura

---

<sup>39</sup> Bassnett, Susan and André Lefevere, *op. cit.*, p. 129.

<sup>40</sup> Toury, Gideon, "The Nature and Role of Norms in Translation" in *The Translation Studies Reader* 2<sup>nd</sup> ed, Lawrence Venuti (ed.), New York, Routledge, 2009, p. 207.

que a simples transferência de uma língua para outra não será suficiente para transmitir a mensagem já que carregam consigo subtilezas culturais que nem todos os leitores entenderiam. Estas estratégias têm por base a forma como se encara a tradução, se se opta por uma tradução centrada no texto original ou centrada no público-alvo. No artigo *The Task of the Translator* (1923), Walter Benjamin fala de três princípios essenciais: equivalência, naturalidade e proximidade. O primeiro remete para uma tradução baseada na mensagem do texto de partida, o segundo centra-se na língua do receptor (pretende soar natural ao leitor) e o último termo funciona como uma mistura dos anteriores (o tradutor ambiciona o máximo de proximidade possível).

Conforme visto anteriormente, o conceito de tradução evoluiu bastante desde a tradução da Bíblia em que se valorizava principalmente a fidelidade ao texto original. Mais tarde, a tradução deixou de ser uma mera transferência para passar a ser considerada um processo cultural. Para ter êxito, este processo implica algumas mudanças, mudanças essas que acarretam consigo perdas e ganhos, tanto para o texto original como para o de chegada. É por tudo o que foi dito anteriormente que não há um consenso quanto ao que é traduzir e qual a melhor opção a seguir pelo tradutor; um tradutor tem de chegar a um compromisso entre o texto de partida e o de chegada. De modo a fazer uma escolha fundamentada é necessário analisar o texto de partida. É com esse pressuposto que se inicia o processo tradutório e este projecto/tradução não é excepção.

### 2.1.2. Análise do texto de partida

Para a presente tradução optou-se por seguir as directrizes de Christiane Nord que defende:

As a product of the author's intention, the text remains provisional until it is actually received. It is the reception that completes the communicative situation and defines the function of the text. We may say the text as a communicative act is completed by the receiver.<sup>41</sup>

Por isto entenda-se que a tradução apresentada pelo tradutor é o produto final de toda a análise levada a cabo a partir do texto original. A tradução, independentemente da defesa de uma abordagem mais literal ou mais livre, deve em primeira instância manter a fidelidade ao original e, ao mesmo tempo, ser bem aceite pelo público. Para analisar o texto de partida Nord propõe-se estudar os seguintes elementos: emissor, intenção do emissor, audiência, canal/meio, local de comunicação, altura da comunicação, motivo da comunicação e função do texto. De seguida proceder-se-á a uma análise indispensável dos elementos mais relevantes para este projecto, o que irá determinar a abordagem tradutória.

O primeiro ponto é referente ao emissor ou produtor do texto; Nord faz uma distinção entre ambos:

(...) I have separated the roles of sender and text producer (Cf. ch. 1.1.1.). Although in many cases these two roles are combined in one persona (e.g. in the case of literary works, textbooks, or newspaper commentaries, which are normally signed by an author's name).<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> Nord, Christiane, *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis* 2<sup>nd</sup> edition, Amsterdam, Rodopi, 2005, p. 18.

<sup>42</sup> *Idem*, p. 47.

Por emissor a autora entende a pessoa ou entidade que “encomenda” o texto ao autor e por produtor aquele que escreve o texto original; salvo raras exceções são a mesma pessoa. Esta é a situação que se encontra na obra analisada: Flann O’Brien, pseudónimo de Brian O’Nolan, é o emissor e o produtor. O que é que uma pesquisa do percurso do autor tem de relevante para a tradução? O percurso histórico e académico do autor revela características sobre a escrita e temáticas utilizadas pelo autor e que terão de ser respeitadas pelo tradutor. Ao analisar o percurso de Flann O’Brien, descobre-se que este se inscreve na linha do experimentalismo estilístico de autores como Joyce, por exemplo. Este facto é relevante pois sabe-se que os modernistas pretendiam interpelar os cânones, fazendo diversas experiências a nível temático e linguístico. Uma das facetas pós-modernistas de O’Brien é as personagens e locais que usa: estes são muitas vezes recuperados das obras de outros escritores conceituados. Na presente obra o autor refere algumas personagens históricas e uma personagem-estereótipo, *Paddy*; ao deparar-se com estas situações o tradutor não pode optar por uma simples tradução literal, tal como será demonstrado no relatório.

Por sua vez, o motivo da comunicação diz respeito aos motivos que levaram o autor a escrever:

None of the authors consulted deal explicitly with the motive which leads to production or reception of a certain text, although we can certainly assume that it is implied in what Reiss (1974a) calls the ‘historical situation’ or in what Thiel (1978a) refers to as ‘situational presuppositions’. The question “For what reason (was the text written)?”<sup>43</sup>

Ao escrever uma obra, o autor tem um propósito, que poderá ser inferido pelas estratégias retóricas utilizadas. É por isso seguro afirmar que esta intenção/ motivo só é bem sucedida se causar no leitor o efeito desejado. Motivos há que são fáceis de identificar, como no caso de um texto publicitário, científico ou jornalístico, para citar

---

<sup>43</sup> Nord, Christiane, *op. cit.*, p. 74.

apenas alguns exemplos; contudo, numa obra literária essa tarefa pode ser extremamente complicada. Dir-se-á que na presente obra o autor tem como objectivo entreter e interpelar os leitores através do humor. O autor pretende mostrar aos próprios irlandeses os estereótipos que as outras culturas, especialmente a inglesa, lhes atribuem e, ao mesmo tempo, a imagem limitadora que eles têm de si mesmos. Aliás, a imagem que O'Brien oferece aos irlandeses é mais complexa e matizada do que os antagonismos potencialmente redutores dos estereótipos existentes entre colonizadores e colonizados. A Irlanda pós-independência aqui retratada inclui a idealização estereotipada do irlandês gaélico por parte das elites urbanas irlandesas. A obra utiliza o humor para evidenciar o duplo efeito dessa idealização: por um lado, ela parece valorizar os idealizados, vendo neles os herdeiros de uma Irlanda gaélica pura; por outro, prende-os a imagens e narrativas estáticas que os privam da possibilidade de conceberem histórias e percursos diferentes para si mesmos. Como é que o autor dá a conhecer estes estereótipos presentes ao longo da história irlandesa? Através do riso. Escreveu uma paródia sobre o que é ser gaélico e até sobre a própria língua. Exemplo disso é a recuperação de Paddy (personagem estereotipada do irlandês bêbado) e dos discursos "gaélicos sobre temas verdadeiramente gaélicos". Tudo isto enquanto faz uma recuperação de um estilo literário genuinamente irlandês: as autobiografias da Great Blasket.

Para Nord a audiência é um dos factores mais importantes, senão o essencial:

In almost all approaches to translation-relevant text analysis, the addressee (who is mostly referred to as the 'receiver') is considered... 'TL-oriented'.<sup>44</sup>

Por audiência entenda-se o público a que a obra, e neste caso a sua tradução, se destina; quem escreve ou traduz fá-lo para um determinado público. De acordo com

---

<sup>44</sup> Nord, Christiane, *op. cit.*, p. 57.

esse público será adoptado um determinado estilo, linguagem e mesmo a própria informação contida no texto. A audiência, segundo Nord, pode ser classificada por idade, género, escolaridade, posição social e origem. Na obra em questão é necessário referir o facto de haver três públicos-alvo diferentes: o do texto original, o da tradução para inglês e o da tradução para português.

O público-alvo da obra original, conforme dito anteriormente, são os irlandeses falantes de gaélico ou, como a obra os apelida, os “truly gaelic gaelics”. Por este motivo o autor recuperou personagens conhecidas da literatura irlandesa, locais com algum simbolismo e seres mitológicos, já para não falar do mais óbvio, escrever a obra em gaélico.

O público-alvo da tradução inglesa são aqueles que se interessam pela cultura irlandesa e os irlandeses que não falam gaélico. Segundo o tradutor, esta tradução “devia ter ajudado a sarar as feridas causadas à Irlanda Gaélica pelos seus amigos oficiais”, que poderão incluir as próprias elites anglófonas irlandesas que celebram a Irlanda Gaélica como depositária da mais pura identidade irlandesa. Daí poder-se dizer que a cultura alvo é maioritariamente a cultura anglófona.

Quanto ao público-alvo da tradução portuguesa, este será mais restrito do que os anteriores. A obra de Flann O’Brien incide principalmente sobre temas irlandeses e não está traduzida em português, o que, aliado à comparativamente menor proximidade cultural e geográfica entre as culturas portuguesa e gaélica, iria afectar de forma negativa o interesse suscitado por esta obra no público português. A tradução foi por isso realizada tendo como audiência base estudantes, principalmente de nível universitário, que estudem a língua inglesa ou as culturas do mundo anglófono. Contudo, também se pode destinar a estudiosos e investigadores da área de tradução, pois é uma obra tão diversificada do ponto de vista cultural e linguístico que levanta

questões interessantes a nível tradutório, tal como pode suscitar o interesse de curiosos e entusiastas da cultura celta e das línguas minoritárias. Tendo em conta este público optou-se então, tal como o tradutor inglês, por pôr de parte alguma da invisibilidade habitualmente dada ao tradutor. Tal opção prendeu-se com o facto de haver, na cultura portuguesa, um fraco conhecimento da cultura irlandesa, tornando-se necessária uma breve explicação de alguns elementos traduzidos e dos motivos por que outros foram mantidos.

Além dos referidos públicos-alvo, é necessário ter em conta que o facto de esta obra possuir um carácter paródico, implica um maior grau de proximidade entre o texto e o leitor. Qualquer texto de teor humorístico pressupõe que o leitor entenda os duplos sentidos e matizes do mesmo; quando tal não acontece, o autor não atingiu o objectivo a que se propôs. Na tradução, para que o leitor possa desempenhar um papel mais activo, é necessário explicar certas expressões e conceitos culturais sendo também, por vezes, necessário encontrar equivalentes culturais para que o leitor possa entender os trocadilhos utilizados.

### **2.1.3. Abordagem tradutória**

Antes de se proceder à explicação de qual a(s) estratégia(s) utilizadas na tradução da obra, é de grande importância explicar qual a abordagem utilizada por Patrick C. Power, responsável pela tradução do livro de irlandês para a língua inglesa.

Power incluiu na sua tradução um prefácio onde explica a obra de partida e assume que a tradução the *An Béal Bocht* é um desafio para os tradutores que pretendam reproduzir, noutra língua, as subtilezas linguísticas e o espírito do original.<sup>45</sup> Por tal

---

<sup>45</sup> Cf. Anexo B, p. 2.

afirmação entenda-se que o tradutor inglês optou por uma tradução mais próxima do original preservando, sempre que possível, a estrutura e musicalidade da obra irlandesa. O tradutor incluiu também notas de fim de livro onde procede à explicação de alguns jogos de palavras e alusões que considerou intraduzíveis; é de referir que as notas de tradutor foram reduzidas, o que poderá dever-se à proximidade histórica e geográfica entre ambas as culturas.

A tradução inglesa foi muito aclamada, tendo o *New Yorker* referido que a tradução de Power seria uma obra de feitiçaria devido à perfeição com que reproduziu e recreou a sonoridade da língua irlandesa<sup>46</sup>.

Ao traduzir este texto optou-se, sempre que possível, pela adaptação da obra. A adaptação é descrita, por Peter Newmark, como “the ‘freest’ form of translation”<sup>47</sup>, ou seja, a abordagem que permite uma maior margem de manobra em relação ao texto original. Embora mantenha os elementos essenciais da obra (enredo, personagens, etc.), “transforma-a” de modo a ser mais bem aceite na cultura de chegada; para cada termo ou expressão que se considera que não seria entendido pela cultura de chegada, opta-se por substituir os mesmos por equivalentes.

Segundo Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet, “adaptation can, therefore, be described as a special kind of equivalence, a situational equivalence”.<sup>48</sup> Pode-se então depreender que adaptar não implica fazer alterações de fundo no texto de partida, mas sim identificar as expressões ou termos que poderiam ser menos conhecidos na cultura de chegada e transferi-los para essa realidade. A adaptação, conforme utilizada nesta tradução, pretende aproximar a cultura de chegada da cultura de partida e como tal teve

---

<sup>46</sup> New Yorker, “The Poor Mouth: A Bad Story about the Hard Life”, *Dalkey Archive Press*, disponível no sítio < <http://www.dalkeyarchive.com/book/?GCOI=15647100634300> > 26-09-2010 16:54.

<sup>47</sup> Newmark, Peter, *A Textbook of Translation*, New York, Prentice, 1988, p. 46.

<sup>48</sup> Vinay, Jean-Paul and Jean Darbelnet, “A methodology for translation” (translated by Juan C. Sager and M.-J. Hamel), in *The Translation Studies Reader* 2<sup>nd</sup> ed, Lawrence Venuti (ed.), New York, Routledge, 2009, p. 135.



de se chegar a alguns compromissos para que a obra cumprisse os critérios de aceitabilidade.

Nos casos em que não foi possível recorrer-se à adaptação utilizou-se uma outra abordagem, a estrangeirização. Por se tratar de uma obra que lida com questões de identidade e cultura nacional, e sendo este um objectivo do autor, não se poderia adaptar toda a obra para a cultura de chegada. Exemplos disso são os nomes e apelidos, locais e algumas frases que se desviam do português-padrão; a manutenção de todas estas referências “obrigou” à inclusão de notas de rodapé. É de referir também que a tradução inglesa tentou reproduzir o sentido e sintaxe da língua inglesa; porém, tendo em conta que a presente tradutora não conhece a língua irlandês e o facto de esta obra já ser uma tradução, a tradução para português só pôde inferir essas características através dos desvios ao inglês-padrão.

#### **2.1.4. Metodologia utilizada**

De modo a facilitar a discussão e reflexão dos problemas que surgiram aquando da tradução destes capítulos, opta-se por seguir o modelo de Andrew Chesterman. O autor agrupa os principais problemas inerentes à tradução naquilo a que chama “translation strategies”:

At its simplest, such a taxonomy might consist of a single strategy only: change something. This would well illustrate the domain in which strategies operate: the space between source and target texts. “Change something” could be informally glossed as follows: if you are not satisfied with the target version that comes immediately to mind – because it seems ungrammatical, or semantically odd, or pragmatically weak, or whatever – then change something in it.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Chesterman, Andrew, *Memes of translation : the spread of ideas in translation theory*, Amsterdam, John Benjamins, 2000, p. 92.

As estratégias consistem então numa solução para os problemas, culturais ou linguísticos, que resultam da mudança do texto de uma cultura para outra. Estas estratégias são fundamentais, pois contribuem para uma melhor aceitabilidade e compreensão do texto de partida; uma tradução mais fiel e literal corre o risco de se tornar imperceptível se não se submeter a algumas mudanças. Segundo Chesterman, estas mudanças são de três ordens: sintáctica, semântica e pragmática. A sintaxe diz respeito aos constituintes de uma frase, a semântica refere-se ao significado das palavras e, por fim, a pragmática ocupa-se da linguagem e da relação entre ilocutores e a informação (durante o relatório dar-se-á uma definição mais precisa de cada um destes ramos da linguística). Para facilitar a consulta dos problemas que resultaram da tradução de *The Poor Mouth* estes foram divididos de acordo com a estratégia utilizada para os solucionar. Para cada uma delas será apresentado um ou mais exemplos de uma dificuldade de tradução, incluindo a frase no texto original e a tradução portuguesa, uma pequena reflexão e justificação dessa opção de tradução. A paginação do exemplo inglês será a do texto original, Anexo A, e a da opção portuguesa será a que consta na tradução, Anexo B.

## **2.2. Comentário**

Esta secção diz respeito, conforme referido anteriormente, ao comentário de tradução. Foi opção da tradutora não encarar as dificuldades de tradução como problemas, já que tal como Paul Ricoeur afirma, tudo é traduzível:

It is always possible to say the same thing in another way. (...) But this is also what we do when we reformulate an argument which has not been understood.<sup>50</sup>

No decorrer de uma tradução quando o tradutor se depara com alguns obstáculos, como palavras que não existam, ou que não tenham um equivalente directo, na cultura de chegada, há sempre várias formas de transmitir uma ideia de modo a que esta faça sentido na cultura de chegada; são estas formas que serão alvo de reflexão neste comentário.

Torna-se talvez mais perceptível a razão que levou à organização deste relatório por estratégias tradutórias e não dificuldades tradutórias. Assim sendo, apresenta-se de seguida a divisão do mesmo em estratégias sintáticas, semânticas e pragmáticas.

### 2.2.1. Estratégias Sintáticas

A noção de estratégia tradutória<sup>51</sup> já foi introduzida anteriormente. Torna-se por isso imperativo fornecer uma definição do objecto de estudo da sintaxe.

Estudo do modo como as palavras se podem organizar entre si para formarem frases. É a componente da gramática que se ocupa da descrição do conhecimento sintáctico intuitivo e interiorizado, traduzível pela capacidade que os falantes têm de decidir se uma frase é *gramatical* (bem formada segundo as regras da língua) ou *agramatical* (não aceitável, não permitida pelas regras da língua). Este conhecimento é responsável pela *criatividade* linguística, isto é, a capacidade de produzir e compreender um número ilimitado de frases nunca antes produzidas usando um número limitado de elementos: o léxico e as regras.<sup>52</sup>

---

<sup>50</sup> Ricoeur, Paul, *On Translation* (translated by Eileen Brennan), London and New York, Routledge, 2006, p. 25.

<sup>51</sup> Cf. Capítulo 2.1.4. Metodologia Utilizada.

<sup>52</sup> Autor Desconhecido, “Sintaxe”, *Infopédia*, disponível no sítio <[http://www.infopedia.pt/\\$sintaxe](http://www.infopedia.pt/$sintaxe)>, 15-09-2010 23:26.

Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*<sup>53</sup>, a sintaxe é “a parte da gramática que estuda a estrutura ou a construção das frases e o seu encadeamento no discurso”. Este ramo da linguística centra-se na forma como se ensina e se combinam as palavras e orações no discurso; é também o conhecimento que cada falante possui do que é ou não gramatical (embora nem sempre se saiba justificar a agramaticalidade de uma frase, o falante nasce com a capacidade de saber distinguir o certo do que “soa” mal).

Muitos são os aspectos que se poderiam referir neste projecto sobre as questões sintácticas. Contudo, e uma vez que o objectivo deste projecto não é fazer um levantamento exaustivo, optou-se por referir apenas cinco aspectos fundamentais: a tradução literal, os empréstimos, a mudança de tipo de unidade, a mudança de estrutura oracional e a mudança de esquema retórico.

#### Tradução literal:

Esta estratégia é definida por Chesterman como “maximally close to the SL form, but nevertheless grammatical”.<sup>54</sup> Esta opção não deve ser seguida de ânimo leve, mas sim como último recurso e apenas quando não implica uma tradução palavra a palavra, mas sim uma tradução próxima do texto de partida. Seguem-se alguns exemplos em que esta abordagem foi a melhor opção a seguir para manter o significado original.

#### 1. (a) “**The Poor Mouth**” (p. 5)

---

<sup>53</sup> *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, op. cit.*

<sup>54</sup> Chesterman, Andrew, *op. cit.*, p. 94.

Esta expressão corresponde ao título da obra. Peter Newmark<sup>55</sup> fala de duas possíveis abordagens aquando da tradução de títulos: descritiva ou alusiva. Por descritiva entenda-se uma tradução mais literal, isto é, mais próxima do original; a tradução alusiva é uma tradução mais livre, isto é, faz referência à obra, mas não de uma forma tão óbvia. Newmark refere ainda que um título deve ser “atractivo, alusivo, sugestivo e manter alguma relação com o original”.<sup>56</sup>

Na cultura irlandesa a expressão em análise significa fingir que se é pobre ou que se vive em más condições de forma a obter vantagem sobre os credores. Esta expressão encontra-se enraizada na cultura irlandesa pois, durante o período da Grande Fome, a maioria da população dedicava-se à agricultura e vivia em condições de extrema pobreza. Os senhorios ou credores, na sua maioria ingleses, cobravam a esta população taxas exorbitantes, levando os irlandeses a perder as suas terras e o seu sustento. O impacto desta situação foi tão devastador que não é por isso de estranhar o aparecimento destas expressões. Na cultura portuguesa tal expressão não existe, apenas se diz “fugir aos credores”; esta opção levaria contudo à perda da conotação irlandesa.

Outro aspecto a ter em conta é o facto de a expressão “Poor Mouth” adquirir um duplo sentido na obra. Por um lado, o sentido supra-citado, por outro, o facto de os irlandeses acreditarem que quanto mais pobres, melhor é o gaélico dos seus habitantes. O estereótipo parodiado na obra implica assim uma associação da língua gaélica à falta de posses dos seus falantes.

Não havendo portanto um equivalente cultural que englobe estes dois sentidos, optou-se então por uma tradução mais literal; esta abordagem permite manter a ambiguidade da expressão original e a dualidade de sentidos. Obteve-se então:

---

<sup>55</sup> Newmark, Peter, op. cit., p. 56.

<sup>56</sup> *Idem, ibidem.*

1. (b) “**Pobre de Boca**” (p. 1)

Esta tradução mantém a relação entre a pobreza e a língua e permite entrever o facto de os pobres terem de inventar desculpas para fugir aos credores.

2. (a) “Far from us be the **evil thing** and may the bad spirit not regard me as a brother!” (p. 11)

A expressão “evil thing” acarreta consigo, no texto original, uma certa ambiguidade. Uma vez que os irlandeses têm origem celta, muita da sua cultura é baseada em mitos e lendas deste povo. Esta obra não é excepção, sendo comum encontrar referências a personagens e criaturas mitológicas; no supra-citado exemplo, a expressão “evil thing” pode ter diversas acepções. No decorrer da pesquisa efectuada verificou-se que a utilização mais recorrente desta expressão é um eufemismo de Diabo. Como não é possível ter uma total certeza se era este o único sentido desejado pelo autor, optou-se por uma tradução mais perto do original em detrimento de algo mais específico na língua portuguesa como seria a opção pelas expressões “demo” ou “Coisa-Ruim”. Obteve-se então:

2. (b) “ (...) longe de nós esteja a **Coisa Má** e que o mau espírito não me tome como irmão!” (p. 5)

Ainda na temática da mitologia e do folclore, deparamo-nos com outra criatura mítica: o “sea-cat”:

3. (a) “Horror and misfortune will come on the world tonight; the evil thing and the **sea-cat** will be a-foot in the darkness (...)” (p.13)

Esta criatura é-nos descrita na obra como um “grande quadrúpede (...) à sua volta uma grande quantidade daquele cheiro pútrido”.<sup>57</sup> Flann O’Brien refere na própria obra que um “bom leitor de livros gaélicos” perceberá imediatamente que esta criatura simboliza a Irlanda. A imagem do gato representa a ilha, as quatro patas são os quatro condados históricos da Irlanda<sup>58</sup> (Connacht, Ulster, Munster e Leister), à cabeça corresponde o contorno da linha terrestre (a zona da Irlanda do Norte); quanto ao cheiro pútrido, este é uma metáfora do passado histórico do país, isto é, todas as guerras e injustiças que precederam a criação do Estado Livre Irlandês.

Embora se saiba a que corresponde esta criatura, a tradutora tem de se manter fiel ao encadeamento narrativo do autor e deixar a revelação deste significado, intuitivo para o leitor do género mas menos óbvio para o público-alvo da obra em português, para o final do capítulo. Como tal, a opção mais fiel foi a de fazer uma tradução próxima do original:

3. (b) “Esta noite, horror e infortúnio vão cair sob o mundo. A Coisa Má e o **gato-do-mar** hão-de andar na escuridão (...)” (p.6)

Ainda no campo da mitologia e folclore temos o exemplo de “child among the ashes”:

---

<sup>57</sup> Cf. Anexo B, p. 39

<sup>58</sup> Vd. Figura 1

4. (a) “– Well, said the Old-Fellow, when I was a raw youngster growing up, I was (as is clear to any reader of the good Gaelic books) a **child among the ashes.**” (p.16)

Esta expressão adquire significado quando vista à luz das suas origens tradicionais e culturais. Conforme referido anteriormente<sup>59</sup>, a Irlanda foi profundamente influenciada por dois povos, os Celtas e os Vikings. Estes últimos, à semelhança de vários povos nórdicos, queimavam um tronco decorado na noite mais longa do ano, guardavam as suas cinzas e espalhavam-nas num campo para que as plantas crescessem. A forte ligação do povo irlandês à agricultura poderá ter levado à “adopção” deste costume. Acreditavam que ao mergulhar as crianças nas cinzas das fogueiras melhoravam a sua educação e crescimento; neste caso, ao deitar fora as cinzas a mãe impedia Bonaparte de ser mergulhado nelas, levando a “um treino e uma criação pouco natural e nada disciplinada”.<sup>60</sup>

Não estando este rito documentado, foi natural a escolha de uma tradução mais próxima, que mantivesse os elementos da língua de partida. A tradução foi:

4. (b) – Bem, - começou o Velhote Cinzento – quando era um petiz a crescer era (como saberá todo e qualquer leitor dos bons livros gaélicos) uma **criança entre as cinzas.**” (p. 8)

Outro exemplo de tradução literal foi a expressão inglesa “Gaelically”.

---

<sup>59</sup> Cf. Capítulo 1.2. A História por trás da história.

<sup>60</sup> Cf. Anexo B, p. 9.



5. (a) “There is nothing as truly true Gaelic Gaels who speak in true Gaelic Gaelic about the truly Gaelic language. I hereby declare this *feis* to be **Gaelically** open!” (p. 55)

A língua inglesa, por ser tão falada e ter diversas influências, permite, mais facilmente do que a língua portuguesa, a entrada de novas construções. Neste caso, “*gaelically*”, que é um advérbio de modo na língua inglesa. Este vocábulo resulta de uma derivação, um processo através do qual se formam novas palavras a partir de um ou mais termos já existentes na língua. No caso da expressão inglesa “*gaelically*”, esta resulta da junção da palavra *Gaelic*, adjetivo que significa gaélico, com o sufixo *-ly*, que significa a forma como algo é feito.

A fim de manter o jogo de palavras “Gaels, Gaelic, Gaelically”, decidiu-se traduzir literalmente a palavra:

5. (b) “Não há nada nesta vida tão bom e tão gaélico como os verdadeiramente verdadeiros gaélicos, que falam um gaélico verdadeiramente gaélico sobre a língua verdadeiramente gaélica. Venho, deste modo, declarar este *feis* **gaelicamente** aberto!” (p. 22)

Ao optar-se por traduzir literalmente a palavra teve de se adoptar a sua grafia. Este aportuguesamento baseou-se em palavras já existentes na língua portuguesa como “portuguesmente e inglesmente”; embora o radical da palavra seja acentuado, como se transforma num advérbio de modo o acento cai. A tradução obtida é considerada um neologismo na língua de chegada “palavra ou expressão nova formada no interior da

língua ou importada de outro sistema linguístico”<sup>61</sup>, isto é, criou-se uma nova palavra que até então não existia.

Por último, há o caso de “ardent water”:

6. (a) “Before long I discovered another little bottle of the **ardent water** (...) while my throat was being scorched by that oil of the sun”. (p. 60)

Aquando da tradução, deparou-se com a questão de qual seria a bebida a que o autor se refere. Tendo em conta que os irlandeses subsistiam da agricultura, nomeadamente das batatas, uma pesquisa das bebidas irlandesas revelou “poitín”; uma bebida tipicamente irlandesa, feita a partir de batatas e conhecida pelo seu elevado teor alcoólico que chegava a cegar e levar à morte muitos que a bebiam. Contudo, não se podendo ter a certeza se seria esta a bebida mencionada, a escolha mais fiel ao autor foi:

6. (b) “ Não demorou muito até que descobrisse outra garrafa pequena de **água ardente** (...), até a minha garganta estar a ser queimada por aquele óleo do sol.” (p. 26)

Esta tradução, mais próxima do original, mantém em aberto qual seria a bebida a que o autor se referia e a conservação de “ardente” leva o leitor ao pressuposto de que era, na verdade, uma bebida muito forte, facto reforçado por O’Brien ao dizer que Bonaparte demorou meio ano a recuperar daquela noite.

---

<sup>61</sup> Autor Desconhecido, “Neologismo”, *Infopédia*, disponível no sítio <<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/neologismo>>, 16-09-2010 00:51.

## Empréstimo:

Segundo Chesterman, empréstimo é:

This strategy covers both the borrowing of individual items and the borrowing of a syntagma. Like other strategies, it refers to a deliberate choice, not the unconscious influence of undesired interference.<sup>62</sup>

Entenda-se então que empréstimo é o processo através do qual uma língua usa uma palavra de outra língua. Tal processo ocorre usualmente quando há um conceito que não existe na língua de chegada e se importa a palavra usada na outra língua; croissant é um exemplo de um empréstimo da língua portuguesa à língua francesa. O autor refere ainda que a primeira vez que um empréstimo ocorre numa língua este origina um neologismo, isto é, uma palavra nova: “The first time a loan-word appears in a target language, it is in fact a neologism in that language”<sup>63</sup>. As palavras que se seguem são exemplos disso mesmo:

7. (a) “In *The Poor Mouth* Myles comments mercilessly on Irish life and not only the on the **Gaeltacht**.” (p. 5)
8. (a) “The comings and goings of the **Gaeligores**” (p. 46)
9. (a) “a Gaelic **feis** in our countryside” (p. 46)

---

<sup>62</sup> Chesterman, Andrew, *op. cit.*, p. 94.

<sup>63</sup> Chesterman, Andrew, *op. cit.*, p. 95.

10. (a) “‘Twas that misfortunate pair, the Sea-cat and the **Peerkus**, that gave me the same pains, death-tying to the two of them!” (p. 68)

Todas estas expressões têm em comum o facto de não existir, na língua portuguesa, um conceito que tenha o mesmo significado do original.

A expressão “Gaeltacht” é utilizada para designar as regiões onde ainda predomina o uso da língua irlandesa, “Gaeligores” designa os entusiastas pela língua e cultura irlandesa, “feis” é um festival de artes e cultura onde as antigas comunidades gaélicas se reuniam para trocar histórias e competir umas contra as outras; e, por último, “Peerkus” é uma criatura do folclore irlandês que não se encontra documentada. Embora todas as expressões sejam traduzíveis, teria de se proceder obrigatoriamente a uma pequena explicação daquilo em que consistiam. Traduzir “feis” por festival estaria correcto, contudo perder-se-ia o facto de ser um festival irlandês, realizado pelas comunidades mais antigas; traduzir por festival implicaria assim a perda de certos elementos culturais e obrigaria a uma explicação do termo, e o mesmo se aplica às restantes expressões. Tendo em conta que esta é uma obra que incide sobre a herança cultural e identitária irlandesa, optou-se então por manter os termos ingleses e proceder à sua definição numa nota de rodapé.

7. (b) “Em *Pobre de Boca*, comenta-se impiedosamente a vida irlandesa, não apenas a do **Gaeltacht**.” (p. 1)

8. (b) “As idas e vindas dos *Gaeligores*” (p. 13)

9. (b) “um *feis* gaélico no nosso país” (p. 13)

10. (b) “Foi aquele par amaldiçoado, o gato-do-mar e o *Peerkus*, que me deu essas mesmas dores, de que não me livrarei enquanto ‘tiverem vivos!’” (p. 34)

Outro caso de empréstimo é a palavra *pub*:

11. (a) “Other people said that he killed a man in a **pub** when he was young and came to the Rosses when on the run” (p. 69)

Apesar de formalmente esta se tratar de um empréstimo, encontra-se de tal modo enraizada na língua de chegada que não é considerada um neologismo. Preferiu-se manter a palavra inglesa por, tal como as anteriores, o *pub* ter uma conotação cultural; a palavra *pub* é imediatamente associada a bares tipicamente britânicos que vendem, principalmente, cerveja e que têm uma clientela habitual. A tradução por bar ou café levaria à perda da identidade cultural e a opção de traduzir por um equivalente português como “taberna” teria um efeito semelhante, já que “taberna” é tipicamente português. A escolha de manter esta expressão foi, tal como anteriormente, permitir manter o carácter assumidamente nacional da obra.

11. (b) “Outros diziam que quando era mais novo matou um homem num *pub* e veio para Rosses quando andava fugido.” (p. 35)

É contudo de referir que a expressão taberna foi utilizada na tradução<sup>64</sup>. Esta foi preferida para a tradução do termo *tavern*, que se aplica a um referente escocês; manteve-se assim a distinção utilizada na tradução inglesa, sendo de referir que a

---

<sup>64</sup> Cf. Anexo B, p. 31.

influência escocesa na Irlanda se fez sentir sobretudo no nordeste da ilha, na actual Irlanda do Norte, e não tanto nas regiões do Gaeltacht.

#### Mudança do tipo de unidade:

Segundo Chesterman, esta classificação provém de Catford. As unidades linguísticas a que este último se refere são: morfemas, palavras, frase, oração e parágrafo.

A unit shift occurs when a ST unit is translated as a different unit in the TT: this happens very frequently, of course, and subclassifications can be set up for unit shifts of different types.<sup>65</sup>

Por tal citação entenda-se que este processo diz respeito às alterações que ocorrem no seio de uma frase ou segmento e também às que ocorrem no interior de uma palavra.

Na obra, são frequentes as contracções nos discursos das personagens, isto é, quando há a conversão de duas formas linguísticas numa só unidade; as contracções são muito utilizadas na língua inglesa, especialmente no inglês informal. No caso particular desta obra, as contracções pretendem reflectir o discurso das classes sociais mais baixas e, aquando da tradução para português, estas características tiveram de ser mantidas. Nos exemplos que se seguem podem-se observar mudanças no interior de palavras e outros processos de combinação entre palavras; estes foram organizados de acordo com o processo linguístico utilizado na tradução. É ainda de referir que as contracções efectuadas na tradução portuguesa se registam apenas ao nível das vogais que é a norma referente à oralidade portuguesa.

---

<sup>65</sup> Chesterman, Andrew, *op. cit.*, p. 95.

Crase:

Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra, quando “A primeira vogal pode ser igual à seguinte e com ela fundir-se numa só. (...) Verifica-se o que denominamos por CRASE”<sup>66</sup>; entenda-se então que este processo ocorre quando fundimos duas palavras e, onde a última vogal de uma e a primeira vogal da seguinte palavra são idênticas, esta apenas ocorre uma vez.

Vejamos então o que ocorreu na tradução de 12 (a):

12. (a) ““(...) they could not be succoured when they fell on the rocky dancing floor and, **upon my soul**, short was their tarrying on this particular area (...).” (p. 59)

O exemplo 12 não consta do original contudo, a tradutora considerou oportuno a sua inclusão pois reforça o registo oralizante da obra original e na língua portuguesa é frequente a aglutinação de duas vogais idênticas. Neste caso procedeu-se à fusão da vogal *a* em minha e alma. Obteve-se então:

12. (b) ““(...) eles não podiam ser socorridos quando caíam no terreno de dança rochoso e, pela **minh’alma**, pequena era a tardança nesta área particular (...).” (p. 24)

---

<sup>66</sup> Cunha, Celso e Lindley Cintra, *Breve Gramática do Português Contemporâneo* 15ª edição, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 2002, p. 445.

Elisão:

Celso Cunha e Lindley Cintra definem a elisão como um processo utilizado quando se tem em conta a duração de uma rima e acrescentam que “A primeira vogal pode desaparecer na pronúncia diante de uma vogal de natureza diversa”<sup>67</sup>, isto é, quando existem duas palavras que terminam em vogal, o autor pode optar por substituir uma delas por um apóstrofo e, na oralidade, cria uma ligação entre as mesmas.

Na elisão temos o caso de contracções de orações subordinativas condicionais:

13. (a) If **‘tis true** for you, said I we’ll never live another night (...)” (p. 48)

14. (a) “If that’s the way, said the shrewd creature, **‘tis time!**” (p. 66)

Em 13 (a) e 14 (a) as contracções no texto original ocorrem no mesmo elemento, isto é, entre o verbo *to be* (ser) e a partícula de negação *not* (não). Contudo, na tradução portuguesa não se pode efectuar a contracção no sujeito nem no verbo, pois o verbo *ser* é aqui imutável. Teve assim de se transferir a contracção para a oração condicional. Obteve-se então:

13. (b) “– **S’isso** for verdade, – disse eu – sem sombra de dúvida que não viveremos outra noite (...)” (p. 15)

14. (b) “– **S’assim** é, – disse a astuta criatura – é tempo!” (p. 32)

---

<sup>67</sup> Cunha, Celso e Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 444.



A supressão da vogal *e* é facilmente explicável se se tiver em conta que a consoante *s* já transporta consigo o som /se/; segundo as convenções portuguesas esta é a vogal mais suprimida. Esta opção prendeu-se também com o facto de, na oralidade, os falantes, ao proferir frases do estilo condicional, fundirem a palavra *se* com a seguinte.

Aférese:

Aférese é, segundo Celso Cunha e Lindley Cintra, “a supressão de sons no início da palavra”.<sup>68</sup> Este processo é muito usual na evolução da língua, como foi na evolução do português moderno a partir do latim; é também muito utilizado na poesia devido à métrica.

Na obra em estudo, a aférese é uma forma de representar a oralidade, nomeadamente a forma de falar de uma classe mais baixa.

15. (a) “ **Tis hot**, son!” (p. 15)

16. (a) “ **‘Twas that misfortunate pair**, the Sea-cat and the Peerkus, that gave me the same pains, death-tying to the two of them!” (p. 68)

Seguindo as ocorrências mais comuns, optou-se assim por suprimir o som /es/, obtendo-se:

15. (b) “– **‘tá** calor, filho!” (p. 7)

---

<sup>68</sup> Cunha, Celso e Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 448.

16. (b) “Foi aquele par amaldiçoado, o gato-do-mar e o *Peerkus*, que me deu essas mesmas dores, dores essas que terei enquanto **‘tiverem’** vivos!” (p. 34)

Em 15 e 16, a opção de suprimir as duas primeiras letras foi bastante complexa. Numa primeira instância ponderou-se suprimir apenas o fonema /e/ contudo, as formas “ ‘stá” e “ ‘stiveram” são formas arcaicas. Embora a obra seja uma autobiografia de uma época distante, o foco principal não é temporal mas sim linguístico pelo que os arcaísmos não seriam a melhor opção. Uma vez que o registo é mais familiar e informal, decidiu-se então adaptar *está* e *estiverem* à forma corrente: “‘tá” e “‘tiverem”. É, no entanto, de referir que em 16 (a) houve uma deslocação do verbo onde se dá a supressão; tal deve-se ao facto de no original a contracção ser em “‘twas”, o que seria impossível de ocorrer na forma verbal *foi*, pelos motivos já descritos acima, optando-se assim por se transferir a supressão para o outro verbo da frase.

Apócope:

Por último, recorreu-se também ao uso da apócope. Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra a apócope é “ a supressão de sons no fim da palavra”<sup>69</sup>. Este processo é muito frequente na evolução de uma língua a qual se vai adaptando aos diversos usos dos seus falantes, seja o exemplo de *mare* que hoje em dia se grafa e pronuncia *mar*.

17. (a) “(...) that he drank more than water and buttermilk when he was young and that **‘twasn’t the good thing** he always did (...)” (p. 69)

---

<sup>69</sup> Cunha, Celso e Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 448.

A tradução portuguesa teve de ter em atenção a forma como se construiu a apócope e a contracção dos elementos, pois poder-se-ia correr o risco de soar a calão e não à representação da oralidade de uma classe mais baixa. Obteve-se então:

17. (b) “que quando era novo bebia mais do que água e leite desnatado e **n’era sempre bom** que o fizesse.” (p. 35)

Em 17, optou-se por suprimir o ditongo /aw/ devido à sonoridade na língua portuguesa; a representação *na’era* remeteria, de forma quase imediata, um falante português para um regionalismo típico. Tendo em conta que a personagem em questão, Ferdinand O’ Roonassa, representa um falante padrão da língua irlandesa, a contracção *na’* remeteria para uma pronúncia específica.

Para além da oralidade típica de Corkadoragha é ainda notória a presença de outra pronúncia como sendo a de Ulster. Esta é visível no Capítulo V da obra, quando a personagem do Velhote Cinzento a imita e através da personagem Jams O’Donnell.

18. (a) “We **wull na!**” (p. 64)

A língua irlandesa possui inúmeros dialectos e consequentemente diversas pronúncias<sup>70</sup>; cada província tem a sua pronúncia e expressões típicas. No presente exemplo, a personagem do Velhote Cinzento e o narrador, Bonaparte, foram “caçar” a Rosses e imitam o sotaque de Ulster. Como tal foi necessário marcar essa diferença linguística. Obteve-se então:

---

<sup>70</sup> Cf. Capítulo 1.3. Gaeltacht: passado e futuro.

18. (b) “Na’!” (p. 29)

Embora este processo seja pertencente à apócope, é mais especificamente uma monotongação. Uma monotongação é “o fenómeno que consiste em transformar, ou reduzir, um ditongo a vogal”<sup>71</sup>. Apesar de esta solução poder remeter para um regionalismo português, foi a única forma de marcar a diferença oral entre o irlandês-padrão de Corkadoragha e o irlandês da província de Ulster.

Mudança de estrutura oracional:

Este tópico é referente à estrutura frásica; segundo Chesterman este é:

Under this heading I group changes that have to do with the structure of the clause in terms of its constituent phrases. Various subclasses include constituent order (analysed simply as subject, verb, object, complement, adverbial), active vs. passive voice, finite vs. non-finite structure, transitive vs. intransitive.<sup>72</sup>

Entenda-se então que esta secção vai tratar das mudanças estruturais das orações. Na linguística, a sintaxe ocupa-se do estudo das frases e dos seus constituintes, isto é, de como estas se estruturam, da posição que cada elemento ocupa na frase.

As línguas ocidentais partilham da mesma estrutura, Sujeito – Verbo – Objecto (SVO), enquanto o irlandês partilha da mesma estrutura das línguas celtas modernas, Verbo – Sujeito – Objecto (VSO).

Ao traduzir, todos estes factores tiveram de ser levados em conta. A tradução portuguesa partiu do inglês; tendo em conta que ambas as línguas têm a mesma

---

<sup>71</sup> Ribeiro, Guilherme, “APONTAMENTO SOBRE A HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO DA LÍNGUA”, *esjmlima*, disponível no sítio <[http://esjmlima.prof2000.pt/hist\\_evol\\_lingua/R\\_GRU-F.HTM#BM25](http://esjmlima.prof2000.pt/hist_evol_lingua/R_GRU-F.HTM#BM25)>, 28-09-2010 13:48.

<sup>72</sup> Chesterman, Andrew, *op. cit.*, p. 96.

estrutura, SVO, não foram registadas alterações significativas. Por sua vez, a tradução inglesa partiu do irlandês que possui uma estrutura oposta. Tendo em consideração que a língua inglesa é mais flexível, conseguiu-se reproduzir, mais facilmente, a sonoridade irlandesa e a própria estrutura; sendo a língua portuguesa menos receptível a alterações e mudanças teve de se aporuguesar a estrutura frásica; contudo, casos há que possuíam uma sonoridade tão marcadamente irlandesa que, embora se tenha optado pelo SVO, a tradução soa algo estranha, o que não se deve confundir com agramatical.

19. (a) “(...) it is not known whether it was god, demon or person **who first raised the half-rotten, rough walls.**” (p. 16)

20. (a) “**After the break, the Eight-Hand Reel was announced** (...)” (p.59)

Cada um destes exemplos demonstra as diferentes escolhas que a tradutora teve de realizar de modo a obter uma frase compreensível em português e tentar manter o máximo de sonoridade irlandesa.

Em 19 (a), o problema reside na colocação dos constituintes, nomeadamente na colocação do adjectivo. Sendo a língua inglesa uma língua germânica, a obra inglesa, o adjectivo surge em posição pré-nominal (antes do sujeito); esta construção não é usual nas línguas românicas, geralmente o adjectivo ocorre em posição pós-nominal uma vez que são “uma extensão do significado”<sup>73</sup> do substantivo. Segundo as normas linguísticas irlandesas, o adjectivo sucede o substantivo. A tradução inglesa, de onde se parte para o texto português, foi bem sucedida nesta manutenção da ordem de constituintes; tal foi possível pois a língua inglesa arcaica utilizava essa sucessão de elementos frásicos.

---

<sup>73</sup> Cunha, Celso e Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 181.

Contudo, na língua portuguesa tal troca só existe quando se pretende dar ênfase ao adjectivo e não ao substantivo. No caso da frase em questão, o que merece destaque é o substantivo *parede* como tal teve de se proceder a uma troca de posição do adjectivo. Obteve-se assim:

19. (b) Não se sabe se foi deus, demónio ou pessoa **que levantou as primeiras paredes meias podres e ásperas**. (p. 9)

Em 20 (a) o problema prende-se com o facto de, no original (texto inglês), ser usada uma estrutura frásica que não é usada na língua portuguesa.

Enquanto na voz activa “a acção verbal é perspectivada a partir do agente/ sujeito, sendo este o responsável pela acção e sendo a sua a presença obrigatória”<sup>74</sup>, na passiva “o acontecer verbal é encarado a partir do paciente, ou seja, o objecto directo sofre uma transformação sintáctica que o coloca na posição de sujeito da frase, embora mantenha o mesmo valor semântico de paciente”<sup>75</sup>.

Embora a voz passiva faça parte da linguística portuguesa, os falantes portugueses não recorrem a esta com a mesma frequência dos falantes ingleses; pretendendo a obra manter as marcas de oralidade do original, teve de se passar a passiva para a voz activa, pois um falante português acharia estranha uma construção passiva. Obteve-se então a seguinte tradução:

20. (b) “**Depois da pausa, anunciaram a Roda a Oito Mãos (...)**” (p. 25)

---

<sup>74</sup> Autor desconhecido, “Voz”, *Infopédia*, disponível no sítio <[http://www.infopedia.pt/\\$voz](http://www.infopedia.pt/$voz)>, 16-09-2010 00:56.

<sup>75</sup> *Idem, ibidem*.

### Mudança de coesão:

A mudança de coesão, neste caso, está relacionada com alterações do foro intra-textual, isto é, alterações efectuadas no interior do texto.

A cohesion change is something that affects intra-textual reference, ellipsis, substitution, pronominalization and repetition, or the use of connectors of various kinds.<sup>76</sup>

Este tópico considerará as diferenças existentes entre o sistema linguístico inglês e o português quanto ao uso dos pronomes possessivos. Os pronomes têm diversas funções e “desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais”<sup>77</sup>, no caso em análise, os possessivos têm como principal função determinar, tal como o nome indica, uma posse.

Os seguintes exemplos revelam a diferença de utilização deste elemento nas duas línguas:

21. (a) “There was another person in the house in front of me – an old crooked, (...).

The hairless part of **his** face was brown, tough and wrinkled like leather and two sharp shrewd eyes looked out from it at the world with a needle’s sharpness.” (p.

14)

22. (a) “(...) when the Old-Grey-Fellow came in the door. He appeared terrified, a

severe fit of trembling throughout **his** body and limbs, **his** tongue between **his** teeth dry and languid and bereft of vigour.” (p. 46)

---

<sup>76</sup> Chesterman, Andrew, *op. cit.*, p. 98.

<sup>77</sup> Cunha, Celso e Lindley Cintra, *op. cit.*, p. 200.

Pode-se observar, nos exemplos supra-citados, que a língua inglesa repete constantemente os possessivos; na língua inglesa estes são usados em substituição do nome da personagem Old-Grey-Fellow. Contudo, a língua portuguesa utiliza outros recursos para evitar tal repetição. Veja-se a tradução:

21. (b) “Em casa, havia **outra pessoa** à minha frente – um tipo curvo e (...). A **parte da cara** que não tinha pêlos era castanha, dura e engelhada como cabedal; dois olhos perspicazes sobressaíam e olhavam o mundo lancinantes como os de um lince.” (p.7)

22. (b)” (...) quando o Velhote Cinzento entrou porta adentro. Parecia aterrorizado, um grave ataque de tremuras percorria-**lhe** o corpo e os membros, a língua pesava-lhe entre os dentes, seca, lânguida e sem vigor..” (p. 13)

Em 21 (b) pode-se observar a queda do pronome possessivo. Tal deve-se ao facto de na frase anterior se identificar o sujeito do qual o narrador está a falar e, uma vez que há uma continuação da descrição iniciada na primeira frase, não é necessário haver um reforço da pessoa a que se refere.

Em 22 (b), de modo a evitar a repetição excessiva de *seu*, *sua* e *seus*, optou-se então por utilizar o pronome pessoal átono *lhe* e omitir os demais; a língua portuguesa permite tal supressão pois já está representado no verbo o agente da acção.



### Mudança de esquema retórico:

Esta operação é descrita por Chesterman como:

the kind of changes that translators incorporate in the translation of rhetorical schemes such as parallelism, repetition, alliteration, metrical rhythm, etc.<sup>78</sup>

Por tal afirmação entenda-se que este ponto irá tratar de alterações relacionadas com o discurso e as formas a que recorre para incutir uma nova ideia num ouvinte ou num público.

23. (a) “There is nothing in this life so nice and so **Gaelic as truly true Gaelic Gaels who speak in true Gaelic Gaelic about the truly Gaelic language.** I hereby declare this feis to be **Gaelically** open!” (p. 54)

24. (a) “**No liberty without unity!**” (p. 55)

25. (a) “**No liberty without royalty!**” (p. 55)

Os exemplos acima transcritos apresentam um desafio de tradução a nível fonológico, isto é, a nível do som; o desafio destas frases é manter a sonoridade do original.

Em 23 (a), o autor recorreu a diversos processos para reforçar as expressões “gaélico” e “verdadeiro”. O primeiro processo encontra-se relacionado com a palavra “Gaelic” em que o autor recorre à epanalepse (repetição do mesmo vocábulo em vários pontos de uma frase) e o segundo está relacionado com as palavras “true” e “gaelic”

---

<sup>78</sup> Chesterman, Andrew, *op. cit.*, p. 99.

consiste num poliptoto (numa repetição de uma mesma palavra mas flexionada de forma distinta). Aqui, o desafio foi encontrar expressões que permitissem este tipo de flexão enquanto se mantém a sonoridade do original; enquanto a expressão “gaelic” tem um correspondente directo (gaélico), a expressão “gaelically” não tem, na língua portuguesa, uma expressão equivalente, como tal optou-se pela criação de um neologismo que acabou por ser uma tradução literal do original.<sup>79</sup> Obteve-se então:

23. (b) “Não há nada nesta vida tão bom e tão **gaélico como os verdadeiramente verdadeiros gaélicos, que falam um gaélico verdadeiramente gaélico sobre a língua verdadeiramente gaélica**. Venho, deste modo, declarar este *feis gaelicamente* aberto!” (p. 22)

Em 24 (a) e 25 (a), o autor optou por fazer uma rima nas frases, novamente esta estratégia foi utilizada para reforçar as ideias. Em 24, a tradução literal das palavras “liberty” (liberdade) e “unity” (unidade) manteve a rima; em 25, a tradução já não pôde ser literal e teve de sofrer algumas alterações. A tradução de “liberty”, por liberdade, e “royalty”, por realeza, não mantinha a rima do original; uma vez que se optou por manter a rima anterior teve de se optar por um sinónimo. A solução encontrada para manter a rima original foi recorrer às formas de tratamento formais face à realeza inglesa; a solução passou, então, pela utilização do hipónimo “majestade”. Optou-se então por traduzir-se da seguinte forma:

24. (b) “**Não há liberdade sem unidade!**” (p. 23)

---

<sup>79</sup> Cf. Exemplo 5 (b), p. 52.

25. (b) “ Não há liberdade sem Sua Majestade!” (p. 23)

### 2.2.2. Estratégias Semânticas

Este sub-tópico encarregar-se-á do estudo das estratégias semânticas. Tal como no último, é necessário iniciar-se este tópico com uma breve elucidação do objecto de estudo da semântica:

Disciplina da linguística que se ocupa do estudo do significado das expressões linguísticas (sejam elas fonemas, morfemas, palavras, sintagmas, frases) bem como das relações de significado que essas expressões estabelecem entre si e com o mundo.

A semântica tem sido dividida em dois planos, de acordo com a unidade em análise: a semântica da palavra e a semântica da frase. A semântica da palavra estuda as relações de significado entre pares de palavras ou entre morfemas. (...) A semântica da frase interessa-se por questões de ambiguidade estrutural, anomalias na disposição das palavras na frase, por relações de paráfrase, contradição, implicação semântica e pressuposição.<sup>80</sup>

O *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* diz ainda que a semântica é “a parte da linguística que estuda o significado, o valor semântico das palavras de uma língua natural.”<sup>81</sup> Segundo estas definições pode-se concluir que a semântica é o ramo da linguística que se ocupa do significado das palavras, do signo e do seu significado para o mundo.

Tendo em conta esta definição, decidiu-se, no presente relatório, debruçar-se apenas sobre o que Chesterman define como mudança de tropo.

---

<sup>80</sup> Autor Desconhecido, “Semântica”, *Infopédia*, disponível no sítio <[http://www.infopedia.pt/\\$semantica](http://www.infopedia.pt/$semantica)>, 16-09-2010 00:59.

<sup>81</sup> *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, op. cit.

### Mudança de tropo:

Segundo Chesterman, mudança de tropo corresponde a “set of strategies, applies to the translation of rethorical tropes (i.e. figurative expressions)”<sup>82</sup>, isto é, são as estratégias utilizadas para resolver dificuldades de expressões figurativas, aquelas que provêm de uma analogia.

Para melhor ilustrar as estratégias utilizadas para resolver os obstáculos com que se deparou na tradução ir-se-á proceder à discussão dos seguintes exemplos:

26. (a) “However, my mother was sensible, **level-headed** and well-fed; (...).” (p. 14)

27. (a) “The hairless part of his face was brown, tough and wrinkled like leather and two sharp shrewd eyes looked out from the world with **a needle’s sharpness.**” (p. 14)

28. (a) “There as a little cessation of conversation between us.  
- I’ll go to the rushes, said I, **and let you take the pipe!**” (p. 77)

Estes três exemplos representam uma das maiores dificuldades inerentes à tradução: a tradução do discurso figurativo. Cada cultura possui uma forma própria de sabedoria popular e recorre a diferentes elementos metafóricos para transmitir a mesma. Estes exemplos exigem à tradutora um profundo conhecimento da língua e cultura de partida e de chegada.

---

<sup>82</sup> Chesterman, Andrew, *op. cit.*, p. 105.

Em 26 (a) tem-se o exemplo de uma expressão idiomática; uma expressão idiomática consiste num conjunto de palavras que por si só não têm qualquer significado, adquirindo apenas significado quando analisadas em conjunto. A expressão “level-headed” quer dizer ter juízo; traduzir uma expressão idiomática de forma tão literal perderia o seu cariz popular. Tendo-se optado por aproximar o texto original à cultura de chegada, traduziu-se o seguinte exemplo por:

26. (b) “Mas a minha mãe era sensível, com os **pés bem assentes na terra** e bem nutrida; (...).” (p. 7)

Esta tradução foi preferida pois embora expresse a ideia original e esteja mais próxima da cultura de chegada, está também culturalmente ligada à cultura irlandesa e ao facto de a maioria dos irlandeses, daquela época, estarem ligados à agricultura.

Em 27 (a) o problema prende-se com o facto de ser uma metáfora. A metáfora consiste numa comparação entre dois termos, neste caso, entre os olhos (eyes) e uma agulha (needle); a tradução inglesa foi bem sucedida nesta metáfora pois a palavra inglesa “sharp” possui dois significados: aguçado e perspicaz. Contudo, na língua portuguesa a manutenção de tal metáfora não faria sentido. Tendo em conta que não se pode manter a mesma metáfora, Chesterman apresenta duas soluções possíveis: manter a metáfora alterando o objecto da comparação ou abandonar por completo esta estrutura<sup>83</sup>.

Segundo Zoltán Kövecses<sup>84</sup>, o ser humano costuma transpor características dos animais para o domínio do ser humano; as metáforas resultam frequentemente da transposição de características de animais para as pessoas. optou-se assim por recorrer a

---

<sup>83</sup> Cf. Chesterman, Andrew, *op. cit.*, p. 106-7.

<sup>84</sup> Cf. Kövecses, Zoltán, *Metaphor: A Practical Introduction* 2<sup>nd</sup> edition, New York, Oxford University Press, 2010, p. 19.

essa mesma imagem e adicionar um adjetivo para melhor se perceber a comparação entre os olhos do felino e os da personagem.

27. (b) “A parte da cara que não tinha pêlos era castanha, dura e engelhada como cabedal; dois olhos perspicazes sobressaíam e olhavam o mundo lancinantes como **os de um lince**.” (p. 7)

Conforme dito anteriormente, é comum na cultura portuguesa transpor características animais para os humanos, neste caso a visão quase cirúrgica dos felinos para os humanos.

Por último, o exemplo 28 consiste numa expressão popular. Esta expressão tipicamente irlandesa é utilizada, hoje em dia, em gíria inglesa e significa suicidar-se. Tal tradução para português perderia a marca oralizante do original e como tal decidiu-se traduzir por uma expressão muito usada na oralidade portuguesa:

28. (b) “Houve uma pequena pausa de conversa entre nós.  
- Vou aos juncos – disse eu – e tu **amanhas-te!**” (p. 42)

Hoje em dia, a expressão inglesa “take the pipe” é considerada gíria e adquiriu novos significados; por conseguinte, a expressão portuguesa “amanhas-te” não se encontra registada em nenhum dicionário pois apenas pertence à oralidade dos falantes portugueses.

### 2.2.3. Estratégias Pragmáticas

Esta secção ir-se-á focar na pragmática.

Disciplina da linguística que se dedica ao "estudo do uso da língua por oposição ao estudo do sistema da língua" (J. Moeschler e A. Reboul, 1994). A pragmática radica no princípio de que a interpretação de um enunciado não se pode fazer apenas baseado na informação linguística, uma vez que existe todo um conjunto de informações para-linguísticas, não linguísticas e contextuais que interferem e condicionam a produção e interpretação de cada enunciado.<sup>85</sup>

Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* a pragmática é a “Disciplina que estuda o uso da linguagem em função dos interlocutores do contexto e dos efeitos produzidos”.<sup>86</sup>

A partir destas definições conclui-se que a pragmática se ocupa da relação entre a informação e o receptor da mesma. Esta área tem uma grande importância na tradução pois influencia a informação que o tradutor inclui, ou não, numa tradução e o modo como a transmite. O tradutor faz uma análise do seu possível público e, mediante o público-alvo, tem de “adaptar” a informação e a forma como a transmite.

Para melhor explicar esta estratégia ir-se-á proceder a uma explicação de alguns elementos como a filtragem cultural, a mudança interpessoal e a mudança de visibilidade e, conseqüentemente, a mudança do grau de explicitação.

#### Filtragem cultural:

Este ponto irá incidir sobre as alterações que um tradutor faz aquando da tradução de um texto. Chesterman fala de duas formas de fazer esta filtragem. Por um

---

<sup>85</sup> Autor Desconhecido, “Pragmática”, *Infopédia*, disponível no sítio <[http://www.infopedia.pt/\\$pragmatica](http://www.infopedia.pt/$pragmatica)>, 16-09-2010 01:00.

<sup>86</sup> *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, op. cit.

lado a naturalização, domesticação e adaptação de termos específicos de uma cultura para equivalentes culturais e, por outro, fazer um empréstimo do termo, transferi-lo directamente e adoptar uma postura de estrangeirização.

29. (a) “**O’Coonassa** is my surname in Gaelic, my first name is **Bonaparte** and Ireland is my little native land.” (p. 11)

30. (a) “I was born in the West of **Ireland** on that awful winter’s night – may we all be healthy and safe! – in the place called **Carkadoragha** (...).” (p. 13)

31. (a) “(...) they departed from us each night but they left few **pennies** as recompense (...)” (p. 49)

32. (a) “**Roseen of the Hill**” (p. 52)

33. (a) “He opened his hand and what might one imagine was there but five **shillings** in silver (...).” (p. 66)

34. (a) “I thought that it was **two hundred yards** or thereabouts (...).”  
(p. 74)

Estes exemplos pretendem demonstrar as alterações que o tradutor efectua de modo a que a mensagem passe para o público, enquanto mantém a identidade do texto original.



Em 29 (a) estamos perante a utilização de nomes próprios; foi opção da tradutora portuguesa manter, tanto quanto possível, os nomes das personagens. Um leitor português, com maior ou menor conhecimento da cultura irlandesa, consegue perceber que a construção *O'*, num apelido, indica um apelido tipicamente irlandês. Além do mais, não se está perante nomes que tenham um equivalente directo na língua de chegada (como acontece, por exemplo, com John – João).

Contudo, esta metodologia não foi a única utilizada. Ao longo da obra também se encontram mais nomes próprios; os irlandeses, conforme explicado na obra, atribuem a si mesmos títulos, títulos esses que acabam por funcionar como alcunhas, como o exemplo por exemplo *The Gaelic Daisy*<sup>87</sup>. Optou-se por traduzir estas, pois um leitor com poucos conhecimentos da língua de partida (inglês) não compreenderia a ligação entre as alcunhas e a ligação dos irlandeses com a Natureza, neste caso Margarida Gaélica. Outros houve, como é o caso do exemplo 32, em que teve de se chegar a um compromisso e manter o substantivo na língua irlandesa pois tem uma grande carga cultural, e traduziu-se o resto da alcunha para exprimir, uma vez mais, a ligação com a Natureza. É também de referir o facto de no texto original (inglês) surgir a grafia anglicizada “Roseen”; na tradução tentou-se, sempre que possível, evitar termos anglicizados e como tal optou-se pela utilização da grafia irlandesa para esta palavra que é “Róisín”.

Os exemplos acima discutidos foram então traduzidos da seguinte forma:

29. (b) “**O’Coonassa** é o meu apelido gaélico, **Bonaparte** o meu nome e a Irlanda a terra onde nasci.” (p. 5)

---

<sup>87</sup> Cf. Anexo A, p. 52.

32. (b) “**Róisín do Monte**” (p. 19)

A decisão de traduzir, ou não, o nome de uma localidade é notoriamente difícil no exemplo 30 (a). Este caso ilustra de forma bastante clara as opções tomadas no que diz respeito à tradução dos nomes de localidades e condados; tal como nos exemplos anteriormente referidos, a estratégia de tradução não foi uniforme, isto é, não se limitou à escolha de uma única estratégia de tradução. A opção pela tradução dos nomes de locais recaiu apenas naqueles cujas traduções já estão consagradas na língua portuguesa, como é o caso de *Ireland*. No entanto, e enquanto Irlanda é um nome facilmente identificável com um país para um falante da língua portuguesa, outros, como o nome da aldeia natal da personagem principal *Corkadoragha*, foi mantido em inglês já que a sua grafia em irlandês (escrever-se gcorcadoracha) não permitiria que um leitor português a associasse de forma imediata ao nome de uma cidade. Optou-se então por traduzir da seguinte forma:

30. (b) “Nasci no Oeste da **Irlanda**, naquela noite horrível de Inverno – desejo que todos tenham paz e vivam em segurança! – num lugar chamado **Corkadoragha** (...).” (p. 6)

Nos exemplos 31, 33 e 34 está-se perante o mesmo tipo de tradução: mudança de unidade monetária e de medidas. Tendo em conta a opção de aproximar o texto do público de chegada, por ser uma cultura tão diferente da sua, não faria sentido manter as medidas e unidades inglesas. Não só o leitor poderá não ter noção do valor monetário das moedas inglesas, como também as medidas maioritariamente utilizadas na Irlanda e no Reino Unido não são as do Sistema Internacional de Unidades. Como tal, optou-se

por passar as jardas para metro, *shillings* para réis e *pennies* para centavos; tal decisão prendeu-se com o facto de serem unidades com que as pessoas estão familiarizadas. A decisão de optar por metros foi a de esta ser o equivalente directo; a opção de réis foi por ser igualmente uma unidade monetária antiga utilizada em Portugal (e que, ainda que há muito fora de circulação, perdura no uso coloquial da língua); e os centavos por ser algo que, em português, é considerado uma ninharia, tal como os *pennies*. A tradução ficou então:

31. (b) “(...) iam embora à noite levavam consigo uma boa parte do bom gaélico, mas deixavam alguns **centavos** como recompensa para os pobres (...)” (p. 16)

33. (b) “Abriu a mão e não sei o que imaginava que lá estivesse mas tinha cinco **réis** de prata (...). ” (p. 32)

34. (b) “(...) calculei que estava a **cerca de duzentos metros** ou perto de mim (...)” (p. 38)

#### Mudança interpessoal:

Esta secção irá tratar de todas as alterações efectuadas a nível estilístico da obra original. Estas alterações são definidas por Chesterman da seguinte forma:

This strategy operates at the level of the overall style: it alters the formality level, the degree of emotiveness and involvement, the level of technical lexis and the like: anything that involves a change in the relationship between text/author and reader.<sup>88</sup>

---

<sup>88</sup> Chesterman, Andrew, *op. cit.*, p. 110.

Tal definição indica que este ponto irá focar nas alterações que atraem o leitor para a obra, que criam uma relação de aproximação do leitor à obra.

35. (a) “I never heard him called anything but the **Old-Grey-Fellow**.” (p. 14)

36. (a) “- **Little son**, said he, I don’t think that the coming night’s rain will drench anyone (...).” (p. 47)

37. (a) “But another night a gentleman arrived, a school-inspector that went astray in the bog-mist and **happened** to come on the mouth of the glen.” (p. 20)

Os exemplos acima referidos são elucidativos de como pequenas alterações permitem que o leitor se aperceba melhor das relações entre as personagens e tome um maior conhecimento da sintaxe e estrutura da língua irlandesa.

Em 35 e 36, tornou-se mais claro o nível de familiaridade entre as personagens. O avô da personagem era conhecido como *Old-Grey-Fellow*, o que, traduzido à letra, seria Velho Cinzento (deixou-se cair o *Fellow*, que em português é tipo, e atendendo a que, em português, o género da personagem é indicado por Velho); esta expressão não deixa transparecer o nível afectivo entre ambos pois Velho Cinzento poderia facilmente ser algo que se chamasse a alguém de quem não se gostasse. Quanto ao exemplo 38, a tradução literal seria *pequeno filho* contudo, tal tradução não reflecte o uso da linguagem portuguesa; optou-se então pela introdução do diminutivo como filhinho, passarinhos<sup>89</sup> e casinha<sup>90</sup>. O resultado obtido nas traduções aproxima mais a linguagem da realidade das personagens e dos respectivos contextos familiares e sócio-culturais.

---

<sup>89</sup> Cf. Anexo B, p. 28.

35. (b) “Nunca ouvi tratarem-no por outra coisa que não **Velhote Cinzento**.” (p. 7)

36. (b) “– **Filhinho**, – disse ele – não acredito que a noite de chuva que se aproxima vá encharcar quem quer que seja (...).” (p. 14)

Por último, os exemplos 37 e 38 estão relacionados com as marcas de oralidade. A língua irlandesa está repleta de marcas de oralidade. Isto deve-se ao facto de, apesar das diversas invasões e influências, a Irlanda ter mantido sempre uma grande tradição oral, nomeadamente de contadores de história. Sob o domínio inglês, a língua irlandesa entrou num período de declínio e, sendo uma língua minoritária e secundária, não era escrita nem ensinada, passando a ser quase única e exclusivamente oral; tal só mudou com a criação da Liga Gaélica, no século XIX, quando houve um grande interesse na língua irlandesa e em toda a herança gaélica irlandesa.

De modo a reproduzir essa marca de oralidade optou-se por deixar algumas expressões que não têm qualquer significado além de reproduzir oralidade. E, embora já houvesse algumas contracções, optou-se por adicionar mais algumas para manter o discurso coerente ao longo dos capítulos. É também necessário referir que também se procedeu à omissão de contracções quando precedidas de consoantes; tal deveu-se ao facto de não reflectirem a oralidade portuguesa<sup>91</sup>. Como tal obtiveram-se as seguintes traduções:

37. (b) “Mas, uma noite, chegou um cavaleiro, um inspector da escola, que se perdeu no nevoeiro do pântano e **acontece** que veio parar ao centro do vale.” (p. 10)

---

<sup>90</sup> Cf Anexo B, p. 9.

<sup>91</sup> Cf. Capítulo 2.2.1 Estratégias Sintáticas: Mudanças de tipo de unidade.

### Mudança de visibilidade:

Este ponto diz respeito ao tradutor e à sua presença numa tradução. Chesterman afirma que:

This refers to a change in the status of the authorial presence, or to the overt intrusion or foregrounding of the translatorial presence. For instance, translator's footnotes, bracketed comments (such as explanations of puns) or added glosses explicitly draw the reader's attention to the presence of the translator, who is no longer "transparent".<sup>92</sup>

O tradutor é dotado de uma certa invisibilidade, isto é, quando se traduz um livro não é com o intuito de o público o ler como uma tradução mas sim como um original e, como tal, o tradutor não é visível. Casos há, como esta tradução, em que tal foi impossível. Esta impossibilidade prende-se com o público-alvo de uma tradução; se o leitor não tiver um bom conhecimento da língua e/ou cultura de partida o tradutor tem necessidade de explicar certos trocadilhos, locais, importância de personagens, etc...

Antes de fornecer exemplos concretos sobre o recurso a notas de rodapé na tradução, é necessário relembrar que o tradutor inglês já contemplava algumas notas no fim do livro; essas notas são em menor escala do que as notas portuguesas, pois há uma maior proximidade entre as duas culturas do que com a portuguesa. Embora se tenha noção de que estas notas quebram a leitura, estas tornaram-se essenciais para explicar alguns conceitos e personagens, como:

38. (a) "Gaeltacht" (p. 7)

39. (a) "Corkadoragha" (p. 14)

40. (a) "Gaeligore" and "Feis" (p. 46)

---

<sup>92</sup> Chesterman, Andrew, *op. cit.*, p. 112.

41. (a) “Goll Mac Morna” (p. 52)
42. (a) “truly Gaelic famine” (p. 59)
43. (a) “ardent water” (p. 60)
44. (a) “Land League”, “Fenians” and “Gaelic League” (p. 63)
45. (a) “Paddy” (p. 36)
46. (a) “*guid buiks*” (p.65)

Em 38 e 40 há a manutenção das expressões irlandesas. Esta manutenção deve-se ao facto de não haver na língua portuguesa um equivalente e, como tal, torna-se imperativo fornecer informação ao leitor do que significam estas expressões estrangeiras.

Em 39, embora pelo contexto se torne óbvio que se trata de uma localidade, alguém que não esteja familiarizado com a literatura irlandesa não reconhece que este local é fictício. Os restantes locais também foram alvos de notas de rodapé para que o leitor tivesse noção de que todos aqueles locais não ficam perto de onde a personagem principal mora, logo seria impossível vê-los de um só ponto.

Foi também necessário explicar a existência de alguns nomes próprios como 42 e 46. Procedeu-se à inclusão de notas de rodapé nestes nomes pois o primeiro é um dos poucos mantidos na língua original numa lista de nomes em português e o segundo corresponde a um estereótipo que se construiu dos irlandeses.

Quando há referências históricas numa obra, mediante o conhecimento pré-determinado que o público-alvo possui, o tradutor tem de escolher se explica o motivo da referência ou se deixa tal tarefa para o leitor. Em 43, optou-se por explicar a que se referia pois a tradução para o português não é o nome pelo qual se conhece o período.

Por vezes um tradutor tem de manter a ambiguidade presente no texto que está a traduzir. O problema neste caso surge quando essa ambiguidade pode conduzir a um pressuposto pelos leitores. No exemplo 44, o original “ardent water” é uma expressão indeterminada pois não especifica qual a bebida a que se refere<sup>93</sup>; o tradutor tem de ser fiel ao original e manter essa ambiguidade. Optou-se então pela tradução literal da expressão; contudo, esta tradução poderia correr o risco de ser confundida com a bebida aguardente. Para evitar uma má leitura da expressão decidiu-se colocar uma nota de rodapé a explicar a possível bebida e a razão por que era susceptível de ter aquele efeito no narrador.

Em 45 o autor faz uma enumeração dos feitos do Velhote Cinzento e refere a *Land League*, os *Fenians* e a *Gaelic League*. Um leitor com pouco conhecimento da história irlandesa desconheceria estas organizações que lutaram pelos direitos à terra e pela língua irlandesa.

Em 46, a tradutora portuguesa optou por deixar cair a expressão “*guid buiks*”; esta prendeu-se com o facto de a tradução seguir uma abordagem de aproximação da cultura de chegada e como tal alguém que não tenha conhecimentos de inglês não perceberia a tentativa de imitação de pronúncia. Este fenómeno não foi exclusivo da tradução para português, Power refere nas suas notas que só manteve algumas marcas oralizantes de Ulster<sup>94</sup>.

Podemos concluir que, embora as notas de rodapé devam ser evitadas pois quebram o ritmo de leitura, neste caso a não inclusão destas faria com que um leitor mais desatento perdesse as subtilezas históricas e culturais desta obra. Embora se perca a ilusão de se estar perante um original, ganha-se mais em informação que enriquecerá a

---

<sup>93</sup> Cf. Exemplo 6, p. 8.

<sup>94</sup> Cf. Anexo A, p. 127.



leitura do texto; afinal a tradução acaba por funcionar como uma balança em que é necessário pesar os prós e os contras de cada opção e chegar a um compromisso.

## Conclusão

A obra *The Poor Mouth* constitui um desafio a qualquer tradutor. Isso deve-se ao facto de pertencer a um género literário muito particular, a paródia, o que aliado à menor proximidade cultural entre a cultura portuguesa e a irlandesa, aumenta a complexidade desta tarefa.

Quando se iniciou este projecto um dos propósitos era demonstrar que um conhecimento sólido da cultura e língua de partida e de chegada contribuía em muito para o aumento da qualidade de uma tradução. Com o decorrer da tradução tal facto foi comprovado: há diversas referências culturais que passariam despercebidas sem esse trabalho de pesquisa inicial.

O outro objectivo proposto foi ultrapassar a dificuldade inerente à tradução de uma obra tão vincadamente irlandesa (onde a própria língua é um tema recorrente), de forma a que o seu conteúdo fosse compreendido por um leitor português. Este objectivo foi alcançado através de um processo pouco convencional e que consistiu na utilização de duas abordagens aparentemente contraditórias. Foi assim necessário, em algumas ocasiões, proceder a modificações a nível da estrutura frásica, de comparações, etc., que, embora não sejam completamente fiéis ao original, permitem que a obra seja compreendida na cultura portuguesa. Noutras ocasiões, e por oposição a essa abordagem, foi necessário manter alguns termos conforme figuravam no texto original. São disso exemplo nomes de locais e pessoas que têm eco na cultura de chegada e permitem manter presente o carácter irlandês e a tematização da identidade nacional centrais à obra.

A utilização destas abordagens aparentemente contraditórias vem reforçar a ideia de que, apesar de tudo ser traduzível, nem sempre esse processo é simples e/ou linear.

As duas ideias base da tradução – a fidelidade ao texto original e a transposição da mensagem do original para o destinatário final – estão sempre presentes. É completamente inútil manter uma tradução 100% fiel ao texto de partida se, em última análise, o destinatário desse texto for incapaz de o compreender. Por outro lado, a preocupação única com o destinatário e a sua capacidade de apreender a mensagem não pode levar ao desvirtuamento do texto original e, por conseguinte, do processo tradutório. O sucesso de uma tradução reside por isso na obtenção de um equilíbrio delicado entre a fidelidade ao original e a transposição da mensagem para um destinatário.

## Bibliografia

- BAKER, Mona, *In Other Words: A Coursebook on Translation*, London, Routledge, 2006
- BASSNETT, Susan and André Lefevere, *Constructing Cultures: Essays on Literary Translation*, Clevedon, Multilingual Matters, 1998
- BENJAMIN, Walter, “The task of the translator: An introduction to the translation of Baudelaire’s *Tableaux Parisiens*” (translated by Harry Zohn), in *The Translation Studies Reader* 2<sup>nd</sup> ed, Lawrence Venuti (ed.), New York, Routledge, 2009
- BOLAND, Eavan, (ed.), “Preface”, in *Irish Writers on Writing*, San Antonio Texas, Trinity University Press, 2007
- BRADSHAW, David (ed.), *A Concise Companion to Modernism*, London, Blackwell, 2003
- BRIEN, Flann O’, *The Poor Mouth* (translated by Patrick C. Power), Dublin, The Dolmen Press, 1973
- BROWN, Terence, “Two post-modern novelists: Beckett and O’Brien”, in *The Cambridge Companion to The Irish Novel*, John Wilson Foster (ed.), Cambridge, Cambridge University Press, 2006
- CARLSON, Julia (ed.) , *Banned in Ireland: censorship & the Irish writer*, London, Routledge, 1990
- CHENG, Vincent J., “Catching the conscience of a race”, in *Joyce, race and empire*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995
- CHESTERMAN, Andrew, *Memes of translation : the spread of ideas in translation theory*, Amsterdam, John Benjamins, 2000

- CHESTERMAN, Andrew and Emma Wagner, *Can theory help Translators?*, Manchester, St. Jerome Publishing, 2002
- CLEARY, Joe and Claire Connolly (eds.) *The Cambridge Companion to Modern Irish Culture*, Cambridge, Cambridge University Press, 2005
- CORREIA, Stephanie Valente, “Traduzir literatura juvenil alemã para português : o exemplo do romance Anton oder die Zeit des unwerten Lebens de Elisabeth Zöller, Trabalho de Projecto de Mestrado em Tradução”, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009
- CUNHA, Celso e Lindley Cintra, *Breve Gramática do Português Contemporâneo* 15ª edição, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 2002
- Department of Foreign Affairs, *Facts about Ireland*, Dublin, 1995
- *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (II Volume G-Z), Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001
- *Dicionário Inglês – Português e Português – Inglês* (vol. 21), Espanha, Porto Editora Lda., 2004 (edição em exclusivo para o Correio da Manhã)
- DHOMHNAILL, Ní Nuala, “Why I Choose to Write in Irish”, in, *Irish Writers on Writing*, Eavan Boland (ed.), San Antonio Texas, Trinity University Press, 2007
- DODD, Luke (ed.), *Nationalisms: Visions and Revisions*, Ireland, FII Publishing, 1999
- DOLAN, Terence Patrick, *A Dictionary of Hiberno-English*, Dublin, Gill & Macmillon Ltd., 1999
- EAGLE, Dorothy (rev.), *The Concise Oxford Dictionary of English Literature* 2<sup>nd</sup> ed., Oxford, Oxford University, 1979

- ECO, Umberto, *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, Miraflores, Difel, 2005
- FARIA, Isabel Hub, et. al., *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* 2ª edição, Lisboa, Caminho, 2005
- GIBBONS, Luke, *Gaelic Gothic: race, colonization, and Irish culture*, Dublin, Arlen House, 2004
- HENRIQUES, Carolina Sousa Machado, “Comentário da tradução de *Renouveler la production d'énergie en Europe : un défi environnemental, industriel et politique* de Antoine Pellion”, Trabalho de Projecto de Mestrado em Tradução, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009
- HINDLEY, Reg, *The Death of the Irish Language: A qualified obituary*, Great Britain, Routledge, 1990
- HUTCHEON, Linda, *The politics of postmodernism*, London, Routledge, 1995
- HUTCHEON, Linda, *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX* (traduzido por Teresa Louro Pérez), Lisboa, Edições 70, 1985
- JEFFARES, A. Norman, *Anglo-Irish Literature* (VI vol.), London, Macmillan, 1994
- KELLEHER, Margaret, and Philip O’Leary (eds),. *The Cambridge History of Irish Literature*, (2 vols.) Cambridge, Cambridge University Press, 2006
- KIBERD, Declan, *Irish Classics*, London, Granta Books, 2001
- LANDERS, Clifford E., *Literary Translation: A practical guide*, Great Britain, Cromwell Press Ltd, 2001
- MATEUS, Maria Helena Mira et. al., *Gramática da Língua Portuguesa* 7ª edição, Lisboa, Caminho, 2006

- MURCHU, Máirtín Ó, Dublin, *The Irish Language*, Ireland , The Department of Foreign Affairs and Bord na Gaeilge, 1985
- NEWMARK, Peter, *A Textbook of Translation*, New York, Prentice, 1988
- NIDA, Eugene, “Principles of Correspondence”, in *The Translation Studies Reader* 2<sup>nd</sup> ed, Lawrence Venuti (ed.), New York, Routledge, 2009
- NORD, Christiane, *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis* 2<sup>nd</sup> edition, Amsterdam, Rodopi, 2005 [pp. 27-27, pp. 34-37, pp. 47-83, pp. 112-116]
- O'BRIEN, Eugene, “‘More than a Language... No More of a Language’: Merriman, Heaney, and the Metamorphoses of Translation”, in *Irish University Review: A Journal of Irish Studies*, ed. Anna Fogarty, vol.34, number 2 Autumn/Winter 2004, Dublin, Colourbooks Ltd
- PERES, João Andrade e Telmo Mória, *Áreas Críticas do Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1995
- PIERCE, David (ed.), *Irish Writing in the Twentieth-Century: A Reader*, Cork, Cork University Press, 2000
- RICOEUR, Paul, *On Translation* (translated by Eileen Brennan), London and New York, Routledge, 2006
- SCHLEIERMACHER, Friedrich, “On the different methods of translating” (translated by Susan Bernofsky), in *The Translation Studies Reader* 2<sup>nd</sup> ed, Lawrence Venuti (ed.), New York, Routledge, 2009
- SHIPLEY, Joseph (ed.), *Dictionary of World Literature*, New Jersey, Littlefield Adams, 1968

- SWAN, Michael, *Practical English Usage* Third Edition, China, Oxford University Press, 2005
- TITLEY, Alan, “The Gaeltacht Autobiography”, in *The Cambridge Companion to The Irish Novel*, John Wilson Foster (ed.), Cambridge, Cambridge University Press, 2006
- VARANDAS, Angélica, *Mitos e Lendas Celtas: Irlanda*, Lisboa, Livros e livros, 2006
- VINAY, Jean-Paul and Jean Darbelnet, “A methodology for translation” (translated by Juan C. Sager and M.-J. Hamel), in *The Translation Studies Reader* 2<sup>nd</sup> ed, Lawrence Venuti (ed.), New York, Routledge, 2009
- TOURY, Gideon, “The Nature and Role of Norms in Translation” in *The Translation Studies Reader* 2<sup>nd</sup> ed, Lawrence Venuti (ed.), New York, Routledge, 2009
- WEHMEIER, Sally (ed.), *OXFORD Advanced Learner’s Dictionary*, Oxford, Oxford University Press, 2000
- WILLIS, Judith (ed), *OXFORD Pocket Português – Inglês e Inglês – Português*, Spain, Oxford University Press, 1999
- ZLATEVA, Palma, “Translation: Text and pre-text ‘Adequacy’ and ‘Acceptability’ in Crosscultural Communication”, in *Translation, history and culture*, Susan Bassnett and André Lefevere (eds.), London, Cassel, 1995
- KÖVECSES, Zoltán, *Metaphor: A Practical Introduction* 2<sup>nd</sup> edition, New York, Oxford University Press, 2010



## Sitografia

- ATHERTON, James Stephen (ed.), “James Joyce Biography”, *Biography.com*, disponível no sítio <<http://www.biography.com/articles/James-Joyce-9358676?part=0>>, 14-09-2010 23:53
- Autor Desconhecido, “An Béal Bocht”, *Wikipedia*, disponível no sítio <[http://en.wikipedia.org/wiki/An\\_B%C3%A9al\\_Bocht](http://en.wikipedia.org/wiki/An_B%C3%A9al_Bocht)>, 20-12-2009 19:27
- Autor Desconhecido, “AN GHAEILGE, Why it is so important”, *Republican Sinn Féin*, disponível no sítio <<http://www.rsfi.ie/gaeilge.htm>>, 20-08-2010 15:44
- Autor Desconhecido, “Brian O’Nolan”, *Knowledgerush*, disponível no sítio <[http://www.knowledgerush.com/kr/encyclopedia/Brian\\_O%27Nolan/](http://www.knowledgerush.com/kr/encyclopedia/Brian_O%27Nolan/)>, 20-12-09 19:20
- Autor Desconhecido, “Brian O’Nolan”, *Wikipedia*, disponível no sítio <[http://en.wikipedia.org/wiki/Brian\\_O%27Nolan](http://en.wikipedia.org/wiki/Brian_O%27Nolan)>, 20-12-09 19:25
- Autor Desconhecido, “Daniel O’Connell”, *Wikipedia*, disponível no sítio <[http://en.wikipedia.org/wiki/Daniel\\_O%27Connell#Political\\_beliefs\\_and\\_programme](http://en.wikipedia.org/wiki/Daniel_O%27Connell#Political_beliefs_and_programme)>, 20-08-2010 15:40
- Autor Desconhecido, “Flann O’Brien Biography”, *biographybase*, disponível no sítio <[http://www.biographybase.com/biography/OBrien\\_Flann.html](http://www.biographybase.com/biography/OBrien_Flann.html)>, 26-09-2010 00:44
- Autor Desconhecido, “Gaeltacht”, *Merriam Webster*, disponível no sítio <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/gaeltacht>> 28-09-2010 17:49
- Autor Desconhecido, “Gaeltacht”, *Wikipedia*, disponível no sítio <<http://en.wiktioary.org/wiki/Gaeltacht>>, 23-08-2010 18:16

- Autor Desconhecido, “History of the Irish Language”, *Irish Language*, disponível no sítio <[www.irishlanguage.net](http://www.irishlanguage.net)>, 28-09-2010 17:49
- Autor Desconhecido, “Independência da Irlanda”, *Infopédia*, disponível no sítio <[http://www.infopedia.pt/\\$independencia-da-irlanda](http://www.infopedia.pt/$independencia-da-irlanda)>, 28-09-2010 17:49
- Autor Desconhecido, “Irish Language”, *Wikipedia*, disponível no sítio <[http://en.wikipedia.org/wiki/Irish\\_language](http://en.wikipedia.org/wiki/Irish_language)> 28-09-2010 17:49
- Autor Desconhecido, “Neologismo”, *Infopédia*, disponível no sítio <<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/neologismo>>, 16-09-2010 00:51
- Autor Desconhecido, “Pragmática”, *Infopédia*, disponível no sítio <[http://www.infopedia.pt/\\$pragmatica](http://www.infopedia.pt/$pragmatica)>, 16-09-2010 01:00
- Autor Desconhecido, “Semântica”, *Infopédia*, disponível no sítio <[http://www.infopedia.pt/\\$semantica](http://www.infopedia.pt/$semantica)>, 16-09-2010 00:59
- Autor Desconhecido, “Sintaxe”, *Infopédia*, disponível no sítio <[http://www.infopedia.pt/\\$sintaxe](http://www.infopedia.pt/$sintaxe)>, 15-09-2010 23:26
- Autor Desconhecido, “The Dalton Family in Ireland”, *Dalton Genealogical Society*, disponível no sítio <<http://www.daltondatabank.org/DaltonChronicles.htm>>, 16-09-2010, 23:42
- Autor desconhecido, “Voz”, *Infopédia*, disponível no sítio <[http://www.infopedia.pt/\\$voz](http://www.infopedia.pt/$voz)>, 16-09-2010 00:56
- Autor Desconhecido, “What is Irish?”, *Conradh na Gaeilge Shasana Nua*, disponível no sítio <<http://www.gaeilge.org/irish.html>> 24-08-2010 02:14
- AVELAR, Mário, “Metaficção”, *E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia*, disponível no sítio <<http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/metaficcao.htm>>, 16-09-2010 00:03

- Baboro International Arts Festival for Children (comunicação pessoal), *Facebook*, disponível no sítio <[http://www.facebook.com/pages/Baboro-International-Arts-Festival-for-Children/131877240680?v=wall&story\\_fbid=449738435680](http://www.facebook.com/pages/Baboro-International-Arts-Festival-for-Children/131877240680?v=wall&story_fbid=449738435680)>, 11-06-2010 16:29
- BIEGE, Bernd, "Irish Folk Songs – an Introduction to the Genre", *About.com*, disponível no sítio <<http://goireland.about.com/od/irishtadandfolkmusic/qt/irishfolksongs.htm>>, 16-09-2010 16:14
- GARNHAM, Neal, "Censorship", *Encyclopedia.com*, disponível no sítio <<http://www.encyclopedia.com/doc/1O245-censorship.html>> 19-09-2010 17:38
- JAMES, Kate, "Cultural Implications for Translation", in *Translation Journal*, disponível no sítio <<http://accurapid.com/journal/22delight.htm>> 28-09-2010 17:49
- LOOBY, Robert, "Flann O'Brien", *The Modern World*, disponível no sítio <<http://www.themodernword.com/scriptorium/obrien.html>>, 20-12-2009 19:24
- MADER-LIN, Eric, "Flann O'Brien: A Biographical Introduction", disponível no sítio <<http://www.necessaryprose.com/obrien.html>>, 20-12-09 19:30
- MADER-LIN, Eric, "Gaelically Gaelic", *Necessary Prose*, disponível no sítio <<http://www.necessaryprose.com/poormouth.html>>, 20-12-2009 19:47
- MCKIBBEN, Sarah E., "An Beal Bocht: mouthing off at national identity", *Eire-Ireland: Journal of Irish Studies*, disponível no sítio <[http://findarticles.com/p/articles/mi\\_m0FKX/is\\_1-2\\_38/ai\\_105439604/](http://findarticles.com/p/articles/mi_m0FKX/is_1-2_38/ai_105439604/)>, 25-08-2010 01:52

- New Yorker, “The Poor Mouth: A Bad Story about the Hard Life”, *Dalkey Archive Press*, disponível no sítio <<http://www.dalkeyarchive.com/book/?GCOI=15647100634300>>, 26-09-2010 16:53
- NIE, Michael de, “The Eternal Paddy: Irish Identity and the British Press, 1798–1882”, *Reviews in History*, disponível no sítio <<http://www.history.ac.uk/reviews/review/501>>, 25-08-2010 01:45
- O'TOOLE, Fintan, “Oblomov in Dublin”, in *The New York Review of Books*, disponível no sítio <<http://www.nybooks.com/articles/archives/2009/aug/13/oblomov-in-dublin/?page=1>>, 25-08-2010 01:45
- RIBEIRO, Guilherme, “APONTAMENTO SOBRE A HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO DA LÍNGUA”, *esjmlima*, disponível no sítio <[http://esjmlima.prof2000.pt/hist\\_evol\\_lingua/R\\_GRU-F.HTM#BM25](http://esjmlima.prof2000.pt/hist_evol_lingua/R_GRU-F.HTM#BM25)>, 28-09-2010 13:48
- SORRETINO, Gilbert, “Reading Flann Brian O’Brien O’Nolan”, in *Context nº 1*, disponível no sítio <<http://www.dalkeyarchive.com/article/show/2>>, 20-12-2009 19:22
- WELCH, Robert (ed.), “Gaeltacht”, in *The Oxford companion to Irish literature*, disponível no sítio <[http://books.google.pt/books?id=vDsAaXKLGvYC&pg=PA210&dq=Gaeltach&hl=pt-PT&ei=x\\_5OTK26K8H44AbY-aTrBw&sa=X&oi=book\\_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDAQ6AEwAjkK#v=onepage&q=Gaeltacht&f=false](http://books.google.pt/books?id=vDsAaXKLGvYC&pg=PA210&dq=Gaeltach&hl=pt-PT&ei=x_5OTK26K8H44AbY-aTrBw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CDAQ6AEwAjkK#v=onepage&q=Gaeltacht&f=false)>, 28-09-2010 17:49

- <<http://encyclopedia2.thefreedictionary.com/>>, consulta entre Dezembro e Julho de 2010
- <[http://www.essortment.com/all/irishgaeliclan\\_rsbt.htm](http://www.essortment.com/all/irishgaeliclan_rsbt.htm)>, consulta entre Março e Junho de 2010
- <<http://www.gov.ie/en/>> consulta entre Janeiro e Maio de 2010
- <<http://www.merriam-webster.com/>>, consulta entre Dezembro e Julho de 2010
- <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>, consulta entre Dezembro e Julho de 2010
- <<http://www.qub.ac.uk/schools/SchoolofEnglish/imperial/ireland/ireland.htm>>, consulta entre Janeiro e Maio de 2010
- <[www.irelandstory.com](http://www.irelandstory.com)>, 28-09-2010 17:49

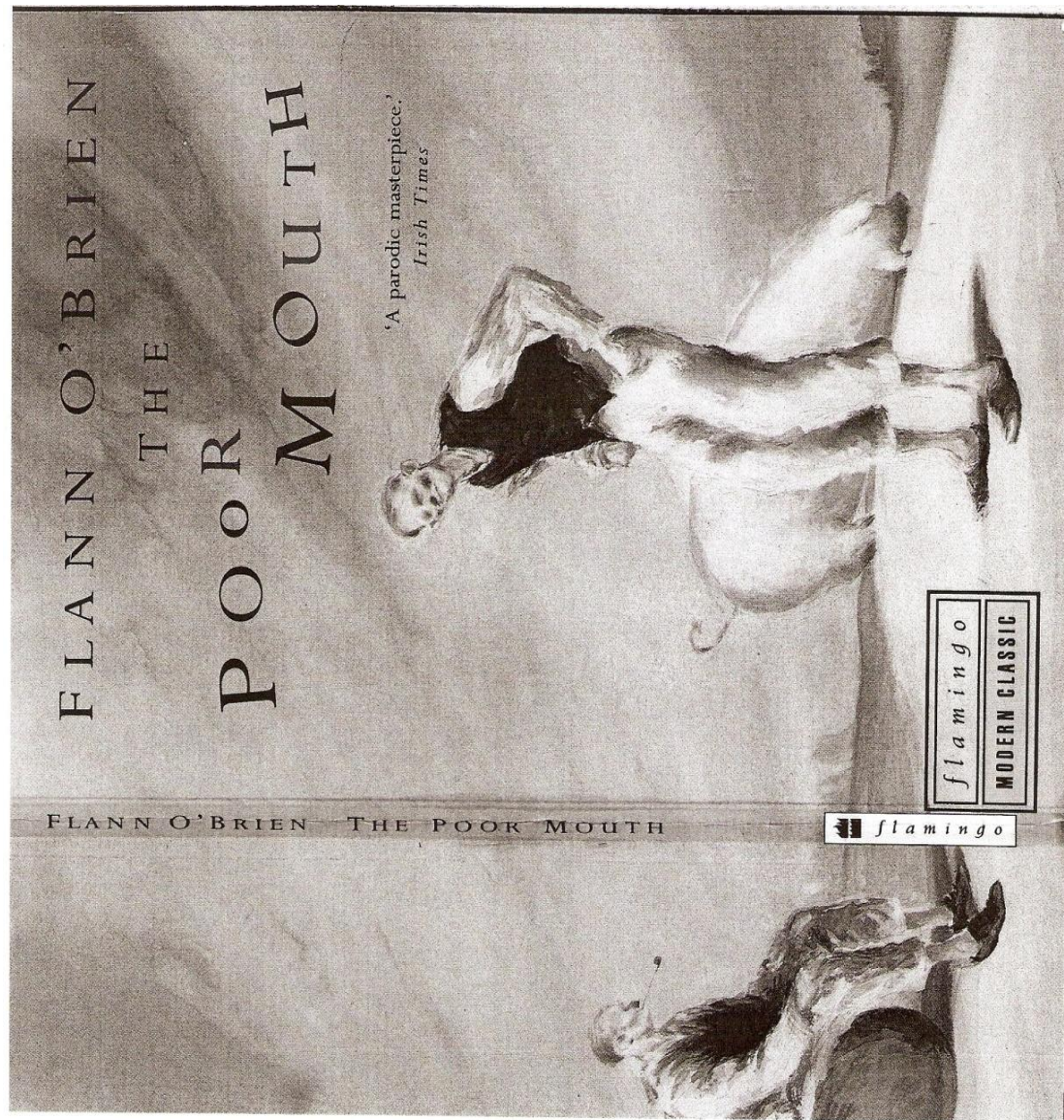
## Filmografia

*A Short History of Ireland*, realizado por Norman Staples, baseado na obra homónima de Richard Killeen, produzido por David Morgan, 2004

# **Anexos**



## Anexo A



'A wonderful romp amongst the unspeakable stereotypes of Irishry.'

*The Times*

Flann O'Brien's gloriously wicked satire of the traditional Irish peasant novel, *The Poor Mouth* tells the shamelessly ironic story of Bonaparte O'Coonassa, born in the West of Ireland 'on a terrible winter's night'. A hymn to the world of potatoes, rain and 'excellent poverty', this cruelly funny assault on the fashionable Gaelic Revival of the day brought the wrath of the custodians of national sentiment upon O'Brien's head for many years thereafter.

'A Gaelic novel, all footnotes and authenticity, *The Poor Mouth* is O'Brien's practical joke. Hugely and unfairly funny.'

*Observer*

'Anyone who has read the Blasket writers, cocked a pained ear to Peig Sayers or waded through the novels of Maire, will delight in the cruel accuracy of *The Poor Mouth*.'

*Literary Review*

'O'Brien's sense of comedy is an unflinching delight.'

*Sunday Times*

'Along with Joyce and Beckett, Flann O'Brien constitutes our trinity of great Irish writers.'

*Edna O'Brien*

Also available in Flamingo:

*The Third Policeman, The Dalkey Archive,*

*The Best of Myles and Myles Away From Dublin*

Cover illustration by Michael O'Shaughnessy

UK £7.99\*

ISBN 978-0-586-08748-0

CAN \$15.50

\*recommended price



9 780586 087480



## Translator's Preface

Flamingo  
An Imprint of HarperCollinsPublishers  
77-85 Fulham Palace Road,  
Hammersmith, London W6 8JB  
A Flamingo Modern Classic 1993  
15

Previously published in paperback by Paladin 1988  
(Reprinted three times)

First published in Great Britain by  
Hart-Davis, MacGibbon Ltd 1973

Copyright © The Dolmen Press Ltd, Dublin 1941  
Translation copyright © Hart-Davis, MacGibbon Ltd 1973

ISBN 0 586 08748 6

Set in Monotype Gloucester

Printed in Great Britain by  
Clays Ltd, St Ives plc

All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording or otherwise, without the prior permission of the publishers.

This book is sold subject to the condition that it shall not, by way of trade or otherwise, be lent, re-sold, hired out or otherwise circulated without the publisher's prior consent in any form of binding or cover other than that in which it is published and without a similar condition including this condition being imposed on the subsequent purchaser.

THIS CELEBRATED satirical work, *An Béal Bocht*, first published in 1941, is here translated for the first time under the title of *The Poor Mouth*. In Gaelic and in Anglo-Irish dialect, 'putting on the poor mouth' means making a pretence of being poor or in bad circumstances in order to gain advantage for oneself from creditors or prospective creditors. It may also mean simply 'grumbling' according to the lexicographer Dr Patrick Dinneen, a scholar who received scant respect from Myles na Gopaleen.

The author, Brian O'Nolan, who writes under his *nom de plume*, Myles na Gopaleen, was an accomplished Gaelic scholar and handles Gaelic in this work in a masterly but also in a rather idiosyncratic manner which makes translation at times a rather exacting task.

The third edition, which contains many interpolations and emendations, is the text translated here. Wherever this particular edition presented difficulties or ambiguities, the earlier editions have been consulted. In this text the author included some humorous 'translations' of single words which he added to the ends of the pages as footnotes. They occur only in the first chapter of the third edition and have been included here in notes at the back of the book.

In *The Poor Mouth* Myles comments mercilessly on Irish life and not only on the Gaeltacht. Words such as 'hard

times', 'poverty', 'drunkenness', 'spirits' and 'potatoes' recur in the text with almost monotonous regularity. The atmosphere reeks of the rain and the downpour and with relentless insistence he speaks of people who are 'facing for eternity' and the like. The key-words in this work are surely 'down-pour', 'eternity' and 'potatoes' set against a background of squalor and poverty.

The principal difficulty attending the translation of this work has been due to Myles's parodying the style of certain Gaelic authors such as Máire (Séamas O Grianna) from the Rosses in County Donegal and Tomás Ó Criomhthainn from the Great Blasket Island in County Kerry. This daunting task must always face the translator who wishes to reproduce in another language the subtle nuances and flavour of the original.

For too long *An Béal Bocht* has been inaccessible to those who were ignorant of Gaelic or whose knowledge of the old language of Ireland was inadequate for a proper understanding of Myles's satirical work. It is time that this book, which should have acted as a cauterisation of the wounds inflicted on Gaelic Ireland by its official friends, might do its work in the second official language of Ireland. That it may do so, is the translator's wish and hope.

*Patrick C. Power M.A., Ph.D.*

## Preface to the First Edition

I BELIEVE THAT this is the first book ever published on the subject of Corkadoragha. It is timely and opportune, I think. Of great advantage both to the language itself and to those studying it is that a little report on the people who inhabit that remote Gaeltacht should be available after their times and also that some little account of the learned smooth Gaelic which they used should be obtainable.

This document is exactly as I received it from the author's hand except that much of the original matter has been omitted due to pressure of space and to the fact that improper subjects were included in it. Still, material will be available ten-fold if there is demand from the public for the present volume.

It is understandable that anything mentioned here concerns only Corkadoragha and it is not to be understood that any reference is intended to the Gaeltacht areas in general; Corkadoragha is a distinctive place and the people who live there are without compare.

It is a cause of jubilation that the author, Bonaparte O'Coonassa, is still alive today, safe in jail and free from the miseries of life.

*The Editor*  
The Day of Want, 1941

## Foreword

IT IS SAD to relate that neither praise nor commendation is deserved by Gaelic folk—those of them who are moneyed gentle-folk or great bucks (in their own estimation)—because they have allowed a fascicle such as *The Poor Mouth* to remain out of print for many years; without young or old having an opportunity to see it, nor having any chance of milking wisdom, shrewdness and strength from the deeds of the unusual community that lives west in Corkadoragha—the seed of the strong and the choicest of paupers.

They live there to this day, but they are not increasing in numbers and the sweet Gaelic dialect, which is oftener in their mouths than a scrap of food, is not developing but rather declining like rust. Apart from this fact, emigration is thinning out the remote areas, the young folk are setting their faces towards Siberia in the hope of better weather and relief from the cold and tempest which is natural to them.

I recommend that this book be in every habitation and mansion where love for our country's traditions lives at this hour when, as Standish Hayes O'Grady says 'the day is drawing to a close and the sweet wee maternal tongue has almost ebbed'.

*The Editor*  
The Day of Doom, 1964

## Chapter I

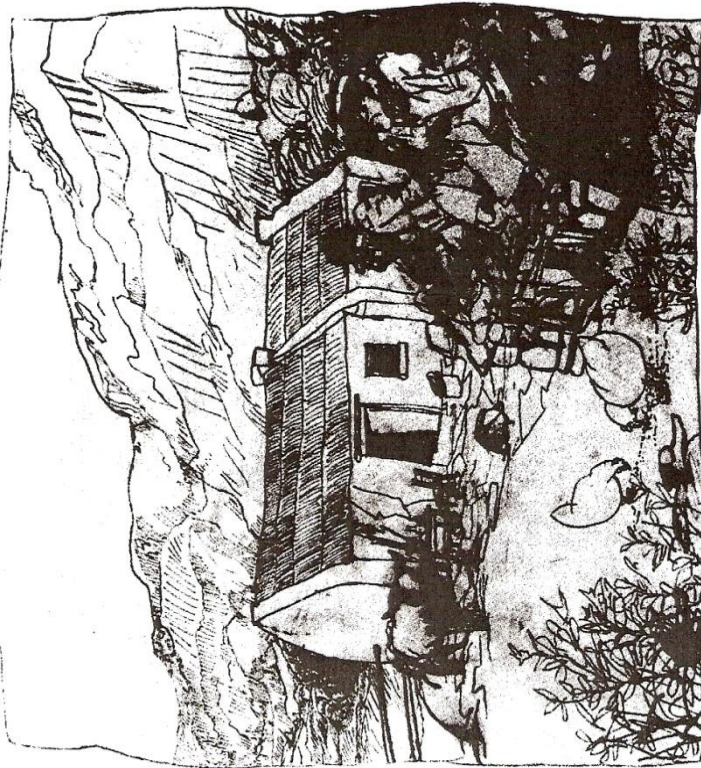
Why I speak ⚔ my birth ⚔ my mother and the Old-Grey-  
Fellow ⚔ our house ⚔ the glen where I was born ⚔ the hard-  
ships of the Gaels in former times

---

I AM NOTING down the matters which are in this document because the next life is approaching me swiftly—far from us be the evil thing and may the bad spirit not regard me as a brother!—and also because our likes will never be there again. It is right and fitting that some testimony of the diversions<sup>1</sup> and adventures<sup>2</sup> of our times should be provided for those who succeed us because our types will never be there again nor any other life in Ireland comparable to ours who exists no longer.

O'Coonassa is my surname in Gaelic, my first name is Bonaparte and Ireland is my little native land. I cannot truly remember either the day I was born or the first six months I spent here in the world. Doubtless, however, I was alive at that time although I have no memory of it, because I should not exist now if I were not there then and to the human being, as well as to every other living creature, sense comes gradually.





♣ The night before I was born, it happened that my father and Martin O'Bannassa were sitting on top of the hen-house, gazing at the sky to judge the weather and also chatting honestly and quietly about the difficulties of life.  
- Well, now, Martin, said my father, the wind is from the north and there's a forbidding look about the White Bens: before the morning there'll be rain and we'll get a dirty tempestuous night of it that will knock a shake out of us even if we're in the very bed. And look here! Martin, isn't it the bad sign that the ducks are in the nettles?

The night before I was born, it happened that my father and Martin O'Bannassa were sitting on top of the hen-house, gazing at the sky to judge the weather and also chatting honestly and quietly about the difficulties of life.

- Well, now, Martin, said my father, the wind is from the north and there's a forbidding look about the White Bens; before the morning there'll be rain and we'll get a dirty tempestuous night of it that will knock a shake out of us even if we're in the very bed. And look here! Martin, isn't it the bad sign that the ducks are in the nettles? Horror and misfortune will come on the world tonight; the evil thing and sea-cat will be a-foot in the darkness and, if 'tis true for me, no good destiny is ever in store for either of us again.

- Well, indeed, Michelangelo, said Martin O'Bannassa, 'tis no little thing you've said there now and if you're right, you've told nary a lie but the truth itself.

I was born in the middle of the night in the end of the house.<sup>3</sup> My father never expected me because he was a quiet fellow and did not understand very accurately the ways of life. My little bald skull so astounded him that he almost departed from this life the moment I entered it and, indeed, it was a misfortune and harmful thing for him that he did not, because after that night he never had anything but misery and was destroyed and rent by the world and bereft of his health as long as he lived. The people said that my mother was not expecting me either and it is a fact that the whisper went around that I was not born of my mother at all but of another woman. All that, nevertheless, is only the neighbours' talk and cannot be checked now because the neighbours are all dead and their likes will not be there again. I never laid eyes on my father until I was grown up but that is another story and I shall mention it at another time in this document.

I was born in the West of Ireland on that awful winter's

night—may we all be healthy and safe!—in the place called Corkadoragha and in the townland named Lisnabrawshkeen. I was very young at the time I was born and had not aged even a single day; for half a year I did not perceive anything about me and did not know one person from the other. Wisdom and understanding, nevertheless, come steadily, solidly and stealthily into the mind of every human being and I spent that year on the broad of my back, my eyes darting here and there at my environment. I noticed my mother in the house before me, a decent, hefty, big-boned woman; a silent, cross, big-breasted woman. She seldom spoke to me and often struck me when I screamed in the end of the house. The beating was of little use in stopping the tumult because the second tumult was worse than the first one and, if I received a further beating, the third tumult was worse than the second one. However, my mother was sensible, level-headed and well-fed; her like will not be there again. She spent her life cleaning out the house, sweeping cow-dung and pig-dung from in front of the door, churning butter and milking cows, weaving and carding wool and working the spinning-wheel, praying, cursing and setting big fires to boil a houseful of potatoes to stave off the day of famine.

There was another person in the house in front of me—an old crooked, stooped fellow with a stick, half of whose face and all of whose chest were invisible because there was a wild, wool-grey beard blocking the view. The hairless part of his face was brown, tough and wrinkled like leather and two sharp shrewd eyes looked out from it at the world with a needle's sharpness. I never heard him called anything but the Old-Grey-Fellow. He lived in our house and very often my mother and he were not of the same mind and, bedad, it was an incredible thing the amount of potatoes he consumed, the volume of speech which issued from him and what little

work he performed around the house. At first in my youth I thought he was my father. I remember sitting in his company one night, both of us gazing peacefully into the great red mass of the fire where my mother had placed a pot of potatoes as big as a barrel a-boiling for the pigs—she herself was quiet in the end of the house. It happened that the heat of the fire was roasting me but I was not able to walk at that time and had no means of escape from the heat on my own. The Old-Grey-Fellow cocked an eye at me and announced:

- 'Tis hot, son!

- There's an awful lot of heat in that fire truly, I replied, but look, sir, you called me son for the first time. It may be that you're my father and that I'm your child, God bless and save us and far from us be the evil thing!

- 'Tisn't true for you, Bonaparte, said he, for I'm your grandfather. Your father is far from home at the present but his name and surname in his present habitation are Michelangelo O'Coonassa.

- And where is he?

- He's in the jug! said the Old-Grey-Fellow.

At that time I was only about in the tenth month of my life but when I had the opportunity I looked into the jug. There was nothing in it but sour milk and it was a long time until I understood the Old-Grey-Fellow's remark, but that is another story and I shall mention it in another place in this document.

There is another day of my youth which is clear in my memory and eminently describable. I was sitting on the floor of the house, still unable to walk or even stand and watching my mother sweeping the house and settling the hearth neatly with the tongs. The Old-Grey-Fellow came in from the field and stood looking at her until she had finished the work.

- Woman, said he, it is a harmful, untimely work that you're at there and you may be sure that neither good nor



fine instruction will come of it for the fellow who's there on his backside on the floor of our house.

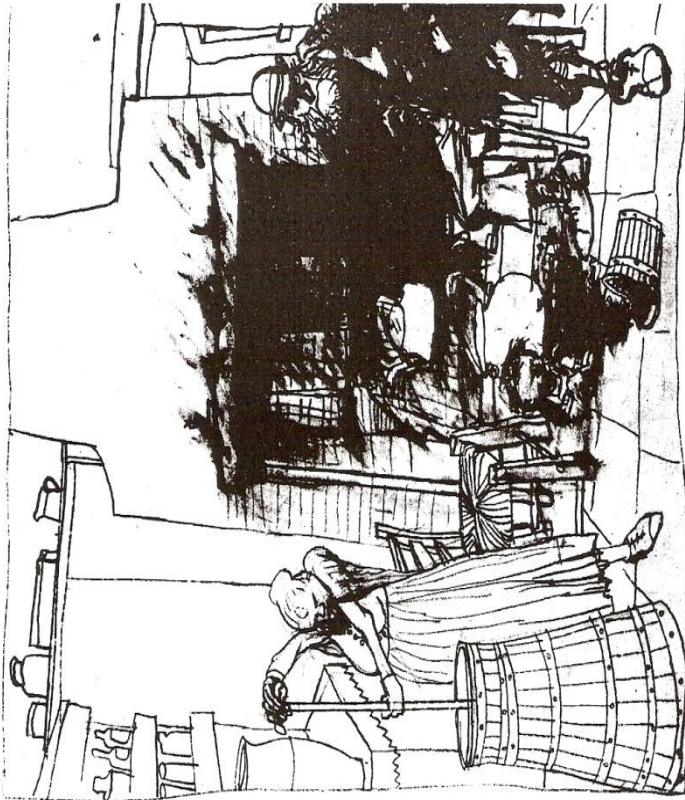
- Any word and nearly every sound out of you are sweet to me, said she, but truly I don't understand what you're saying.

- Well, said the Old-Fellow, when I was a raw youngster growing up, I was (as is clear to any reader of the good Gaelic books) a child among the ashes.<sup>4</sup> You have thrown all the ashes of the house back into the fire or swept them out in the yard and not a bit left for the poor child on the floor—he pointed a finger towards me—to let him into. It's an unnatural and unregulated training and rearing he'll have without any experience of the ashes. Therefore, woman, it's disgraceful for you not to leave the hob full of dirt and ashes just as the fire leaves it.

- Very well, said my mother, 'tis true for you although you seldom talk a bit of sense and I'll be glad to put back all I swept from the hob.

And she did so. She took a bucket full of muck, mud and ashes and hen's droppings from the roadside and spread it around the hearth gladly in front of me. When everything was arranged, I moved over near the fire and for five hours I became a child in the ashes—a raw youngster rising up according to the old Gaelic tradition. Later at midnight I was taken and put into bed but the foul stench of the fireplace stayed with me for a week; it was a stale, putrid smell and I do not think that the like will ever be there again.

We lived in a small, lime-white, unhealthy house, situated in a corner of the glen on the right-hand side as you go eastwards along the road. Doubtless, neither my father nor any of his people before him built the house and placed it there; it is not known whether it was god, demon or person who first raised the half-rotten, rough walls. If there were a hundred corners in all that glen, there was a small lime-white cabin nestling in each one and no one knows who built any



She took a bucket full of muck, mud and ashes and hen's droppings from the roadside, and spread it around the hearth gladly in front of me. When everything was arranged, I moved over near the fire and for five hours I became a child in the ashes—a raw youngster rising up according to the old Gaelic tradition. Later at midnight I was taken and put into bed but the foul stench of the fireplace stayed with me for a week; it was a stale, putrid smell and I do not think that the like will ever be there again.

of them either. It has always been the destiny of the true Gaels (if the books be credible) to live in a small, lime-white house in the corner of the glen as you go eastwards along the road and that must be the explanation<sup>5</sup> that when I reached this life there was no good habitation for me but the reverse in all truth. As well as the poverty of the house in itself, it clung to a lump of rock on the perilous shoulder of the glen (although there was a fine site available lower down) and if you went out the door without due care as to where you stepped, you could be in mortal danger immediately because of the steep gradient.

Our house was undivided, wisps of rushes above us on the roof and rushes also as bedding in the end of the house. At sundown rushes were spread over the whole floor and the household lay to rest on them. Yonder a bed with pigs upon it; here a bed with people; a bed there with an aged slim cow stretched out asleep on her flank and a gale of breath issuing from her capable of raising a tempest in the centre of the house; hens and chickens asleep in the shelter of her belly; another bed near the fire with me on it.

Yes I people were in bad circumstances when I was young and he who had stock and cattle possessed little room at night in his own house. Alas! it was always thus. I often heard the Old-Grey-Fellow speak of the hardship and misery of life in former times.

- There was a time, said he, when I had two cows, a cart-horse, a race-horse, sheep, pigs and other lesser animals.<sup>6</sup> The house was narrow and, upon me soul, 'twas a tight troublesome situation we were in when the night came. My grandfather slept with the cows and I myself slept with the horse, Charlie, a quiet, gentle animal. The sheep used often start fighting and many times I went without a wink of sleep from the bleating and the roaring they used have. One night my grandfather was hurt and wounded but we didn't know



*The sheep used often start fighting and many times I went without a wink of sleep from the bleating and the roaring they used have.*



whether 'twas the sheep or the cows that were the cause of it or whether my grandmother herself started the quarrel. But another night a gentleman arrived, a school-inspector that went astray in the bog-mist and happened to come on the mouth of the glen. Looking for help and lodging he was, maybe, and when he saw what was to be seen in the low light of the fire, he let a long roar of amazement out of him and stood there on the threshold staring in. Says he: Isn't it a shameful, improper and very bad thing for ye to be stretched out with the brute beasts, all of ye stuck together in the one bed? And isn't it a shameful, bad and improper state that ye're in here tonight? 'Tis true for you, I replied to the gentleman, but sure we can't help the bad state you've mentioned. The weather is bitter and everyone of us must be inside from it, whether he has two legs or four under him. If that's the way it is, says the gentleman, wouldn't it be easy for you to put up a little hut at the side of the yard and it a bit out from the house? Sure and 'twould be easy, says I. I was full of wonder at all he said because I never thought of the like nor of any other plan that would be handy to improve the bad state we were in—all of us stuck together in the end of the house. The next day I gathered the neighbours and explained exactly to them the gentleman's advice. They praised that advice and within a week we had put up a fine hut adjacent to my house. But alas! things are not what they seem to be! When I, my grandmother and two of my brothers had spent two nights in the hut, we were so cold and drenched wet that it is a wonder we did not die straight away and we couldn't get any relief until we went back to the house and were comfortable again among the cattle. We've been that way ever since, just like every poor bit of a Gael in this side of the country.

The Old-Grey-Fellow often provided accounts such as this of the old times and from him I received much of the

sense and wisdom which is now mine. However, concerning the house where I was born, there was a fine view from it. It had two windows with a door between them. Looking out from the right-hand window, there below was the bare hungry countryside of the Rosses and Gweedore; Bloody Foreland yonder and Tory Island far away out, swimming like a great ship where the sky dips into the sea. Looking out of the door, you could see the West of County Galway with a good portion of the rocks of Connemara, Aranmore in the ocean out from you with the small bright houses of Kilronan, clear and visible, if your eyesight were good and the Summer had come. From the window on the left you could see the Great Blasket, bare and forbidding as a horrible other-worldly eel, lying languidly on the wave-tops; over yonder was Dingle with its houses close together. It has always been said that there is no view from any house in Ireland comparable to this and it must be admitted that this statement is true. I have never heard it said that there was any house as well situated as this on the face of the earth. And so this house was delightful and I do not think that its like will ever be there again.<sup>7</sup> At any rate, I was born there and truly this cannot be stated concerning any other house, whether that fact be praise or blame!

# Chapter 4

The comings and goings of the Gaeligores    the Gaelic college  
a Gaelic feis in our countryside    the gentlemen from Dublin  
sorrow follows the jollity

ONE AFTERNOON I was reclining on the rushes in the end of the house considering the ill-luck and evil that had befallen the Gaels (and would always abide with them) when the Old-Grey-Fellow came in the door. He appeared terrified, a severe fit of trembling throughout his body and limbs, his tongue between his teeth dry and languid and bereft of vigour. I forget whether he sat or fell but he alighted on the floor near me with a terrible thump which set the house dancing. Then he began to wipe away the large beads of sweat which were on his face.

- Welcome, my good man! said I gently, and also may health and longevity be yours! I've just been thinking of the pitiable situation of the Gaels at present and also that they're not all in the same state; I perceive that yourself are in a worse situation than any Gael since the commencement of the reign of Gaelicism. It appears that you're bereft of vigour?

- I am, said he.

- You're worried?  
- I am.  
- And is it the way, said I, that new hardships and new calamities are in store for the Gaels and a new overthrow is destined for the little green country which is the native land of both of us?

The Old-Grey-Fellow heaved a sigh and a sad withdrawn appearance spread over his face, leading me to understand that he was meditating on eternity itself. He did not reply to me but his lips were dry and his voice weak and feeble.

- Little son, said he, I don't think that the coming night's rain will drench anyone because the end of the world will arrive before that very night. The signs are there in plenty through the firmament. Today I saw the first ray of sunshine ever to come to Corkadoragha, an unworldly shining a hundred times more venomous than the fire and it glaring down from the skies upon me and coming with a needle's sharpness at my eyes. I also saw a breeze going across the grass of a field and returning when it reached the other side. I heard a crow screeching in the field with a pig's voice, a blackbird bellowing and a bull whistling. I must say that these frightening things don't predict good news. Bad and all as they were, I heard another thing that put a hell of fright in my heart...

- All that you say is wonderful, loving fellow, said I honestly, and a little account of that other sign would be nice.

The Old-Fellow was silent for a while and when he withdrew from that taciturnity, he did not produce speech but a hoarse whispering into my ear.

- I was coming home today from Ventry, said he, and I noticed a strange, elegant, well-dressed gentleman coming towards me along the road. Since I'm a well-mannered Gael, into the ditch with me so as to leave all the road to the



gentleman and not have me there before him, putrifying the public road. But alas! there's no explaining the world's wonders! When he came as far as me and I standing there humbly in the dung and filth of the bottom of the ditch, what would you say but didn't he stop and, looking fondly at me, *didn't he speak to me!*

Amazed and terrified, I exhaled all the air in my lungs. I was then dumb with terror for a little while.

- But . . . said the Old-Fellow, laying a trembling hand upon my person, dumb also but making the utmost endeavour to regain his power of speech, but . . . wait! *He spoke to me in Gaelic!*

When I had heard all this, I became suspicious. I thought that the Old-Fellow was romancing or raving in a drunken delirium . . . There are things beyond the bounds of credibility.

- If 'tis true for you, said I, we'll never live another night and without a doubt, the end of the world is here today.

It is, however, mysterious and bewildering how the human being comes free from every peril. That night arrived both safely and punctually and in spite of all, we were safe. Another thing: as the days went by, it was evident that the Old-Fellow spoke the truth about the gentleman who addressed him in Gaelic. Oftentimes now there were gentlemen to be seen about the roads, some young and others aged, addressing the poor Gaels in awkward unintelligible Gaelic and delaying them on their way to the field. The gentlemen had fluent English from birth but they never practised this noble tongue in the presence of the Gaels lest, it seemed, the Gaels might pick up an odd word of it as a protection against the difficulties of life. That is how the group, called the Gaeligores nowadays, came to Corkadoragha for the first time. They rambled about the countryside with little black notebooks for a long time before the people

noticed that they were not *peelers* but gentle-folk endeavouring to learn the Gaelic of our ancestors and ancients. As each year went by, these folk became more numerous. Before long the place was dotted with them. With the passage of time, the advent of spring was no longer judged by the flight of the first swallow but by the first Gaeligore seen on the roads. They brought happiness and money and high revelry with them when they came; pleasant and funny were these creatures, God bless them! and I think that their likes will not be there again!

When they had been coming to us for about ten years or thereabouts, we noticed that their number among us was diminishing and that those who remained faithful to us were lodging in Galway and in Rannafast while making day-trips to Corkadoragha. Of course, they carried away much of our good Gaelic when they departed from us each night but they left few pennies as recompense to the paupers who waited for them and had kept the Gaelic tongue alive for such as them a thousand years. People found this difficult to understand; it had always been said that accuracy of Gaelic (as well as holiness of spirit) grew in proportion to one's lack of worldly goods and since we had the choicest poverty and calamity, we did not understand why the scholars were interested in any half-awkward, perverse Gaelic which was audible in other parts. The Old-Grey-Fellow discussed this matter with a noble Gaeligore whom he met.

- Why and wherefore, said he, are the learners leaving us? Is it the way that they've left so much money with us in the last ten years that they have relieved the hunger of the countryside and that for this reason, our Gaelic has declined?

- I don't think that Father Peter<sup>1</sup> has the word *decline* in any of his works, said the Gaeligore courteously.

The Old-Grey-Fellow did not reply to this sentence but he probably made a little speech quietly for his own ear.

- 'He struck out by the doorway' - do you use that sentence? said the Gaeligore.

- Forget it, boy! said the Old-Fellow and left him with the question still unsolved in his skull.

In spite of it all, he succeeded in solving that difficulty. It was explained to him—no one knows by whom, but it was someone with little Gaelic who was there—it was explained what was upside-down and amiss and back-to-front with Corkadoragha as a centre of learning. It appeared that:

1. The tempest of the countryside was too tempestuous.
2. The putridity of the countryside was too putrid.
3. The poverty of the countryside was too poor.
4. The Gaelicism of the countryside was too Gaelic.
5. The tradition of the countryside was too traditional.

When the Old-Fellow realised that matters were thus, he pondered the matter in his mind for a week. He saw that the learners were in danger of death from the constant vomiting and spite of the sky; that they could not take shelter in the people's dwellings because of the stench and smell of the pigs. By the end of the week, it seemed to him that everything would be satisfactory if we had a college as there was in the Rosses and Connemara. He pondered this intensely for another week and at the end of that time all was clear and definite in his own mind; we should have a big Gaelic feis in Corkadoragha to collect the money for the college. That very night he visited some respectable people in Letterkenny to arrange the managements and details of the feis; before morning he was about the same business in the Great Blasket and, meanwhile, he had sent important letters to Dublin, using the post-mistress as an amanuensis. Of course, there was no one in Ireland as eager in the Gaelic cause as the Old-Grey-Fellow was that night; that the college was built

finally on the Old-Fellow's land was no wonder; land which was extremely high-priced when it was bought from him! The feis itself was held in his own field and he received two days' rent for the little plot where the platform stood. If pennies are falling, he often said, see to it that they fall into your own pocket; you won't sin by covetousness if you have all the money in your own possession.

Yes! we shall never forget the feis of Corkadoragha and the revelry that was ours during it. The night beforehand a large gang of men worked diligently in the midst of the rain erecting a platform at the gable-end of our house while the Old-Fellow stood on the door-step, dry from the rain, directing the work by instruction and good counsel. None of these fellows ever had good health again after the downpour and storm of that night, while one of those who did not survive was buried before that platform was dismantled on which he had laid down his life for the cause of the Gaelic language. May he be safe today on the platform of heaven for ever. Amen.

At this time, I was about fifteen years of age, an unhealthy, dejected, broken-toothed youth, growing with a rapidity which left me weak and without good health. I think I never remember before or since so many strangers and gentlemen coming together in one place in Ireland. Crowds came from Dublin and Galway city, all with respectable, well-made clothes on them; an occasional fellow without any breeches on him but wearing a lady's underskirt instead. It was stated that such as he wore Gaelic costume and, if this was correct, what a peculiar change came in your appearance as a result of a few Gaelic words in your head! There were men present wearing a simple unornamented dress—these, I thought, had little Gaelic; others had such nobility, style and elegance in their feminine attire that it was evident that their Gaelic was fluent. I felt quite ashamed that there was not even one true



Gael among us in Corkadoragha. They had yet another distinction which we did not have since we lost true Gaelicism—they all lacked names and surnames but received honorary titles, self-granted, which took their style from the sky and the air, the farm and the storm, field and fowl. There was a bulky, fat, slow-moving man whose face was grey and flabby and appeared suspended between deaths from two mortal diseases; he took unto himself the title of *The Gaelic Daisy*. Another poor fellow whose size and energy were that of the mouse, called himself *The Sturdy Bull*. As well as these, the following gentlemen were also present as I remember:

Connacht Cat  
The Little Brown Hen  
The Bold Horse  
The Caudy Crow  
The Running Knight  
Roseen of the Hill  
Goll Mac Morna  
Popeye the Sailor  
The Humble Bishop  
The Sweet Blackbird  
Mary's Spinning-wheel  
The Sod of Turf  
Baboro  
My Friend Drumroosk<sup>2</sup>  
The Oar  
The Other Beetle  
The Skylark  
The Robin Redbreast  
The Bout of Dancing  
The Bandy Ulsterman  
The Slim Fox  
The Sea-cat

The Branchy Tree  
The West Wind  
The Temperate Munsterman  
William the Sailor  
The White Egg  
Eight Men  
Tim the Blacksmith  
The Purple Cock  
The Little Stack of Barley  
The Dative Case  
Silver  
The Speckled Fellow  
The Headache  
The Lively Boy  
The Gluttonous Rabbit  
The High Hat  
John of the Glen  
Yours respectfully  
The Little Sweet Kiss

The morning of the feis was cold and stormy without halt or respite from the nocturnal downpour. We had all arisen at cockcrow and had partaken of potatoes before daybreak. During the night the Gaelic paupers had been assembling in Corkadoragha from every quarter of the Gaeltacht and, upon my soul, ragged and hungry was the group we saw before us when we arose. They had potatoes and turnips in their pockets and consumed them greedily in the feis-field; as beverage afterwards they had the rainwater. It was high morning before the gentle-folk arrived because the bad roads had delayed their motor-cars. When the first motor came in view, many paupers were terrified by it; they ran from it with sharp screams and hid among the rocks but issued forth again boldly when they saw there was no harm

whatever in those new-fangled machines. The Old-Grey-Fellow welcomed the noble Gaels from Dublin and offered them a drink of buttermilk as a mark of respect and as a nourishing potion after their journey. They withdrew then to arrange the details of the function and to elect feis-officers. When they had done, the assembly was informed that the Gaelic Daisy had been elected President of the Feis, the Eager Cat as Vice-President, the Dative Case as Auditor, the West Wind as Secretary and the Old-Grey-Fellow as Treasurer. After another bout of discussion and conversation, the President and the other great bucks climbed up on the platform in the presence of the populace and then the Grand Feis of Corkadoragha commenced. The President placed a yellow watch on the table before him, stuck his thumbs into the armpits of his waistcoat and delivered this truly Gaelic oration:

- Gaels! he said, it delights my Gaelic heart to be here today speaking Gaelic with you at this Gaelic feis in the centre of the Gaeltacht. May I state that I am a Gael. I'm Gaelic from the crown of my head to the soles of my feet—Gaelic front and back, above and below. Likewise, you are all truly Gaelic. We are all Gaelic Gaels of Gaelic lineage. He who is Gaelic, will be Gaelic evermore. I myself have spoken not a word except Gaelic since the day I was born—just like you—and every sentence I've ever uttered has been on the subject of Gaelic. If we're truly Gaelic, we must constantly discuss the question of the Gaelic revival and the question of Gaelicism. There is no use in having Gaelic, if we converse in it on non-Gaelic topics. He who speaks Gaelic but fails to discuss the language question is not truly Gaelic in his heart; such conduct is of no benefit to Gaelicism because he only jeers at Gaelic and reviles the Gaels. There is nothing in this life so nice and so Gaelic as truly true Gaelic Gaels who speak in true Gaelic Gaelic about the

truly Gaelic language. I hereby declare this feis to be Gaelically open! Up the Gaels! Long live the Gaelic tongue!

When this noble Gael sat down on his Gaelic backside, a great tumult and hand-clapping arose throughout the assembly. Many of the native Gaels were becoming feeble from standing because their legs were debilitated from lack of nourishment, but they made no complaint. Then the Eager Cat stepped forward, a tall, broad, self-confident man whose face was dark blue from the frequent shaving of his abundant facial hair. He delivered himself of another finer oration:

- Gaels! said he, I bid you heartily welcome here to this feis today and I wish good health, long life, success and prosperity to each and every one of you until the crack of doom and while Gaels are alive in Ireland. Gaelic is our native language and we must, therefore, be in earnest about Gaelic. I don't think the Government is in earnest about Gaelic. I don't think they're Gaelic at heart. They jeer at Gaelic and revile the Gaels. We must all be strongly in favour of Gaelic. Likewise, I don't think the university is in earnest about Gaelic. The commercial and industrial classes are not in favour of Gaelic. I often wonder whether *anyone* is in earnest about Gaelic. No liberty without unity! Long live our Gaelic tongue!

- No liberty without royalty!<sup>13</sup> said the Old-Grey-Fellow in my ear. He always had great respect for the King of England.

- It appears, said I, that this Gaelic gentleman is fully in earnest about Gaelic?

- Apparently he's too well nourished in the upper part of his head, said the Old-Grey-Fellow.

Not only one fine oration followed this one but eight. Many Gaels collapsed from hunger and from the strain of listening while one fellow died most Gaelically in the midst of the assembly. Yes! we had a great day of oratory in Corkadoragha that day!





Not only one fine oration followed this one but eight. Many Gaels collapsed from hunger and from the strain of listening while one fellow died most Gaelically in the midst of the assembly. Yes! we had a great day of oratory in Corkeadoragha that day!



When the last word had been said from the platform about Gaelic, the revelry and tumult of the feis began. The President presented a silver medal as prize for him who was most in earnest about Gaelic. Five competitors, who sat together on a wall, were entered for that competition. Early in the day they commenced speaking Gaelic with all their might and without interruption in the stream of talking, while they discoursed only about Gaelic. I never heard such rapid, sturdy, strong Gaelic as this flood-tide which poured down upon us from the wall. For three hours or thereabouts, the speech was sweet and the words recognisable, one from the other. By afternoon the sweetness and the sense had almost completely departed from it and all that was audible were nonsensical chatterings and rough inarticulate grunts. At fall of darkness one man collapsed on the ground, another fell asleep (but not silent!) and a third fellow was borne home, stricken by brain-fever which carried him off to the other life before morning. That left two of them bleating feebly by the wall with the nocturnal rains pouring down on them destructively. Midnight had come before the competition really ended. One of the men halted suddenly the sound that was ramblingly issuing from him and the other one was presented with the silver medal by the President and also with a fine oration. As to the other one who lost in the contest, he has never spoken since that night and he will never certainly speak again. All the Gaelic which he had in his head, said the Old-Grey-Fellow, he has spoken it tonight! As to the rogue who won the medal, he set his house on fire while he himself was within exactly one year after the feis-day and neither he nor his house have been seen after that conflagration. Wherever their habitation be today, in Ireland or on high, safe may be the five men who competed for the medal that day!

Eight more died on that same day from excess of dancing

and scarcity of food. The Dublin gentlemen said that no Gaelic dance was as Gaelic as the Long Dance, that it was Gaelic according to its length and truly Gaelic whenever it was truly long. Whatever the length of time needed for the longest Long Dance, it is certain that it was trivial in comparison with the task we had in Corkadoragha on that day. The dance continued until the dancers drove their lives out through the soles of their feet and eight died during the course of the feis. Due to both the fatigue caused by the revels and the truly Gaelic famine that was ours always, they could not be succoured when they fell on the rocky dancing floor and, upon my soul, short was their tarrying on this particular area because they wended their way to eternity without more ado.

Even though death snatched many fine people from us, the events of the feis went on sturdily and steadily, we were ashamed to be considered not strongly in favour of Gaelic while the President's eye was upon us. As far east and west as the eye might rove, there were men and women, young and old, dancing, hopping and twisting distressingly in a manner which recalled to one a windy afternoon at sea.

A peculiar little incident took place at the coming of twilight when the people had spent the whole day dancing and no one had a scrap of skin under his feet. The President graciously permitted a five-minute break and all dropped down gratefully on the damp ground. After the break, the Eight-Hand Reel was announced and I noticed the gentleman entitled Eight Men swallowing fiercely from a bottle which he had in his pocket. When the Eight-Hand Reel was announced, he threw away the bottle and went on alone to the dancing place. Others followed him to step it out in his company but he threatened them angrily, shouted that the house was full and made a violent foray with his boot on anyone who came near him. Before long, he was really



frenzied and was not quietened until a terrible blow was struck on the back of his head by a large stone. I never yet saw anyone so bold, uppish and unmanageable as he was before he was struck or so peaceable and quiet after the casting of the stone by the Old-Grey-Fellow. Doubtless, a few words often lead a man astray.

As to myself, I never ceased until I reached the magic bottle, thrown aside by Eight Men. There was a fine nip still in it and by the time I had this in my stomach, a remarkable change had come over the world. The air was sweet, the appearance of the countryside had improved and there was pleasure of heart in the very rain. I sat down on the fence and sang a Gaelic song at the top of my voice, accompanying the tune with the jingle of the empty bottle on the stones. When I had finished the song and looked over my shoulder, I saw none other than Eight Men stretched out in the muck with blood dripping profusely from the hole made by the stone. If he was really alive, then it was evident that life was not very vigorous within him and I was of the opinion that he was in danger of imminent dissolution. 'If he is departing from us,' said I to myself, 'he won't be able to take to the place beyond any other bottle he has to drink.' I leaped over the fence, bent down and ran my fingers inquisitively over the gentleman. Before long I discovered another little bottle of the ardent water and may I say that I neither made stay or delay until I was in a secluded place while my throat was being scorched by that oil of the sun. Of course, I did not have any training in toping at that time, not even knowledge of what I was about. If the bare truth be told, I did not prosper very well. My senses went astray, evidently. Misadventure fell on my misfortune, a further misadventure fell on that misadventure and before long the misadventures were falling thickly on the first misfortune and on myself. Then a shower of misfortunes fell on the

misadventures, heavy misadventures fell on the misfortunes after that and finally one great brown misadventure came upon everything, quenching the light and stopping the course of life.<sup>4</sup> I did not feel anything for a long while; I did not see anything, neither did I hear a sound. Unknown to me, the earth was revolving on its course through the firmament. It was a week before I felt that a stir of life was still within me and a fortnight before I was completely certain that I was alive. A half-year went by before I had recovered fully from the ill-health which that night's business had bestowed on me, God give us all grace! I did not notice the second day of the feis.

Yes! I think that I shall never forget the Gaelic feis which we had in Corkadoragha. During the course of the feis many died whose likes will not be there again and, had the feis continued a week longer, no one would be alive now in Corkadoragha in all truth. Apart from the malady which I contracted from the bottle and the amazing weird things which I saw, there is one other matter that fixes the day of the feis firmly in my memory: from that day forward the Old-Grey-Fellow was in possession of a yellow watch!

# Chapter 5

Hunting in the Rosses ☘ the beauty and wonders of that country-  
side ☘ Ferdinand O'Roonassa the shanachie ☘ my nocturnal  
walk ☘ I'm hunted by the evil thing ☘ I'm safe from peril



NCE UPON a time when the potatoes were becoming scarce in our house and we were worried by the shadow of famine, the Old-Fellow announced that it was timely for us to go hunting if we desired to keep our souls within our bodies instead of permitting them to fly out into the firmament like the little melodious birds.

"It is no good for the people to be living in the shadow of one another if all that's left of them is shadows." I never did hear that anyone's shadow was effective as a shelter against the hunger.

I certainly derived but little pleasure of heart from this conversation. At this time I was almost twenty years old and one of the laziest and most indolent persons living in Ireland. I had no experience of work and neither had I found any desire for it ever since the day I was born. I had never been out in the field. I was of the opinion that hunting entailed

particular hardship: perpetual moving in the heart of the hills, perpetual watchfulness while stretched out in the damp grass, perpetual hiding, perpetual fatigue; I would have been satisfied without any hunting while I lived.

- Where in Ireland, do you think, sir, said I, is the best hunting to be found?

- Oh little teeny weeny son, said he, it's in the Rosses in Donegal that the best hunting is to be found and every other thing in that place is excellent also.

The melancholy almost lifted from me when I heard that we were going towards the Rosses. I never was in that part of the country but I had heard so much from the Old-Fellow concerning it that I had desired for a long time to go there; if I had had the choice, I am not certain whether I should have preferred to journey to heaven or to the Rosses. You might have thought from the Old-Fellow's conversation that your bargain would be better if you went to the Rosses. It is hardly necessary to state that the same gentleman had been reared in the Rosses.

According to what I had heard, he was the best man in the Rosses during his youth. There was no one in the country-side comparable to him where jumping, ransacking, fishing, love-making, drinking, thieving, fighting, ham-stringing, cattle-running, swearing, gambling, night-walking, hunting, dancing, boasting and stick-fighting were concerned.

He alone killed Martyn in Gweedore in 1889 when the aforesaid person attempted to take Father MacFadden a prisoner to Derry; he alone assassinated Lord Leitrim near Cratlough in 1875; he alone first inscribed his name in Gaelic on any cart and was prosecuted on that historic occasion; he alone founded the Land League, the Fenians and the Gaelic League. Yes! he had had a busy broad life and it had been of great benefit to Ireland. Were it not that he was born when he was and led the life he had,



conversational subjects would be scarce among us today in this country.

- Will we be looking for rabbits? said I most politely.

- We won't! said he, or if you wish: We wull na!

- Crabs or lobsters?

- Naw!

- Wild pigs?

- They're not pigs and they're not wild! said he.

- If that's the way, sir, said I, come along and I won't put any more questions on you for the present because you're not too talkative.

We left my mother snoozing in the rushes behind us and we moved off in the direction of the Rosses.

On the road we met a man from the Rosses named Jams O'Donnell and we saluted him kindly. He stopped in front of us, recited the Lay of Victories, walked three steps of mercy with us, took a tongs from his pocket and threw it after us. In addition to that, he had the appearance of one who had a five-noggin bottle in his pocket as well and had a pledge of hand and word with a maiden in Glendown. He lived in a corner of the glen on your right-hand side as you go eastward along the road. It was evident that he was Ultonian according to the formula in the good books. He was an old-timer and rebellious.

- Are you very well? said the Old-Fellow.

- I'm only middling, said Jams, and I've no Gaelic, only Ulster Gaelic.<sup>2</sup>

- Were you ever at the feis at Corkadoragha, sir? said the Old-Grey-Fellow.

- I was na! said he, but I was carousing in Scotland.

- I thought, said I, that I saw you with the crowd of fellows that were gathered at the gate of the feis-field.

- I was na with thon crowd that were at the gate, Captain! said he.

- Did you ever read *Séadna*?<sup>3</sup> said the Old-Fellow sincerely.

We continued conversing lightly and courteously together for a long while, discussing the affairs of the day and talking of the hard times. I gathered quite an amount of information about the Rosses from the other two during the conversation and also about the bad circumstances of the people there; all were barefoot and without means. Some were always in difficulty, others carousing in Scotland. In each cabin there was: (i) one man at least, called the 'Gambler', a rakish individual, who spent much of his life carousing in Scotland, playing cards and billiards, smoking tobacco and drinking spirits in taverns; (ii) a worn, old man who spent the time in the chimney-corner bed and who arose at the time of night-visiting to shove his two hooves into the ashes, clear his throat, reddens his pipe and tell stories about the bad times; (iii) a comely lassie called Nuala or Babbie or Mabel or Rosie for whom men came at the dead of every night with a five-noggin bottle and one of them seeking to espouse her. One knows not why but that is how it was. He who thinks that I speak untruly, let him read the good books, or the *guid buiks*.

At last we reached the Rosses and when we did, we had walked quite a portion of the earth's crust. Of course, it is a happy countryside even if it is hungry. For the first time since birth, I saw a countryside which was not drenched by the flowing of the rain. In every direction, the variegated colours of the firmament pleased the eye. A soft sweet breeze followed at our heels and helped us while we walked. High up in the skies there was a yellow lamp known as the sun, shedding heat and light down upon us. Far away there were tall blue stacks of mountains standing east and west and watching us. A nimble stream accompanied the main road; it was hidden in the bottom of the ditch but we knew of its

presence because of the soft murmuring it bestowed on our ears. At both sides was a brown-black bog, speckled with rocks. I had no fault to find with the Rosses nor with any one of them. One Ross was as delightful as the other.

With regard to hunting, the Old-Grey-Fellow had commenced this before I noticed that the appearance of the countryside suggested that it was huntable or that the Old-Fellow was on the trail. He leaped suddenly over the fence. I followed him. Before us in a little field stood a strong stone-built house. In the twinkling of an eye the Old-Fellow had opened a window and had disappeared out of sight into the building. I stood for a moment pondering the wonders of life and then, as I was about to follow him through the window, he came out as precipitately.

- There was always good hunting in that house, said he to me. He opened his hand and what might one imagine was there but five shillings in silver, a fine elegant lady's necklace and a small golden ring. He placed these objects in some inside pocket with satisfaction and hurried me away with him onwards.

- 'Tis the schoolmaster, O'Beenassa, that owns that house, said he, and it's seldom I went off empty from it.

- If that's the way, sir, said I honestly, isn't it the unusual world that's there today and isn't the kind of hunting we're doing now very irregular?

- If that's the way, said the shrewd creature, 'tis time!

Having reached another slate-roofed house, the Old-Fellow entered it and returned after a time with a full fist of red money that he found in a cup on the dresser; in another house he stole a silver spoon; in yet another house he took such a quantity of food that it replaced our lost energy after the perambulations and difficulties of the day.

- Is it the way, said I finally, that there's no one alive in this countryside or is it that they're all cleared out from us to

America? Whatever way things are in this part of the world, all the houses are empty and everyone away from home.

- 'Tis clear, wee little son, said the Old-Fellow, that you haven't read the good books. 'Tis now the evening and according to literary fate, there's a storm down on the seashore, the fishermen are in difficulties on the water, the people are gathered on the strand, the women are crying and one poor mother is screaming: Who'll save my Mickey? That's the way the Gaels always had it with the coming of night in the Rosses.

- It's unbelievable, said I, the world that's there today.

And sure enough, having hunted and thieved from house to house, we came at last to a high hill from which we had a view of the edge of the ocean westwards where the big white-foamed waves were coming ashore. On the summit of the hill the weather was mild but it was evident from the angry appearance of the sea that the people below were in a storm of wind, and that the situation of the fisherman who was at sea could be unpleasant. I could not see the women on the strand weeping because of the distance between us but, doubtless, they were there.

We sat on a rock, I and the Old-Grey-Fellow, until we had rested. The pockets and clothes of the Old-Fellow were crammed as a result of his thieving, not to mention the valuable articles he had beneath his armpit and in his hand. He certainly had had an excellent bag that day and our visit was hardly of benefit to the people of the Rosses. The Old-Fellow requested me to carry some of the loot for him.

- We'll go now, said he, to the cabin of my friend, Ferdinand O'Roonassa, in Killeagh where I'll put down the night and you can move off home after having spuds and new milk for yourself. I'll get a little cart from Ferdinand and I'll be home tomorrow with all I've taken today, thanks to the hunting.

- Very well, sir, said I.



We went. Ferdinand lived in a little house in the corner of the glen as you journey westwards along the road. We received a great Gaelic welcome there. Ferdinand was an old worn man and only his daughter, Mabel, lived with him (a small, well-made, comely girl) and an old woman (it is unknown whether she was his wife or his mother) who was dying for twenty years in the bed in the chimney-corner and who was still on this side of the Great Contest. She had a son named Mickey (his nickname was the *Gambler*) but he was carousing yonder in Scotland.

The Old-Fellow's goods were concealed—it was evident that everyone had experience in this line of business—and then we all sat down to potatoes. When dietary business had been terminated, the Old-Grey-Fellow remarked to Ferdinand that I was a young person, lacking much knowledge of the world and that I never heard a real shanachie recounting real folklore in the old Gaelic manner.

— Therefore, Ferdinand, said he, you should tell us a story, please.

— Sure, I'd tell ye a story gladly, said Ferdinand, only that it isn't proper for a shanachie to talk in a house at night—visiting without settling himself down comfortably by the fire and putting his two hooves into the ashes; but I'm far off from the fire where I'm sitting and the pains won't let me get up and push my chair to the hob. 'Twas that misfortunate pair, the Sea-cat and the Peerlus, that gave me the same pains, death-tying to the two of them!

— Don't mind it, said the Old-Grey-Fellow, I'll pull up your chair and yourself as well.

No sooner was that said than it was done. The shanachie, O'Roonassa, was placed at the warm side of the fire and we all congregated about, heating ourselves, although the evening was not at all cold. I looked curiously at the shanachie. He settled his body luxuriantly in the chair, fixed his

backside carefully beneath him, shoved his two hooves into the ashes, reddened his pipe and, when he was at his ease, he cleared his windpipe and began to spew discourse upon us.

— I did na know and I a little child in the ashes, said he, and our Pats or Mickleen or curly Nora of Big Nelly of young Peter did na know either, why he was called the Captain. However, the signs were on him that he spent a good bit of his life on the sea. It looked as if he liked his own company the best because he lived in a little lime-white house in the corner of the glen on the right-hand side as you go the road eastwards and begor, 'twas seldom the people of the place laid an eye on him. There was a far-off lonesome look about him and 'tis often I heard it said that there was some big shameful mark on his life. 'Twas said that he spent a good bit of his life carousing in Scotland, that he drank more than water and buttermilk when he was young and that 'twasn't the good thing he always did and he boozed, because he was a cross prickly fellow who never tried to tame the flood-tides of anger that come over everyone sometimes. Apart from that, he was a pleasant polite fellow to anyone who took to him, or that's what I heard. Many's the story and the tale of a story they had about him. They said he was a priest in Scotland, that he went a few steps out of the way and was put out of the Church. Other people said that he killed a man in a pub when he was young and came to the Rosses when on the run. Everyone had his own story.

Well, the Night of the Big Wind came. A heavy sea arose and, as usual, the fishermen were in difficulties in the mouth of the harbour, trying to come ashore. The wives and the women were standing, watching in torment the poor men on the shelf of rock, their boat broken in the water, and terrible breakers without number threatening them every minute with drowning, running in from the western dark of night and throwing great hanks of seaweed on the black brow of

the rocks. Every great murderous wave drenched the watchers on the strand; they were wet to the marrow from the foam of the sea. A mother's shout arose above the scream of the wind: Oh! oh! who will save my Paddy?

Neither I nor Pats nor Mickileen nor young Peter's big Nelly's curly Nora expected the answer she got to this. There was a movement behind the people and forward came the Captain with a jump. He threw off his coat and was in the sea before sense could be talked to him. Ochone! said the people, another good man lost!

Well, there were struggle and effort and bad work and life and death that night in the sea; but to make a hard story easy, the Captain succeeded in reaching the rock, tying the two that were out there to the rope he had around him and, God save us all! the three of them were pulled safely ashore. It seems that the Captain damaged himself that night because he was found dead the next day.

"I was in the wake-house I heard the full story.

When he was young and carousing in Scotland, the Captain killed a brother of one of the men on the rock and the sister of the other. He spent twenty years in jail yonder before he returned to settle down alone in the little house in the corner of the glen. Whatever sin was on his soul was cleaned off that night when he did the bold deed on the rock and made up fully for everything before he died. 'Tis amazing how fate drives us in this life from the bad act to the good one and back again. Doubtless, it was the Sea-cat that drove the Captain to the killing of the first two and another power put it in his power to bring the other two safe from the sentence of death. There are many things that we don't understand and will never understand.

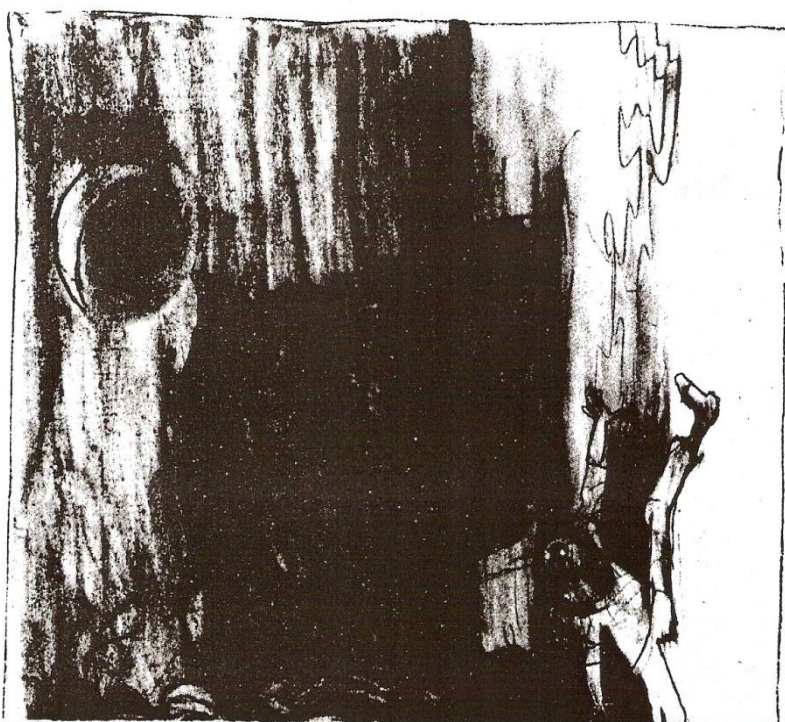
The shanachie had come to the end and the Old-Fellow and myself thanked him liberally for this fine story which he had related.

Darkness was falling over the world by this time and I considered it time for me to set my foot on the long road ahead of me to Corkadoragha. As I was about to bid farewell, a polite and truly Gaelic knock came to the door and two men, whom I did not know, entered. Little was said before I understood that one of them had pledged of word and hand with curly-headed Mabel who was now slumbering in the end of the house and that they had a five-noggin bottle to complete the bargain and wish it success. I fondly bade farewell to Ferdinand and the Old-Grey-Fellow and went out under the nocturnal skies.

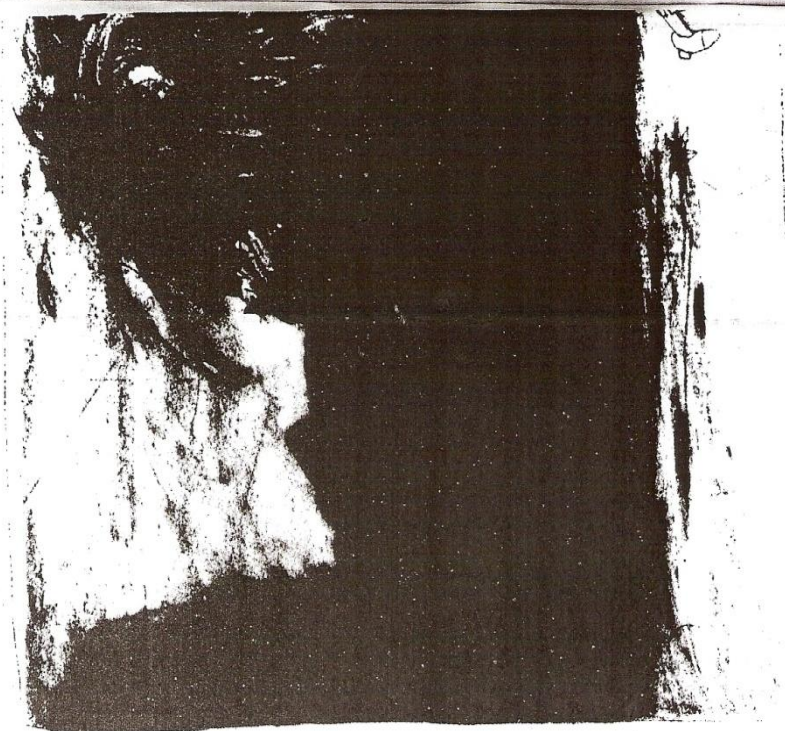
It was now dark in the Rosses but, I thought, the appearance of the world was somehow changed. I was outside for a while before I understood what was unusual around me. The ground was dry and no downpour came upon me. It was evident that the Rosses and Corkadoragha were dissimilar because no night came in the latter without showers of rain out of the skies pouring upon us. The night here was eerie and unnatural but, doubtless it had its own charm.

The Old-Fellow had already described the route to Corkadoragha to me and I set off vigorously. The stars lighted me, the ground beneath my feet was level and the cold condiment of the nocturnal wind sharpened my appetite for potatoes. We would have a high life for three months as a result of the thieving performed by my friend that day. I struck up a little whistling tune as I walked. I had a five-mile walk along by the sea, then inland towards the east, led by the whims of the by-roads. The crooning of the ocean remained in my ears for an hour with the salt smell of the seaweed swarming into my nose; nevertheless, I was travelling through maritime fields out of sight of the ocean. As I was about to part company with the sea, the path led me to a cliff-top and I stood for a while to look. There was a large sandy strand below; white where the quiet wavelets were





Then, the dull sheen in the sky increased slightly and I saw that a great strong hairy object was in my company that night, grey-haired and with prickly red eyes, staring at me angrily. The darkness had now become rotten with its breath, causing my health to forsake me at full speed.



coming calmly ashore; rough and troubled near me at the foot of the cliff; filled with broken rocks which were hirsute with the herbs of the sea and bright with little water-pools which shone in the twilight and were awaiting patiently the full of the tide. Everything was so calm and peaceful that I sat down to enjoy the occasion where I was and to allow the fatigue to escape from my bones.

I should not say that I did not snooze a little but suddenly there was a great explosion in the midst of the stillness and I was again fully awake and on my guard, of course. Whatever demon or person was about, I thought that it was two hundred yards or thereabouts on my left-hand side and within the rugged area in the shade of the cliff and concealed where no eye could see it. I never heard such a peculiar, unrecognisable sound. On one hand, it was firm like one stone falling upon the other; on the other, it resembled a fat cow falling into a water-filled bog-hole. I remained motionless, listening, with my heart full of terror. There was now no sound there except what came softly from the water on the beach below. There was, however, another thing which I felt. The air was now putrid with an ancient smell of putridity which set the skin of my nose humming and dancing. Fear and melancholy and disgust came over me. The noise and that smell were connected! A strong desire came upon me to be at home safe and in the end of the house resting among the pigs. Loneliness came on me; I was alone in that place and the unknown evil thing had encountered me.

I do not know whether I was inquisitive or bold at that moment but a strong desire possessed me to investigate what was ahead and to ascertain whether there was any earthly explanation for the sound and smell which I had perceived. I arose and went west, east and then north, making no halt until I was standing below on the sand of the beach. The

soft damp sand was beneath my feet. I walked carefully towards the location of the sound. The evil smell was now really strong and worsening with each footstep I took on my way. In spite of it, I advanced, praying that my courage should not fail me. A cloud had covered the stars and, for a while, the appearance of the land by the sea was not easily visible. Suddenly my eye comprehended one shadow which was blacker than the others which were at the foot of the cliff and the evil smell now assailed me in such a manner as to upset my stomach. I halted there to collect my wits and to grasp my courage. Before I had the opportunity, nevertheless, to do either of these two things, the black object moved from where it was. Despite the great terror which captured me at that moment, my eyes observed every detail clearly before them. A large quadruped had arisen and was now standing in the midst of the rocks, spewing showers of putrid stench around it. At first I thought that an exceedingly bulky seal stood before me but later the four feet denied this. Then, the dull sheen in the sky increased slightly and I saw that a great strong hairy object was in my company that night, grey-haired and with prickly red eyes, staring at me angrily. The darkness had now become rotten with its breath, causing my health to forsake me at full speed. Suddenly there came from the evil thing a trembling and a snorting and I noticed that it was determined to attack me and, perhaps, to eat me. No word of Gaelic which I have ever heard can describe the terror which took hold of me. A fit of trembling oppressed my limbs from the crown of my head to the soles of my feet; my heart missed every other beat and the perspiration poured thickly from me. I thought at that stage that my career on the green soil of Ireland would be short. I never had such an unhealthy position as I had that night by the great ocean. The bitter lean fear, the small smooth cowardly fear, came suddenly upon me. Within me arose a storm of blood, a well



of sweat and excessive fuss of mind. Another bark issued from the grey object yonder. At the same time a ghostly movement came in my feet, an unearthly movement which carried my body swiftly and with the lightness of wind over the rough land where I was. The evil thing was pursuing me. Coughing and a rotten stench were behind me, chasing and moving me over the Paradise of Ireland.

By the time I had once more regained perception and my comprehension of life, I had travelled a long distance. No longer did I have the great sea of seaweed and sand under my eyes and the evil spirit was no longer at my heels. I was safe from that nameless demon. I was neither injured nor eaten but, weary though I was, I did not desist from vehement flight until I was safe at home in Corkadoragha.

The following day the Old-Grey-Fellow returned to us with his hunting-bag. We welcomed him tenderly and we all sat down to potatoes. When everybody within the house, both porcine and human, was replenished with potatoes, I took the Old-Fellow aside and whispered in his ear. I stated that my health was not too good after the events of the preceding night.

- Is it boozing you were at, oh young little son, he said, or was it night-hunting?

- In truth, no sir! I replied, but a great thing on legs was chasing me. I don't know any word of Gaelic for it but it was not to my good, without a doubt. I don't know how I managed to escape from it but I'm here today and it's a great victory for me. I would be a shameful thing if I was lost from this life and I in the flower of my youth because my likes will not be there again.

- Were you in Donegal at that time, my soul? said he.

- I was.

A ruminative cloud gathered over the face of the Old-Grey-Fellow.

- Could you put down on paper, said he, the shape and appearance of this savage thing for me?

The memory of the previous night was so firmly fixed in my mind that I made little delay in drawing an image of the creature when I had procured paper. It was thus:

The Old-Fellow looked closely

at the picture\* and a shadow crept over his visage.

- If that's how it is, son, said he fearfully, it's good news that you're alive today and in your health among us. What you met last night was the Sea-cat! The Sea-cat!!



The blood drained from my face when I heard that evil name being mentioned by the Old-Fellow.

- It seems, said he, that he was after coming out of the sea to carry out some mischievous work in the Rosses because he had often been in that area in the past, attacking the paupers and scattering death and ill-luck liberally among them. His name is always in the people's mouths there.

- The Sea-cat . . . ? said I. My feet were not too staunch beneath me while I stood there.

- The same cat.

- Is it the way, said I weakly, that no one else saw the Sea-cat before this?

- 'Tis my idea that they did, said he slowly, but no account of it was got from them. They did not live!

There was a little cessation of conversation between us.

- I'll go to the rushes, said I, and let you take to the pipe!

\* The good reader will kindly notice the close resemblance between the Sea-cat, as delineated by O'Coonassa, and the pleasant little land which is our own. Many things in life are unintelligible to us but it is not without importance that the Sea-cat and Ireland bear the same shape and that both have all the same bad destiny, hard times and ill-luck attending on them which have come upon us.

Wonder and joy swept over me as flashes of lightning out of the celestial sky. I lost my voice and I nearly lost my senses again.

My father! my own father!! my own little father!!! my kinsman, my progenitor, my friend!!!! We devoured one another with our eyes eagerly and I offered him my hand.

- The name and surname that's on me, said I, is also Jams O'Donnell. You're my father and it's clear that you've come out of the jug.

- My son! said he. My little son!! my little sonny!!!

He took hold of my hand and ate and swallowed me with his eyes. Whatever flood-tide of joy had come over him at that time, I noticed that the ugly fellow had little health; certainly, he had not benefited from the bout of joy which he derived from me at that hour in the station; he had become as white as snow and saliva dripped from the edges of his lips.

- I'm told, said I, that I've earned twenty-nine years in the same jug.

I wished that we had had conversation and that the eerie staring, which was confusing us both, should cease. I saw a softness creep into his eyes and quiet settle over his limbs. He beckoned with his finger.

- Twenty-nine years I've done in the jug, said he, and it's surely an unlovely place.

- Tell my mother, said I, that I'll be back . . .

A strong hand suddenly grasped the back of my rags, rudely sweeping me away. A peeler was assaulting me. I was sent into a running bound by a destructive shove in the small of the back.

- *Kum along blashketman!* said the peeler.

I was cast into a coach and we set out on our journey without delay. Corkadoragha was behind me—perhaps for ever—and I was on my way to the faraway jail. I fell on the floor and wept a headful of tears.

Yes! that was the first time that I laid eyes on my father and that he laid eyes on me; one wee moment at the station and then—separation for ever. Certainly, I suffered Gaelic hardship throughout my life—distress, need, ill-treatment, adversity, calamity, foul play, misery, famine and ill-luck.

I do not think that my like will ever be there again!

## NOTES

(D. ... *An Béal Bocht*, Dolmen Press, Dublin, 1964)

### Chapter 1

1 *diversions*: Appears in D. as *diversions* which is explained in a footnote as *scétip* (fun, revelry).

2 *adventures*: In D. appears as *adventures*; explained in footnote as *eachtraí* (adventures).

3 ... *the end of the house*: This phrase appears again and again in the text; *tóin an tí* in Gaelic (lit. the backside of the house!)

4 ... *a child among the ashes*: Translation of a cliché used continually by Máire (Séamas Ó Grianna) in his novels (ina thachrán ar fud a' ghriosaigh).

5 *explanation*: Myles uses *axplínayshin* in D. and in a footnote explains: *cúis, bun an scéil* (cause, basis of the story).

6 *animals*: Myles used *béastana* which he explains in a footnote as *beithidhigh*, cf. *Béarla 'bastes'* (beasts, cf. English 'bastes').

7 ... *its like will ever be there again*: This translation of the celebrated phrase used by Tomás Ó Cíomhthainn in his *An t-Oileánach* (Dublin, 1927) is one of the ever-recurring



sayings used by Myles in *An Béal Bocht*. Ó Criomhthainn's statement is . . . mar ná beidh ár leithéidí arís ann (because our likes will not be there again).

### Chapter 3

- 1 *grey-wool breeches*: In Gaelic 'bristí de ghlas na gcaorach', this phrase occurs in books written by writers generally Máire. The wool is undyed. The Gaelic writers generally refer only to the breeches as if the child wore nothing else!
- 2 *Bonaparte* . . . : In Gaelic this occurs as 'Bonapáirt Míchélangaló Pheadair Eoghain Shorcha Thomáis Mháire Shedin Shéamais Dhiarmada . . .' This is more euphonious than the translation but Gaelic here has the advantage because of the possibility of using genitive cases for each word after the first one.
- 3 *Jams O'Donnell*: In Máire's novel, *Mo Dhá Róisín*, the author speaks of a pupil hearing himself called by his official name *James Gallagher* on his first schoolday. He had never heard it before! Myles seems to use the name as a generic term for the Gaeltacht man as seen by those outside his boggy rainy ghetto.
- 4 *sor*: In D. this spelling appears for *sir*. The Gaelic pun is untranslatable—*sor* means *louse* in English!
- 5 *gramophone*: In D. the word is *gramafón* and in early editions *gramafón* which contain a footnote (omitted in D.) which states: *fónagram*.
- 6 *Jimmy Tim Pat*: This, of course, should be *Jimmy, son of Tim, son of Pat* but it is left as in Gaelic because this form of nomenclature is quite common in parts of the Limerick, Cork and Kerry countryside still. It is limited, however, to three names unlike the jocular ancestral invocation referred to in note 2 above.

### Chapter 4

- 1 *Father Peter*: This is Father Peter O'Leary (an t-Athair Peadar Ó Laoghaire) the Cork priest whose insistence on the use of ordinary everyday speech in Gaelic literature was such an influential factor in the development of modern writing in the language.
- 2 *My Friend Drumroosk*: In the original this is: *Mo Chara Droma Rúisc* which may mean either *My Carrick-on-Shannon* or *My Friend D.* as above. The pun is untranslatable.
- 3 *No liberty without royalty*: This appears as *Ní saoirse go Seoirse*—*No liberty without George*. To retain the alliterative and syllabic correspondence in translation as in Gaelic, *royalty* has been used.
- 4 *misfortune* . . . *misfortune*: The original Gaelic expression *Thit and lug ar an lag orm* means *I became extremely dismayed* while literally it is: *The lug fell on the lag on me!* To retain sense and style, *misfortune* and *misadventure* have been used.

### Chapter 5

- 1 *shadows* . . . : This is commentary on the Gaelic expression *Ar scéith a chéile a mhaireann na daoine* (People live in one another's shadows), meaning *People depend upon one another*.
- 2 Throughout this chapter in Gaelic snatches of Ulster dialect are used. Except in a few cases, this has not been represented in translation.
- 3 *Séadna*: This is the title of a famous book by Fr Peter O'Leary (published 1904) which has been the most influential work of his and a book of major importance in modern Gaelic literature.

## Anexo B

### Prefácio do tradutor

Esta aclamada sátira, *An Béal Bocht*, originalmente publicada em 1941, é aqui traduzida, pela primeira vez, sob o título *Pobre de Boca*. Em gaélico e no dialecto anglo-irlandês, “ser pobre de boca” significa fingir que se é pobre ou que se está em más circunstâncias de forma a obter vantagem para si mesmo sobre os credores ou futuros credores; ou também pode simplesmente significar resmungar, de acordo com o lexicógrafo Dr. Patrick Dinneen, estudioso que mereceu o parco respeito de Myles na Gopaleen.

O autor, Brian O’Nolan, que escreve sob o pseudónimo Myles na Gopaleen, é um conceituado estudioso de gaélico e, no seu trabalho, lida com o gaélico de forma exemplar mas também de forma algo idiossincrática, o que faz com que a tradução seja, por vezes, uma tarefa exigente.

O texto que aqui se encontra traduzido é a terceira edição, que contém diversas interpolações e correcções,. Sempre que esta edição, em particular, se deparou com dificuldades ou ambiguidades, consultaram-se as edições anteriores. Neste texto, o autor incluiu algumas “traduções” humorísticas de palavras soltas que foram adicionadas no fim da obra como notas de rodapé; estas ocorrem apenas no primeiro capítulo da terceira edição e foram aqui incluídas como notas de fim de livro.

Em *Pobre de Boca* comenta-se impiedosamente a vida irlandesa, não apenas a do Gaeltacht<sup>I</sup>. Palavras como “tempos difíceis”, “pobreza”, “bebedeira”, “bebidas espirituosas” e “batatas” ocorrem no texto com uma regularidade quase entediante. O ambiente tresanda devido à chuva e aos aguaceiros e fala-se, com uma insistência

---

<sup>I</sup> Palavra irlandesa que designa as regiões onde o uso da língua irlandesa ainda predomina.

impiedosa, das pessoas que “enfrentam a eternidade” e de coisas assim. As palavras-chave, nesta obra, são com toda a certeza “aguaceiros”, “eternidade” e “batatas” e têm como pano de fundo um cenário de imundície e pobreza.

A principal dificuldade desta tradução prende-se com o facto de Myles parodiar o estilo de alguns escritores gaélicos, como Máire (Séamas Ó Grianna) de Rosses, no Condado de Donegal, e Tomás Ó Criomhthainn da ilha Great Blasket, no Condado de Kerry. Esta tarefa intimida sempre o tradutor que quer reproduzir, noutra língua, os galicismos subtis e a tom original.

Durante demasiado tempo *An Béal Bocht* esteve inacessível àqueles que desconhecem gaélico ou cujo conhecimento da antiga língua irlandesa é insuficiente para entender a obra satírica de Myles. Já é tempo de este livro, que devia ter ajudado a sarar as feridas causadas à Irlanda Gaélica pelos seus amigos oficiais, poder cumprir a sua função na segunda língua oficial da Irlanda. Que assim seja é o que o tradutor deseja e espera.

Dr. Patrick C. Power M.A., Ph.D.

## **Prefácio à primeira edição**

Penso que este é o primeiro livro alguma vez publicado sobre Corkadoragha. Já não era sem tempo e creio que a sua publicação é muito oportuna. É vantajoso, quer para a própria língua, quer para aqueles que a estudam, que este pequeno relato sobre as pessoas que habitam a remota região do Gaeltacht perdure mesmo para além deles, ao mesmo tempo que torne acessível um pequeno registo do gaélico harmonioso e erudito por eles utilizado.

Este documento está exactamente igual ao que recebi das mãos do autor, exceptuando o facto de muito do assunto original ter sido omitido por razões de espaço e também por incluir assuntos impróprios. Mesmo assim, encontrar-se-á disponível a dobrar, assim haja procura por parte do público do presente volume.

É claro que tudo o que aqui é mencionado se refere apenas a Corkadoragha, não devendo ser entendido como uma referência geral às áreas do Gaeltacht. Corkadoragha é um local específico e as pessoas que lá habitam são incomparáveis.

É motivo de celebração o facto de o autor, Bonaparte O'Coonassa, estar ainda vivo, a salvo na prisão e livre das misérias da vida.

O Editor

Dia da Escassez, 1941

## Prólogo

É triste notar que o povo gaélico não merece nem elogios nem comendas - os que de entre eles são gente de boa estirpe ou os grandes bodes (segundo o seu critério) – pois permitiram que um fascículo como *Pobre de Boca* permanecesse esgotado durante anos a fio, sem que novos ou velhos tivessem oportunidade de o ver e nele beber sabedoria, perspicácia e força dos feitos da população fora do comum que habita na parte oeste de Corkadoragha: a semente dos fortes e a escolha dos pobres.

Vivem lá até hoje, porém não estão a aumentar em número e o doce dialecto gaélico, que está mais vezes na sua boca do que um pedaço de comida, não se tem vindo a desenvolver, mas antes a estagnar. Além disso, a emigração despovoava cada vez mais a população das áreas remotas e os jovens vão rumando para a Sibéria na esperança de tempo melhor e alívio do frio e da tormenta a que estão habituados.

Recomendo pois que este livro esteja presente em cada casa e mansão onde reside o amor pela tradição do nosso país numa altura em que, como diz Standish Hayes O’Grady, “o dia aproxima-se do fim e a pequena e doce língua materna quase desapareceu”.

O Editor

O Dia do Juízo Final, 1964

## Capítulo I

Porque falo ♣ o meu nascimento ♣ a minha mãe e o Velhote Cinzento ♣ a nossa casa ♣  
o vale onde nasci ♣ as dificuldades dos gaélicos noutros tempos

Estou a tomar nota dos assuntos que constam deste documento porque a próxima vida se aproxima a passos largos – longe de nós esteja a Coisa Má e que o mau espírito não me tome como irmão! – e também porque nunca voltaremos aqui outra vez. É por isso certo e apropriado que deixemos um testemunho das nossas diversões<sup>1</sup> e aventuras<sup>2</sup> aos nossos sucessores, pois nunca mais haverá pessoas como nós, nem outra vida na Irlanda que se compare à nossa que já não existe.

O’Coonassa é o meu apelido gaélico, Bonaparte o meu nome e a Irlanda a terra onde nasci. Não me recordo bem do dia em que nasci, nem dos primeiros seis meses que passei neste mundo. Contudo, não há dúvida de que, embora não tenha memória disso, estava vivo; não existiria agora se assim não fosse, pois no ser humano, e em todas as criaturas vivas, a consciência vai crescendo gradualmente.

Acontece que, na noite anterior ao meu nascimento, o meu pai e Martin O’Bannassa estavam sentados em cima da capoeira, a olhar para o céu, a adivinhar o tempo e a conversar honesta e serenamente sobre as dificuldades da vida.

– Bem, agora, Martin – disse o meu pai – o vento sopra ameaçador de norte sobre White Bens<sup>II</sup>. Vai chover antes do amanhecer; vamos ter uma noite tempestuosa e o mundo vai desabar-se sobre nós, mesmo que estejamos na cama. E olha lá, Martin, não é um mau agoiro quando os patos estão nas urtigas? Esta noite, horror e infortúnio hão-de cair

---

<sup>II</sup> Local fictício, criado pelo autor, no Gaeltacht.



sobre o mundo. A Coisa Má e o gato-do-mar hão-de andar na escuridão e, se assim for, nunca mais teremos um bom destino.

– Bem, de facto, Michaelangelo – disse Martin O’Bannassa – n’acabaste de dizer uma coisa de pouca monta, e, se tiveres razão, não disseste uma mentira mas sim a verdade nua e crua.

Nasci a meio da noite, nas traseiras da casa<sup>3</sup>. O meu pai não esperava de todo a minha chegada, pois era um tipo sossegado e não entendia muito bem os factos da vida. O meu pequeno crânio careca espantou-o tanto que no momento em que eu entrei nesta vida, ele quase se foi dela e, com efeito, foi azar e trágico para ele que tal não tenha sucedido; pois desde essa noite nunca mais conheceu outra coisa que não a miséria e foi destruído e usado pelo mundo e privado da sua saúde enquanto viveu. As pessoas dizem que a minha mãe também não me esperava e, de facto, corria o rumor de que não nasci da minha mãe, mas sim de outra mulher. Porém, tudo isso não passa de conversas entre vizinhos e é impossível confirmá-las porque morreram todos e não haverá outros assim. Só vi o meu pai quando já era adulto, mas isso é outra história da qual falarei adiante neste documento.

Nasci no Oeste da Irlanda, naquela noite horrível de Inverno – desejo que todos tenham paz e vivam em segurança! – num lugar chamado Corkadoragha<sup>III</sup> e na vila de Lisnabrawshkeen<sup>IV</sup>. Era muito novo quando nasci e não envelhecera um único dia. Durante meio ano não soube nada de mim e não distinguia ninguém. Mas a sabedoria e o conhecimento chegam à mente humana de forma firme e discreta e passei esse ano deitado de costas, fitando uma coisa e outra. Reparei na minha mãe, em casa, diante de mim: uma mulher decente, pesada e de ossos largos, silenciosa, zangada e de peito grande. Raramente falava comigo e, por vezes, batia-me quando eu gritava das traseiras

---

<sup>III</sup> Aldeia fictícia localizada no Gaeltacht, algures na Irlanda Ocidental.

<sup>IV</sup> Local fictício localizado no Gaeltacht.

da casa. A pancadaria de nada servia para acalmar o alvoroço porque o segundo alvoroço era ainda pior do que o primeiro e então batia-me mais, e o terceiro era ainda pior que o segundo. Mas a minha mãe era sensível, com os pés bem assentes na terra e bem nutrida; não haverá outra assim. Passava o dia a limpar a casa, a varrer o estrume de vaca e de porco que estavam à porta, a desnatar manteiga e a ordenhar as vacas, a tecer e fiar lã, a trabalhar na máquina de fiar, a rezar, a rogar pragas e a fazer grandes fogueiras para cozer um punhado de batatas para enganar a fome de mais um dia.

Em casa, havia outra pessoa à minha frente – um tipo curvo e inclinado com uma vara, com metade da cara e do peito escondidos sob uma barba desgrenhada e cinzenta que mais parecia lã. A parte da cara que não tinha pêlos era castanha, dura e engelhada como cabedal; dois olhos perspicazes sobressaíam e olhavam o mundo lancinantes como os de um lince. Nunca ouvi tratarem-no por outra coisa que não Velhote Cinzento. Vivia na nossa casa e acontecia muitas vezes ele e a minha mãe nem sempre serem da mesma opinião. Mesmo acamado, era incrível a quantidade de batatas que comia, a quantidade de discurso que emitia e a pouca coisa que fazia em casa. Antes, quando era pequeno, pensava que era meu pai. Lembro-me de uma noite estar sentado com ele, ambos a fitar pacificamente a grande massa vermelha de fogo, onde a minha mãe tinha posto uma panela de batatas, tão grande como uma barrica para cozinhar os porcos – ela, por sua vez, estava sossegada nas traseiras da casa. Acontece que o calor da fogueira estava a assar-me mas eu ainda não conseguia andar e não conseguia escapar do calor sozinho. O Velhote Cinzento lançou-me um olhar e disse:

– ‘tá calor, filho!

– Está um grande calor a sair daquele lume, é verdade – respondi. Mas, senhor, chamou-me filho pela primeira vez. Se calhar é mesmo meu pai e, na verdade, eu sou seu filho. Deus nos abençoe e nos salve e nos proteja e afaste de nós a Coisa Má!

– N’ é verdade, Bonaparte – respondeu ele – eu sou teu avô. De momento, o teu pai está longe de casa, mas o seu nome e apelido na sua actual residência é Michaelangelo O’Coonassa.

– E onde está ele? – perguntei eu.

– Está na choldra!<sup>V</sup> – respondeu o Velhote Cinzento.

Na altura, ia eu apenas no meu décimo mês de vida, mas quando pude fui ver a tal choldra; não havia lá nada a não ser leite azedo. Demorei muito tempo até perceber o comentário do Velhote Cinzento. Mas isso é outra história à qual voltarei mais tarde neste documento.

Há outro dia da minha infância muito nítido na minha memória e que poderei descrever cabalmente. Estava eu sentado no chão da casa, pois ainda não conseguia andar nem aguentar-me de pé, e observava a minha mãe a varrer, a arranjar a lareira com as tenazes, quando o Velhote Cinzento chegou do campo e ficou a olhar fixamente para ela até ela acabar o trabalho.

– Mulher, – disse ele – é um trabalho prejudicial e nada oportuno, esse que fazes. Podes ter a certeza que daí não há-de vir proveito nem instrução para o tipo que ‘tá deitado de costas no chão da tua casa.

– Toda e qualquer palavra e quase todos os sons que saem de ti são doces para mim – disse ela – mas, para dizer a verdade, não entendo uma palavra do que estás a dizer.

– Bem, – começou o Velhote Cinzento – quando eu era um petiz a crescer era (como saberá todo e qualquer leitor dos bons livros gaélicos) uma criança entre as cinzas. Ora tu atiraste as cinzas todas da casa para o fogo ou para o quintal e não deixaste nada para a pobre criança que está no chão – apontou na minha direcção – para ela mergulhar nelas. Terá um treino e uma criação pouco natural e nada disciplinada sem qualquer

---

<sup>V</sup> A expressão *jug* em inglês tem um duplo sentido; se por um lado é calão para prisão, significa também recipiente para bebidas. Não sendo possível encontrar um equivalente em português optou-se por restringir a um único sentido.

experiência das cinzas. É, por isso, mulher, uma desgraça para ti não deixares a casa suja e cheia de cinzas, tal como a lareira as deixa.

– Muito bem, – respondeu a minha mãe – é verdade para ti, embora seja raro dizeres seja o que for com sentido. Terei todo o gosto em voltar a espalhar tudo o que tirei da grelha.

E assim fez. Pegou num balde cheio de esterco, lama, cinzas e dejectos de galinha que apanhou da beira da estrada e espalhou-o, muito contente, na fogueira, à minha frente. Quando estava tudo pronto, mudei-me para a frente do fogo e durante cinco horas tornei-me uma criança entre as cinzas; uma criança a crescer segundo a antiga tradição gaélica. Mais tarde, à meia-noite, levaram-me e puseram-me na cama, mas o cheiro nauseabundo da lareira pegou-se-me durante uma semana; era um cheiro bafiento, pútrido e julgo que não haverá outro assim.

Vivíamos numa casa pequena, caiada, no recanto do vale, do lado direito, quando se segue pela estrada para leste. Não há dúvida de que nem o meu pai, nem ninguém da sua gente antes deles construiu a casa e a pôs lá. Não se sabe se foi deus, demónio ou pessoa que levantou as primeiras paredes meias podres e ásperas. Se houvesse cem recantos em todo aquele vale, havia uma pequena casa caiada em cada um, e ninguém saberia quem as construiu. Sempre foi o destino do verdadeiro gaélico (a fazer fé nos livros) viver numa casinha caiada, no recanto do vale, do lado direito, quando se segue pela estrada para leste. E deve ser essa a explicação<sup>5</sup> para o facto de que, quando cheguei a esta vida, não haver uma boa casa para mim, muito pelo contrário. Além da própria pobreza da casa, ela estava junto a um pedaço de rocha, num trilho perigoso do vale (embora houvesse um bom local disponível mais abaixo), e se se saísse pela porta sem se ver onde se punha os pés, podia correr-se perigo de vida, tão íngreme era o declive.

A nossa casa não tinha divisões – tinha molhos de juncos no telhado, em cima de nós e juncos como camas, no fundo da casa. Ao pôr-do-sol, havia juncos espalhados por todo o chão e as pessoas da casa descansavam neles. À frente, uma cama com porcos em cima; aqui, uma cama com pessoas; uma cama com uma vaca magra e velha, a dormir esticada no seu flanco, respirando quase como uma rajada de vento capaz de formar uma tempestade no centro da casa – pintos e galinhas dormiam abrigados pela sua barriga; outra cama perto do fogo comigo lá dentro.

Sim! As pessoas viviam em más condições quando eu era novo e aqueles que tinham gado, à noite, possuíam pouco espaço dentro de casa. Ai! Era sempre assim. Ouvia muitas vezes o Velhote Cinzento falar da dificuldade e da miséria da vida de outrora.

– Houve uma altura em que – contou ele – tinha duas vacas, um bretão, um cavalo de corrida, ovelhas, porcos e outros animais menores<sup>6</sup>. A casa era estreita e, pela minh'alma, era uma situação um pouco problemática aquela em que 'távamos quando a noite chegava. O meu avô dormia com as vacas e eu próprio dormia com o cavalo, Charlie, um animal sossegado e gentil. Muitas vezes, as ovelhas começavam a lutar e eu ficava sem dormir por causa dos balidos e do relinchar que faziam. Uma noite, o meu avô estava ferido e magoado, mas nós não sabíamos se tinha sido por causa da ovelha ou da vaca ou s'ó meu avô tinha começado a briga. Mas, uma noite, chegou um cavalheiro, um inspector da escola, que se perdeu no nevoeiro do pântano e acontece que veio parar ao meio do vale. 'tava quem sabe à procura de ajuda e alojamento e quando viu o que havia para ver à fraca luz da fogueira, soltou um longo suspiro de espanto e ficou especado a olhar na soleira da porta. Disse então: Não é uma coisa vergonhosa, imprópria e muito má para vós estardes deitados com as bestas brutas, todos presos numa só cama? E não é um estado vergonhoso, mau e impróprio, aquele

em que vos encontrais esta noite? É verdade para si, respondi eu ao cavalheiro, mas nada podemos fazer contra o mau estado que mencionou. O tempo ‘tá agreste e todos nós temos de nos recolher para fugir dele, quer tenhamos duas ou quatro patas. Se assim é, diz o cavalheiro, não vos seria fácil construírem uma pequena cabana no quintal, fora de casa? Claro, lá isso era fácil, digo eu. Estava maravilhado com tudo o que ele dissera, porque nunca tinha pensado nisso, nem noutra plano que desse jeito para melhorar a má condição em que vivíamos – amontoados no fundo da casa. No dia seguinte, juntei os vizinhos e expliquei-lhes exactamente o conselho do cavalheiro. Eles louvaram a ideia e numa semana tínhamos construído uma boa cabana adjacente à minha casa. Mas eis que as coisas não são o que parecem! Quando eu, a minha avó e dois dos meus irmãos dormimos duas noites na cabana, tivemos tanto frio e ficámos tão encharcados que nem sei como é que não morremos logo; só melhorámos quando voltámos para casa e nos aconchegámos entre o gado. E, desde aí, continuamos assim, tal como todo o pobre gaélico que mora por estas partes.

Era frequente o Velhote Cinzento contar histórias como esta de outrora e foi assim que recebi muita da sabedoria e do tino que agora tenho. Contudo, no que toca à casa onde nasci, tinha uma bela vista. Ao abrir a janela do lado direito, em baixo havia a paisagem pobre e esfomeada das Rosses<sup>VI</sup> e Gweedore<sup>VII</sup>; mais à frente, Bloody Foreland<sup>VIII</sup> e mais adiante, a nadar como um grande navio onde os céus mergulham no mar, Tory Island<sup>IX</sup>. Olhando pela porta, via-se o oeste do Condado de Galway<sup>X</sup> e uma

---

<sup>VI</sup> Distrito irlandês pertencente ao Condado de Donegal, parte da província de Ulster (norte do país). Na realidade, todos estes locais enumerados pelo autor não são visíveis de um só local.

<sup>VII</sup> Distrito irlandês pertencente ao Condado de Donegal, parte da província de Ulster (norte do país).

<sup>VIII</sup> Região pertencente ao distrito de Gweedore, parte do Condado de Donegal, parte da província de Ulster (norte do país).

<sup>IX</sup> Ilha irlandesa, localizada a 14,5 km a noroeste da costa do Condado de Donegal, parte da província de Ulster (norte do país).

<sup>X</sup> Um dos condados tradicionais da Irlanda, pertencente à província de Connacht (oeste do país).

boa parte das rochas de Connemara<sup>XI</sup>; à frente, no oceano, Aranmore<sup>XII</sup> com as casinhas brilhantes de Kilronan<sup>XIII</sup>, visíveis e límpidas, se a nossa visão fosse boa e o Verão já tivesse chegado. Da janela do lado esquerdo, via-se a Great Blasket<sup>XIV</sup>, nua e austera como uma horrível enguia de outro mundo, jazendo imóvel na crista das ondas; mais à frente ainda, ficava Dingle<sup>XV</sup>, com o seu casario. Sempre se disse que em toda a Irlanda não havia vista comparável à desta casa e há que admitir que esta afirmação é verdadeira. Nunca ouvi falar de uma casa tão bem situada, em todo o mundo, como esta casa. E, por isso, esta casa era maravilhosa e penso que nunca haverá outra assim<sup>7</sup>. De qualquer modo, eu nasci lá, o que não pode dizer-se de qualquer outra casa; quer este facto seja de louvar ou de condenar!

---

<sup>XI</sup> Distrito irlandês pertencente ao Condado de Galway, província de Connacht (oeste do país).

<sup>XII</sup> Ilha pertencente ao Condado de Donegal, sendo a segunda maior ilha da Irlanda e parte da província de Ulster (norte do país).

<sup>XIII</sup> Cidade principal da ilha de Inishmore, pertencente às ilhas Aran, na costa oeste da Irlanda.

<sup>XIV</sup> Ilha principal de Blaskets, pertencente ao Condado de Kerry, província de Munster (sudoeste do país).

<sup>XV</sup> Cidade pertencente ao Condado de Kerry, província de Munster (sul do país).

## Capítulo IV

As idas e vindas dos *Gaeligores*<sup>XVI</sup> ♣ a universidade gaélica ♣ um *feis*<sup>XVII</sup> gaélico no nosso país ♣ o cavaleiro de Dublin ♣ o pesar sucede à festividade

Certa tarde, estava eu encostado aos juncos nas traseiras da casa a pensar na má sorte e no mal que se abatera sobre os gaélicos (e que sempre os acompanharia), quando o Velhote Cinzento entrou porta adentro. Parecia aterrorizado, um grave ataque de tremuras percorria-lhe o corpo e os membros, a língua pesava-lhe entre os dentes, seca, lânguida e sem vigor. Já não me recordo se se sentou ou se caiu, mas postou-se no chão ao pé de mim, com uma terrível pancada que abalou a casa. Depois, começou a limpar as grandes gotas de suor da sua face.

– Bem-vindo, meu bom homem! – exclamei eu de forma gentil. Saúde e vida longa! Estava a pensar na presente situação lastimável dos gaélicos e também no facto de não estarem todos na mesma situação; notei que estás numa situação pior do que qualquer outro gaélico desde o início do Gaelicismo. Parece que estás destituído de vigor.

– E ‘tou. – anuiu ele.

– Estás preocupado?

– ‘tou, sim senhor.

– E será por – disse eu – estarem reservadas novas dificuldades e novas calamidades para os gaélicos e uma nova derrota para este pequeno país verde que é a terra onde ambos nascemos?

---

<sup>XVI</sup> Termo utilizado para referir os entusiastas da língua e literatura irlandesa.

<sup>XVII</sup> Festival de artes e cultura onde as antigas comunidades gaélicas se reuniam para trocar histórias e competir umas contra as outras.



O Velhote Cinzento suspirou e a sua face cobriu-se de uma expressão triste e arrasada, dando-me a entender que estava a meditar sobre a própria eternidade. Não me respondeu, mas os seus lábios estavam secos e a sua voz fraca e débil.

– Filhinho, – disse ele – não acredito que a noite de chuva que se aproxima vá encharcar seja quem for, pois o fim do mundo chegará antes dessa mesma noite. Não faltam sinais lá no céu. Hoje vi o primeiro raio de sol de sempre a incidir sobre Corkadoragha; um brilho do outro mundo, cem vezes mais venenoso do que o fogo e a luz vindos dos céus, que me ofuscava e feria a vista como uma faca aguçada. Vi também uma brisa que atravessava um campo e quando chegava ao fim voltava ao início. No campo, ouvi um corvo a chiar com a voz de um porco, um melro a rugir e um touro a assobiar. Devo dizer que estes acontecimentos aterradores não agoiram coisa boa. Maus como todos eram, ouvi outra coisa que me encheu o coração de medo...

– Tudo o que dizes é maravilhoso, querido amigo – disse eu, honestamente – e era bom falares um pouco do outro sinal.

O Velhote Cinzento ficou calado por momentos e quando saiu daquele silêncio, não falou, apenas soltou um sussurro rouco na minha orelha.

– Hoje, ‘tava a regressar a casa, vindo de Ventry<sup>XVIII</sup>, – contou ele – quando reparei num cavalheiro estranho, elegante e bem vestido na estrada, que vinha na minha direcção; como sou um gaélico de boas maneiras, lá fui eu para a valeta para deixar a estrada livre para o cavalheiro, para não me ter à sua frente a putreficar a via pública. Mas não há como explicar as maravilhas do mundo! Quando chegou ao pé de mim, estava eu humildemente na valeta, rodeado de esterco e lixo, e eis que ele parou, olhou para mim de forma amável e *não é que me falou?!*

---

<sup>XVIII</sup> Vila pertencente ao Condado de Kerry, parte da província de Munster.

Espantado e aterrorizado, exalei todo o ar dos meus pulmões. Por momentos, fiquei mudo de terror.

– Mas... – disse o Velhote Cinzento, estendendo a mão, a tremer, sobre a minha pessoa, também ele mudo mas esforçando-se por recuperar o poder da fala, mas, eis que... *falou comigo em gaélico!*

Quando ouvi tudo isto fiquei desconfiado. Pensei que o Velhote Cinzento estivesse a imaginar ou a disparatar num delírio de bebedeira; há coisas que vão para além do limite do credível.

– S’isso for verdade, – disse eu – sem sombra de dúvida que não viveremos outra noite, o fim do mundo é hoje e aqui.

É, contudo, misterioso e desconcertante como o ser humano se liberta de qualquer perigo. Essa noite chegou de forma segura e pontual e, apesar de tudo, estávamos seguros. Outra coisa: à medida que os dias passavam, tornava-se evidente que o Velhote Cinzento falava a verdade sobre o cavalheiro que se dirigiu a ele em gaélico. Ora, era agora normal ver cavalheiros na estrada, uns novos e outros mais velhos, que se dirigiam aos pobres gaélicos num gaélico estranho e incompreensível e a atrasá-los no caminho para o campo. Os cavalheiros tinham um inglês fluente de nascença, mas nunca praticavam esta nobre língua, pelo menos na presença de gaélicos; não fosse o caso de os gaélicos apanharem uma ou outra palavra estranha, como protecção contra as dificuldades da vida. Foi assim que o grupo, hoje em dia conhecido como *Gaeligores*, veio para Corkadoragha pela primeira vez. Deambulavam pelo campo, com pequenos blocos pretos, muito antes de as pessoas repararem que eles não eram pobres, mas sim pessoas de boa estirpe a esforçarem-se por aprender o gaélico dos nossos antepassados e das pessoas mais velhas. A cada ano que passava, tornavam-se mais numerosos. Antes que déssemos por isso, todas as terras estavam salpicadas deles.

Com o passar do tempo, o advento da Primavera já não era só anunciado pelo voo da primeira andorinha, mas sim pelo primeiro *Gaeligore* avistado nas estradas. Eles traziam consigo alegria e dinheiro e uma grande festividade. Estas criaturas eram agradáveis e engraçadas. Deus as abençoe! E penso que não haverá mais gente assim!

Cerca de dez anos depois de nos andarem a visitar, reparámos que o seu número estava a decrescer e os que permaneciam fiéis entre nós estavam alojados em Galway<sup>XIX</sup> e em Rannafast<sup>XX</sup> e faziam excursões diárias a Corkadoragha. Como é óbvio, quando iam embora à noite levavam consigo uma boa parte do bom gaélico, mas deixavam alguns centavos como recompensa para os pobres que esperavam por eles e por eles mantinham a língua gaélica viva há mais de mil anos. As pessoas tinham dificuldades em acreditar que a precisão do gaélico (assim como a santidade do espírito) crescia em proporção à falta de posses mundanas e, uma vez que tínhamos a maior pobreza e calamidade, não entendíamos porque estavam os estudiosos interessados no gaélico um pouco estranho e perverso que se ouvia noutros locais. O Velhote Cinzento discutiu este assunto com um nobre *Gaeligore* que conhecera.

– Porquê e para onde, – perguntou ele – ‘tão os aprendizes a partir? Será por, nos últimos dez anos, nos terem deixado tanto dinheiro que aliviaram a fome do campo e como consequência o nosso gaélico entrou em declínio?

– Não acredito que o Padre Peter<sup>1</sup> tenha a palavra *declínio* nas suas obras. – disse o *Gaeligore* em tom cortês.

O Velhote Cinzento não respondeu a esta afirmação mas é possível que tenha feito um pequeno discurso silencioso.

– “Ele foi atingido pela saída”, usa essa frase? – perguntou o *Gaeligore*.

---

<sup>XIX</sup> Cidade pertencente ao Condado de Galway, parte da província de Connacht.

<sup>XX</sup> Cidade pertencente a Rosses, no Condado de Donegal, parte da província de Ulster.

– Esquece, rapaz! – disse o Velhote Cinzento, deixando-o ainda com a questão por resolver na sua cabeça.

Apesar de tudo, ele conseguiu resolver essa dificuldade. Explicaram-lhe – ninguém sabe quem, mas foi alguém de lá que conhecia um pouco de gaélico – explicaram-lhe que, como centro de aprendizagem, Corkadoragha estava de cabeça para baixo e de trás para a frente, virada do avesso. Ao que parece:

1. As tempestades do campo eram demasiado tempestuosas.
2. A putreficação do campo era demasiado putrefacta.
3. A pobreza do campo era demasiado pobre.
4. O Gaelicismo do campo era demasiado gaélico.
5. A tradição do campo era demasiado tradicional.

Quando o Velhote Cinzento se apercebeu de que assim iam as coisas, passou uma semana a reflectir sobre o assunto. Apercebeu-se de que os aprendizes estavam em perigo de morte devido ao constante vomitar de chuva que vinha do céu e que não podiam abrigar-se nas residências das pessoas por causa do odor e do cheiro dos porcos. No fim da semana, pareceu-lhe que tudo estaria bem se tivessem uma universidade, como havia em Rosses e em Connemara. Pensou nisso intensivamente durante outra semana e, depois desse tempo, na sua mente, estava tudo resolvido e definido: devíamos fazer um grande *feis* em Corkadoragha para angariar dinheiro para a universidade. Nessa mesma noite, visitou algumas pessoas respeitáveis em Letterkenny<sup>XXI</sup> para combinar os preparativos e detalhes do *feis*; antes de a manhã nascer, foi fazer o mesmo a Great Blasket e, entretanto, tinha mandado cartas importantes para Dublin e usou a chefe dos correios como escriturária. Claro que não havia ninguém, na Irlanda, tão

---

<sup>XXI</sup> Maior cidade pertencente ao Condado de Donegal, parte da província de Ulster, no noroeste da República da Irlanda.

apaixonado pela causa gaélica como o Velhote Cinzento nessa noite. Não foi por isso de estranhar que a universidade tenha sido construída no terreno do Velhote Cinzento, terreno esse que tinha um valor muito elevado quando lhe foi comprado! O próprio *feis* foi realizado no seu campo e ele recebeu dois dias de renda pelo pequeno lote onde foi instalada a plataforma. Se chover centavos, dizia ele, certifica-te de que caem no teu bolso. Não pecarás por avareza se tiveres o dinheiro todo na tua posse.

Sim, nunca esqueceremos o *feis* de Corkadoragha e a festança que foi nossa enquanto durou. Na noite anterior, um grande grupo de homens trabalhou sem descanso por entre a chuva para erguer a plataforma que ficava no passeio da nossa casa. Enquanto isso, o Velhote Cinzento permanecia no degrau na entrada, seco da chuva a dirigir o trabalho com instruções e bons conselhos. Depois da chuvada e tempestade dessa noite, nenhum destes homens gozou de boa saúde, um deles não sobreviveu e foi enterrado antes de a plataforma ser desmontada, plataforma essa na qual ele deu a vida pela causa da língua gaélica. Que ele esteja em segurança, para sempre, na plataforma do céu. Ámen!

Nesta altura, andava eu pelos quinze anos e era um jovem enfermigo, deprimido, com os dentes partidos e a crescer com uma rapidez que me deixou fraco e de má saúde. Não me consigo lembrar de tantos estranhos e cavalheiros a unirem-se num só lugar na Irlanda. Vieram multidões de Dublin e da cidade de Galway, todos vestidos de forma respeitável e com roupas bem feitas; de vez em quando, aparecia um sujeito que não usava calças de montar, mas sim um saiote de senhora. Dizia-se que gente como ele usava um traje gaélico e se assim fosse, que curiosa mudança se dava nossa aparência por obra e graça de umas poucas palavras gaélicas na nossa mente. Havia homens ali presentes que usavam um vestuário simples sem quaisquer adornos – estes, achava eu, sabiam pouco gaélico; outros tinham um ar tão nobre, tanto estilo e elegância no seu

traje feminino que era notório que o seu gaélico era fluente. Senti-me muito envergonhado por não haver, entre nós em Corkadoragha, um único gaélico verdadeiro. Eles tinham ainda outra distinção que nós não tínhamos desde que perdemos o verdadeiro gaelicismo – a todos eles faltavam nomes e apelidos, mas recebiam títulos honorários, auto-atribuídos, que iam buscar estilo e inspiração ao céu e ao ar, à quinta e à tempestade, ao campo e às aves. Havia um homem bem entroncado, gordo e lento, de face cinzenta e flácida e que parecia suspenso entre mortes devido a duas doenças mortais; pois tomou para si o título de *Margarida Gaélica*. Outro pobre homem, cujo tamanho e energia eram os de um rato, chamou-se a si mesmo *Touro Robusto*. Para além destes, recordo-me ainda dos seguintes cavalheiros também presentes:

Gato Connacht

Pequena Galinha Castanha

Cavalo Ousado

Corvo Berrante

Cavaleiro Corredor

Róisín<sup>XXII</sup> do Monte

Goll Mac Morna<sup>XXIII</sup>

Popeye, o Marinheiro

Bispo Humilde

Melro Doce

Roda de Fiar de Mary

Torrão de Turfa

---

<sup>XXII</sup> A palavra tem diversas acepções e significados. Significa rosa e pode também referir-se a uma canção do século XVI, uma das mais conhecidas canções políticas da Irlanda; é também o nome de um dos mais conhecidos poemas nacionalistas de James Clarence Mangan (1803 – 1849).

<sup>XXIII</sup> Membro da Fianna, uma tribo de heróis lendários que defendiam a Irlanda e a Escócia. Esta personagem faz parte da mitologia irlandesa.

Baboro<sup>XXIV</sup>

O meu Amigo Drumroosk<sup>2</sup>

Remo

Outro Escaravelho

Cotovia

Pintarroxo de Peito Vermelho

Ataque de Dança

Corcunda de Ulster

Raposa Magra

Gato-do-mar

Árvore Frondosa

Vento Oeste

Munsterman Moderado

William, o Marinheiro

Ovo Branco

Oito Homens

Tim, o Ferreiro

Galo Roxo

Pequeno Monte de Cevada

Caso Dativo

Prata

Tipo Manchado

Dor de Cabeça

Rapaz Alegre

---

<sup>XXIV</sup> Palavra sem significado utilizada em músicas que os trabalhadores cantavam.

Coelho Glutão

Cartola

John do Vale

Respeitosamente

Beijinho Doce

A manhã do *feis* estava fria e tempestuosa, sem descanso nem alívio ou pausa da noite anterior. Acordámos todos com o cantar do galo e à alvorada comemos batatas. Durante a noite, os pobres gaélicos tinham-se reunido em Corkadoragha, vindos de todo o Gaeltacht, e, juro pela minh'alma, que o grupo que vimos quando acordámos estava esfarrapado e esfomeado. Tinham batatas e nabos nos bolsos que comiam com avidez, no terreno do *feis*; depois, para beber tinham a água da chuva. A manhã já ia alta quando as pessoas de boa estirpe chegaram; os maus caminhos tinham atrasado os seus carros motorizados. Quando se avistou o primeiro carro a motor, muitos pedintes assustaram-se; fugiram dele, soltaram gritos de aflição e esconderam-se entre as rochas, mas voltaram, atrevidos, quando viram que não havia mal nenhum naquelas máquinas novas e modernas. O Velhote Cinzento recebeu os nobres gaélicos de Dublin e ofereceu-lhes um copo de leite desnatado, como sinal de respeito e como poção de sustento após a sua jornada. Depois, recolheram-se para acertar os pormenores da sua função e para eleger os oficiais do *feis*. Quando eles partiram, a assembleia foi informada de que Margarida Gaélica fora eleito Presidente do *feis*, Gato Ansioso Vice-Presidente, Caso Dativo Fiscal, Vento Oeste Secretário e o Velhote Cinzento Tesoureiro. Depois de outra sessão de discussão e conversação, o Presidente e os outros grandes homens treparam para a plataforma e, na presença da multidão teve início o Grande *Feis* de Corkadoragha. O Presidente colocou um relógio amarelo na mesa à sua



frente, enfiou os polegares no colete, na zona das axilas, e proferiu esta verdadeira oração gaélica:

– Gaélicos! – apelou ele. O meu coração gaélico rejubila por estar aqui hoje, neste *feis* gaélico, no centro do Gaeltacht, a falar convosco em gaélico. Posso afirmar que sou gaélico; sou gaélico desde a raiz dos cabelos até aos dedos dos pés, gaélico atrás e à frente, em cima e em baixo. De igual modo, todos vós sois verdadeiros gaélicos. Vós sois todos gaélicos gaélicos, de linhagem gaélica. Quem é gaélico, é gaélico para todo o sempre. Eu próprio só falei gaélico desde que nasci – tal como vós – e todas as frases que proferi foram sobre assuntos gaélicos. Se formos verdadeiros gaélicos, temos de discutir constantemente a questão do revivalismo gaélico e a questão do gaelicismo. Não faz sentido haver gaélico se o usamos para falar de assuntos não gaélicos. Aquele que fala gaélico mas não discute a questão da língua, não é gaélico de coração; tal comportamento não beneficia o gaelicismo porque apenas troça em gaélico e crítica os gaélicos. Não há nada nesta vida tão bom e tão gaélico como os verdadeiramente verdadeiros gaélicos, que falam um gaélico verdadeiramente gaélico sobre a língua verdadeiramente gaélica. Venho, deste modo, declarar este *feis* gaelicamente aberto! Vivam os gaélicos! Viva a língua gaélica!

Quando este nobre gaélico se sentou no seu traseiro gaélico, gerou-se um grande alvoroço e o som de palmas ecoou por toda a assembleia. Muitos dos gaélicos nativos estavam a ficar fracos devido à má nutrição, mas não se queixaram. Depois, Gato Ansioso aproximou-se, um homem alto, entroncado, confiante e com a face azul escura devido ao barbear excessivo dos seus pêlos faciais, e proferiu outra bela oração:

– Gaélicos! – disse ele. – Dou-vos hoje, do fundo do meu coração, as boas-vindas a este *feis*. Desejo-vos saúde, uma longa vida, sucesso e prosperidade para todos e cada um de vós até ao fim dos dias e enquanto os gaélicos estiverem vivos na Irlanda. O gaélico é a

nossa língua nativa e devemos, por isso mesmo, levar o gaélico a sério. Não acho que o governo leve o gaélico a sério. Não acho que eles sejam gaélicos de coração. Eles gozam o gaélico e criticam os gaélicos. Devemos ser todos apoiantes fervorosos do gaélico. Também não acho que a universidade leve o gaélico a sério. As classes comerciais e industriais não levam o gaélico a sério. Por vezes, penso se haverá *alguém* que leve o gaélico a sério. Não há liberdade sem unidade! Viva a nossa língua gaélica!

– Não há liberdade sem Sua Majestade!<sup>3</sup> – sussurrou o Velhote Cinzento ao meu ouvido. Ele sempre teve um grande respeito pelo Rei de Inglaterra.

– Parece, – disse eu – que este cavalheiro gaélico é muito sério quanto ao gaélico, não?

– Aparentemente, ‘tá demasiado nutrido na parte de cima da cabeça. – comentou o Velhote Cinzento.

Não se seguiu só esta bela oração, seguiram-se sim mais oito. Muitos gaélicos desfaleceram devido à fome e ao esforço para ouvir, um sujeito morreu, muito gaelicamente, em plena assembleia. Sim, foi um dia de grande oratória em Corkadoragha.

Quando da plataforma se ouviu a última palavra sobre gaélico, a alegria e festança do *feis* começaram. O Presidente entregou uma medalha de prata a si próprio, um prémio por ser quem levava o gaélico mais a sério. Na competição entraram cinco concorrentes que se sentaram todos juntos à parede. Começaram a falar gaélico no início do dia, com todo o seu poder e sem quaisquer interrupções no fluxo da conversa e discursaram só em gaélico. Nunca eu ouvira semelhante gaélico, tão rápido, robusto e forte como esta corrente que jorrava sobre nós vinda da parede. Durante cerca de três horas, o discurso era doce e as palavras distinguiam-se umas das outras. Pela tarde, a doçura e o sentido abandonaram por completo a conversa e tudo o que se ouvia eram conversas sem sentido e grunhidos rudes e desarticulados. Quando a noite caiu, um

homem tombou no chão, outro adormeceu (mas não de forma silenciosa!) e um terceiro foi levado para casa, com uma febre cerebral, que, antes do amanhecer, o levou desta para a outra vida. Restaram apenas dois homens a delirar ao pé da parede, com as chuvas nocturnas a cair sobre eles de forma destrutiva. A meia-noite chegou antes de a competição ter acabado. Um dos homens parou de soltar os sons que estava a emitir de modo confuso e o Presidente entregou, ao outro, a medalha e também uma bela oração. Quanto ao que perdeu o concurso, desde aquela noite nunca mais falou e, certamente, nunca mais falará; todo o gaélico que tinha na cabeça, disse o Velhote Cinzento, falou-o esta noite. Quanto ao patife que ganhou a medalha, pegou fogo à sua casa quando ele próprio estava lá dentro exactamente um ano após o *feis* e nem ele nem a sua casa foram vistos depois desse incêndio. Onde quer que estejam hoje, na Irlanda ou lá em cima, que estejam em segurança os cinco homens que naquele dia competiram pela medalha.

Mais oito morreram nesse dia devido a excesso de dança e escassez de comida. O cavalheiro de Dublin disse que nenhuma dança gaélica era tão gaélica como a Longa Dança<sup>XXV</sup>, que era gaélica devido à sua duração e verdadeiramente gaélica quando era realmente longa. Qualquer que seja o tempo necessário para a maior Dança Longa, de certeza que era insignificante quando comparada com a tarefa que tivemos em Corkadoragha nesse dia. A dança continuou até os bailarinos gastarem as suas vidas pelas solas dos pés e oito morreram no decurso do *feis*. Devido à fadiga causada pela festividade e à verdadeira Fome gaélica<sup>XXVI</sup> que era sempre nossa, eles não podiam ser socorridos quando caíam no terreno de dança rochoso e, pela minh'alma, pequena era a espera nesta área particular porque eles partiam para a eternidade sem mais delongas.

---

<sup>XXV</sup> Dança típica irlandesa.

<sup>XXVI</sup> Período compreendido entre 1845-1849. A maioria dos irlandeses estava dependente da batata e quando um fungo alastrou pelas colheitas, perderam a sua única fonte de rendimento. Milhares morreram e outros emigraram.

Embora a morte nos tenha roubado boas pessoas, os acontecimentos do *feis* decorreram de forma consistente e constante. Sentimo-nos vexados por não considerarem que levamos o gaélico a sério, enquanto o Presidente nos observava. Até onde a vista alcançava, a leste e a oeste, viam-se homens e mulheres, novos e velhos a dançar, a saltar e a contorcerem-se aflitos de uma maneira que lembrava uma tarde ventosa no mar.

Aconteceu um pequeno acidente peculiar quando caía o crepúsculo, depois de as pessoas terem passado o dia todo a dançar. Já ninguém tinha pele na sola dos pés; então o Presidente permitiu, generosamente, uma pausa de cinco minutos e caíram todos, gratos, no chão húmido. Depois da pausa, anunciaram a Roda a Oito Mãos<sup>XXVII</sup> e reparei num cavalheiro conhecido por Oito Homens a beber ferozmente da garrafa que tinha no bolso. Quando anunciaram a dança, deitou fora a garrafa e foi sozinho para a zona de dança; os outros seguiram-no para o acompanharem na dança, mas ele ameaçou-os, muito zangado, gritou que a casa estava cheia e ameaçou-os violentamente com a bota, a eles e a todos os que dele se aproximassem. Não demorou muito a estar muito frenético e só ficou quieto quando uma pancada horrível o atingiu na nuca, uma pedra gigante. Nunca vi ninguém tão ousado, arrogante e incontrolável como ele antes de ser atingido, nem ninguém tão pacífico ou quieto depois de o Velhote Cinzento lhe ter atirado a pedra. Sem dúvida, por vezes, poucas palavras bastam para levar um homem à perdição.

Quanto a mim, não descansei enquanto não cheguei à garrafa mágica que o Oito Homens deitou fora. Ainda havia um gole e, mal chegou ao meu estômago, uma mudança extraordinária atingiu o mundo; o ar ficou doce, a aparência do campo melhorou e havia prazer no coração, mesmo na chuva. Sentei-me na cerca e cantei uma

---

<sup>XXVII</sup> Dança tradicional irlandesa.

canção gaélica a plenos pulmões, acompanhei a música com o tilintar de uma garrafa vazia nas pedras. Quando acabei a música e olhei por cima do ombro vi nada mais, nada menos do que o Oito Homens esticado no chão em cima do esterco, com sangue a jorrar do buraco feito pela pedra. S’ele estava mesmo vivo, então era evidente que a vida dentro dele não era muito vigorosa e eu era da opinião de que ele estava em perigo de decomposição iminente. “ S’ele estiver a deixar-nos,” – disse para comigo – “não pode levar para o outro lugar qualquer outra garrafa que tenha para beber”. Saltei por cima da cerca, dobrei-me e revistei o cavalheiro. Não demorou muito até que descobrisse outra garrafa pequena de água ardente<sup>xxviii</sup> e posso dizer que não demorei até chegar a um lugar seguro, até a minha garganta estar a ser queimada por aquele óleo do sol. Claro que nessa altura não tinha qualquer treino de beber, nem conhecimento daquilo em que me metera. Para dizer a verdade, não reagi muito bem; como seria de esperar, os meus sentidos enlouqueceram. Um infortúnio caiu sobre a minha desgraça, outro infortúnio caiu sobre o primeiro e antes que desse conta, infortúnios caíam incessantemente sobre o primeiro infortúnio e sobre mim. Depois, uma chuva de desgraças caiu sobre os infortúnios, depois disso, grandes infortúnios caíram sobre as desgraças, até que, por fim, um grande infortúnio castanho se sobrepôs a tudo extinguindo a luz e parando o curso da vida<sup>4</sup>. Durante uns momentos não senti nada, não vi nada e não ouvi um único som. Alheia a mim mesmo, a terra continuava na sua rota através do céu. Passou uma semana até eu sentir que ainda havia dentro de mim um pedaço de vida e, quinze dias antes disso, tinha a certeza completa de que estava vivo. Meio ano passou até eu recuperar completamente da má saúde que os afazeres dessa noite fizeram cair sobre mim. Deus nos dê graça! Não assisti ao segundo dia do *feis*.

---

<sup>xxviii</sup> No original não se especifica a bebida. Possivelmente refere-se ao “poitín”, uma bebida tipicamente irlandesa, feita a partir de batatas, considerada ilegal pois o seu elevado nível de álcool podia cegar ou matar.

Sim, acho que nunca me esquecerei do *feis* gaélico que tivemos em Corkadoragha. No decurso do *feis* muitos morreram e nunca voltarão; na verdade, se o *feis* tivesse durado mais uma semana, não haveria ninguém vivo em Corkadoragha. Sem contar com o mal que contraí da garrafa e das coisas maravilhosas e estranhas a que assisti, há outra coisa que não me deixa esquecer o *feis*: a partir desse dia o Velhote Cinzento passou a ter um relógio amarelo!

## Capítulo V

Caçar em Rosses ♣ a beleza e as maravilhas do campo ♣ Ferdinand O'Roonassa, o contador de histórias ♣ o meu passeio nocturno ♣ sou perseguido pela Coisa Má ♣ estou a salvo do perigo

Um certo dia, numa altura em que as batatas escasseavam na nossa casa e nós estávamos preocupados com a sombra da fome, o Velhote Cinzento anunciou que era uma boa altura para irmos à caça, isto se desejássemos manter as nossas almas dentro dos corpos em vez de as deixarmos voar para o firmamento, como se se tratassem de passarinhos melódiosos.

– N'ê bom para as pessoas viver na sombra umas das outras se tudo o que resta delas são sombras<sup>1</sup>. Nunca ouvi dizer que a sombra de outrem fosse uma protecção eficaz contra a fome.

Certamente, não tive senão pouco prazer desta conversa. Nessa altura tinha quase vinte anos e era uma das pessoas mais preguiçosas e indolentes em toda a Irlanda. Não tinha qualquer experiência de trabalho e nem tinha desejo de a ter, desde o dia em que nasci. Nunca tinha estado lá fora no campo. Era da opinião que caçar acarretava consigo uma certa dificuldade: um movimento perpétuo no coração dos montes, cautela perpétua enquanto estamos esticados na relva húmida, esconder perpétuo, cansaço perpétuo; dar-me-ia satisfeito se nunca caçasse enquanto fosse vivo.

– Senhor, – perguntei eu – onde é que acha que na Irlanda s'encontra a melhor caça?

– Ó, meu filhote pequenino, – respondeu ele – é em Rosses, no Donegal<sup>XXIX</sup>, que se encontra a melhor caça e tudo o resto também é excelente nesse lugar.

---

<sup>XXIX</sup> Condado irlandês, província de Ulster.

A melancolia quase se desprende de mim quando ouvi que íamos em direcção a Rosses. Nunca estive nessa parte do campo mas de tanto ouvir o Velhote Cinzento há muito queria lá ir. Se pudesse escolher, não sei se preferia a viagem para o céu ou para Rosses. Dir-se-ia, pela conversa do Velhote Cinzento, que só por se ir a Rosses o nosso poder de regatear melhoraria. Escusado será dizer que o mesmo cavalheiro tinha sido criado em Rosses.

De acordo com o que tinha ouvido, durante a sua juventude ele fora o melhor homem em Rosses. No campo, não havia ninguém melhor do que ele no que diz respeito a saltar, saquear, pescar, fazer amor, beber, roubar, lutar, cortar tendões, pastar o gado, praguejar, apostar, andar à noite, caçar, dançar, gabar-se e lutar com paus. Matou sozinho Martyn em 1889, em Gweedore, quando este tentou prender o Padre MacFadden em Derry<sup>XXX</sup>; assassinou sozinho Lord Leitrim perto de Cratlough<sup>XXXI</sup> em 1875; inscreveu sozinho o seu nome, em gaélico, numa qualquer carroça e nessa ocasião histórica foi perseguido; sozinho fundou a Liga da Terra<sup>XXXII</sup>, os Fenianos<sup>XXXIII</sup> e a Liga Gaélica<sup>XXXIV</sup>. Sim, ele teve uma grande vida preenchida e foi muito benéfico para a Irlanda. S'ele não tivesse nascido quando nasceu e se não tivesse tido a vida que teve, alguns temas de conversa seriam raros entre nós neste país.

– Vamos à procura de coelhos? – perguntei eu com toda a cortesia.

– Não! – disse ele, ou se preferirem: Na'!

– Caranguejos ou lagostas?

– Na'!

– Porcos selvagens?

---

<sup>XXX</sup> Condado irlandês, província de Ulster.

<sup>XXXI</sup> A grafia inglesa é diferente da encontrada em outras obras de referências onde se encontra *Cratlaugh*. Este local corresponde a uma plantação perto de Donegal onde foi assassinado Lord Leitrim, um senhorio cruel que era conhecido por despejar as pessoas das suas casas.

<sup>XXXII</sup> Organização política, criada no fim do século XIX, que ajudava os agricultores pobres.

<sup>XXXIII</sup> Pertencentes ao movimento Feniano, eram a favor da separação da Irlanda.

<sup>XXXIV</sup> Organização fundada em 1893 com o intuito de manter viva a língua irlandesa, na Irlanda.



– Não são porcos e não são selvagens! – respondeu ele.

– S’ é assim, senhor, – disse eu – venha e eu não lhe faço mais perguntas porque o senhor não é muito conversador.

Deixámos a minha mãe a dormir nos juncos atrás de nós e partimos em direcção a Rosses.

No caminho, conhecemos um homem de Rosses chamado Jams O’Donnell e cumprimentámo-lo gentilmente. Parou à nossa frente, recitou a Balada das Vitórias<sup>XXXV</sup>, deu três passos graves connosco, tirou umas tenazes do bolso e atirou-as para trás de nós. Além disso, ele tinha ar de quem tinha no bolso uma garrafa pequena e apalavrada e prometida a mão, em casamento, de uma criada em Glendown<sup>XXXVI</sup>. Vivia num recanto do vale, do lado direito, quando se seguia pela estrada para leste. Era óbvio que era ultoniano<sup>XXXVII</sup> de acordo com a fórmula dos bons livros. Era um velhote rebelde.

– ‘tás muito bem? – perguntou o Velhote Cinzento.

– Sou apenas medíocre, – respondeu Jams – e na’falo gaélico, só gaélico do Ulster<sup>2</sup>.

– E ‘teve no *feis* de Corkadoragha, senhor? – questionou o Velhote Cinzento.

– Na’estive! – respondeu ele – mas estava a festejar na Escócia.

– Pareceu-me – disse eu – tê-lo visto na multidão de sujeitos que estavam reunidos no portão do campo do *feis*.

– Na’estava com essa multidão que estava no portão, Capitão! – respondeu ele.

– Alguma vez leu *Séadna*?<sup>3</sup> – perguntou o Velhote Cinzento de forma sincera.

Continuámos a conversar de forma suave e cortês durante algum tempo, a discutir os assuntos do dia e a falar dos tempos difíceis. Enquanto os outros dois conversavam, reuni alguma informação sobre Rosses e também sobre as dificuldades

---

<sup>XXXV</sup> O termo *Lay* designa uma balada, canção épica ou heróica, sendo tradicionalmente cantada em gaélico antigo. A temática principal era a louvar os feitos dos Fiannas e dos heróis do Ciclo de Ulster.

<sup>XXXVI</sup> Aldeia pertencente a Templeogue, no Condado de Dublin.

<sup>XXXVII</sup> Gentílico utilizado para as pessoas de Ulster.

das pessoas de lá: andavam todas descalças e não tinham meios. Algumas estavam sempre em dificuldades, enquanto outras festejavam na Escócia. Em cada cabana havia: (i) pelo menos um homem chamado “Apostador”, um indivíduo extravagante que passava a maior parte da sua vida a beber na Escócia, a jogar cartas e bilhar, a fumar tabaco e a beber bebidas espirituosas em tabernas; (ii) um homem velho e gasto, que passava o tempo na cama do canto ao pé da chaminé, que se levantava na hora das visitas nocturnas para empurrar os seus cascos para as cinzas, limpar a garganta, acender o seu cachimbo e contar histórias dos tempos difíceis; (iii) uma bela rapariga chamada Nuala ou Babby ou Mabel ou Rosie, por quem os homens vinham ao cair de cada noite com uma garrafa pequena querendo um deles desposá-la. Não se sabe porquê, mas era assim mesmo; quem quer que acha que minto que leia os bons livros.

Por fim chegámos a Rosses e quando lá chegámos já tínhamos percorrido uma boa parte da crosta terrestre. Claro, é um campo feliz mesmo que haja fome. Pela primeira vez desde que nasci vi um campo que não estava encharcado pela chuva. Em todas as direcções, as cores variadas do firmamento eram agradáveis à vista; uma brisa doce e suave soprava nos calcanhares e ajudava-nos a andar. Lá alto, no céu, havia uma lâmpada amarela conhecida como sol, a emanar calor e luz sobre nós. Ao longe, havia um aglomerado azul e alto de montanhas, a leste e a oeste, a olhar para nós. Um ribeiro veloz acompanhava a estrada principal; estava escondido na vala, mas nós sabíamos da sua existência pelo murmúrio suave que nos chegava aos ouvidos. Nas margens havia um lamaçal preto acastanhado, sarapintado com rochas. Não encontrei nada de errado nem em Rosses nem em nenhum outro lugar. Cada um era tão maravilhoso como o outro.

Quanto à caça, o Velhote Cinzento começara antes de eu reparar que o aspecto do campo sugeria tal actividade ou que o Velhote Cinzento estava no trilho. Ele saltou

subitamente sobre a cerca e eu segui-o. À nossa frente, num pequeno campo, estava uma casa forte em pedra. Num abrir e fechar de olhos, o Velhote Cinzento abriu a janela, entrou no edifício e desapareceu da vista. Parei, por instantes, a pensar nas maravilhas da vida e então, quando me preparava para o seguir, para entrar pela janela, ele saiu precipitadamente.

– Há sempre boa caça nesta casa. – disse-me ele. Abriu a mão e não sei o que imaginava que lá estivesse mas tinha cinco réis de prata, um colar de senhora fino e elegante e um pequeno anel de ouro. Satisfeito, colocou estes objectos num qualquer bolso interior e apressou-me a sair dali com ele.

– É do mestre-escola, o dono da casa é O’Beenassa, – disse ele – e é raro eu sair de lá de mãos a abanar.

– S’ é assim, senhor, – disse eu honestamente – hoje não é um mundo fora do comum e não é este tipo de caça que estamos a fazer fora do normal?

– S’ assim é, – disse a astuta criatura – é tempo!

Ao chegar a outra casa com telhas no telhado, o Velhote Cinzento entrou e passado um tempo voltou com uma mão-cheia de dinheiro vermelho que encontrara no tampo do aparador. Noutra casa roubou uma colher de prata; noutra ainda, tirou tamanha quantidade de comida que substituiu a nossa energia perdida depois das deambulações e dificuldades desse dia.

– Será porque – disse eu por fim – não há ninguém vivo neste campo ou será porque fugiram todos para a América? O que quer que se passe nesta parte do mundo, todas as casas estão vazias e todos estão fora de casa.

– É claro, meu filhote – disse o Velhote Cinzento – que não leste os bons livros. Cai agora a noite e, de acordo com o destino literário, há uma tempestade junto à costa e os pescadores estão em dificuldades na água, as pessoas estão reunidas na praia, as

mulheres estão a chorar e uma pobre mãe está a gritar: Quem salvará o meu Mickey? É sempre isto que a chegada da noite traz aos gaélicos em Rosses.

– É inacreditável, – disse eu – o mundo que há hoje.

E, realmente, depois de termos caçado e roubado de casa em casa, chegámos por fim a um monte alto, de onde tínhamos vista de um canto do oceano em direcção a oeste, onde as grandes ondas de espuma branca chegavam à costa. No cume do monte o tempo estava moderado, mas pelo aspecto zangado do mar, era claro que as pessoas lá em baixo estavam no meio de uma tempestade de vento e que a situação do pescador no mar devia ser desagradável. Não conseguia ver as mulheres na praia a chorar por causa da distância entre nós mas, sem dúvida, estavam lá.

Sentámo-nos na rocha, eu e o Velhote Cinzento, e ficámos lá até termos descansado. Os bolsos e as roupas do Velhote Cinzento estavam atafalhados com os frutos da sua pilhagem, já para não falar dos artigos valiosos que tinha debaixo do braço e na mão. Com toda a certeza, nesse dia tinha tido um grande saque e a nossa visita dificilmente fora benéfica para as pessoas de Rosses. O Velhote Cinzento pediu-me que levasse algum do saque dele.

– Vamos agora – disse ele – para a cabana do meu amigo Ferdinand O’Roonassa, em Killeagh<sup>XXXVIII</sup>, onde eu vou passar a noite e tu podes partir para casa depois de comeres umas batatas e leite novo. Eu levo uma pequena carroça do Ferdinand e chego a casa amanhã com tudo o que trouxe hoje, graças à caça.

– Muito bem, senhor. – concordei eu.

E assim fomos. Ferdinand vivia numa casinha num recanto do vale, quando se segue pela estrada para oeste. Fomos recebidos com uma grande recepção gaélica. Ferdinand era um velho gasto que só vivia com a sua filha Mabel (uma rapariga

---

<sup>XXXVIII</sup> Pequena aldeia pertencente ao Condado de Cork, província de Munster (no sul da Irlanda).

pequena, bem feita e graciosa) e com uma mulher mais velha (não se sabe s'era sua mulher ou sua mãe) que estava a morrer há vinte anos, numa cama no canto da chaminé e que ainda estava neste lado do Grande Concurso. Ela tinha um filho chamado Mickey (a sua alcunha era *Apostador*) mas ele estava a beber lá na Escócia.

Os bens do Velhote Cinzento foram escondidos – era evidente que todos tinham experiência naquela área de negócios – e, depois, sentámo-nos todos para comer batatas. Quando terminou a actividade alimentar, o Velhote Cinzento comentou com Ferdinand que eu era um jovem, que ainda me faltava muito conhecimento do mundo e que nunca ouvira um verdadeiro contador de histórias a contar o verdadeiro folclore da antiga forma gaélica.

– Por isso, Ferdinand, – disse ele – tens de nos contar uma história, por favor.

– Claro, contar-lhes-ia uma história com todo o gosto – disse Ferdinand – mas não é próprio para um contador falar em casa, à hora da visita nocturna, sem estar confortavelmente sentado ao pé do fogo com os seus cascos nas cinzas; mas estou sentado longe do fogo e as dores não me deixam levantar e empurrar a minha cadeira para perto do calor. Foi aquele par amaldiçoado, o gato-do-mar e o *Peerkus*, que me deu essas mesmas dores, de que não me livrarei enquanto ‘tiverem vivos!’

– Não te preocupes, – disse o Velhote Cinzento – eu pego na tua cadeira e em ti também.

Mal o dissera e já o fizera. O contador de histórias, O’Roonassa, foi colocado ao lado do fogo quente e nós reunimo-nos todos ao pé, a aquecermo-nos, embora a noite não estivesse fria. Olhei, curioso, para o contador de histórias. Colocou o seu corpo de forma luxuriosa na cadeira, ajeitou o seu traseiro debaixo dele, atirou os seus cascos para as cinzas, acendeu o seu cachimbo e, quando estava à sua vontade, limpou a sua traqueia e começou a cuspir palavras contra nós.

– Eu não sabia e eu, uma pequena criança nas cinzas, – disse ele – e o nosso Pats ou Mickileen ou Nora encaracolada de Big Nelly do novo Peter também não sabiam porque é que ele era conhecido como Capitão. Contudo, havia nele sinais de que passara uma boa parte da sua vida no mar. Não havia companhia de que ele mais gostasse do que a sua, pois vivia numa casinha, caiada, no recanto do vale, do lado direito, quando se segue pela estrada para este. Por Deus! Era raro porem-lhe a vista em cima. Havia nele um olhar solitário e distante e muitas vezes ouvi dizer que havia algo muito embaraçoso na sua vida. Dizia-se que passara um bom bocado da sua vida a beber na Escócia; que quando era novo bebia mais do que água e leite desnatado e n’era sempre bom que o fizesse. Embebedava-se porque era um tipo zangado e delicado que nunca tentava conter os acessos de raiva que todos têm por vezes. Tirando isso, era um tipo agradável e educado para todos aqueles que consigo se cruzassem, pelo menos foi o que ouvi. Muitas são as histórias e as fábulas de histórias que havia sobre ele. Diziam que era padre na Escócia, que se desviou uns passos do seu caminho e foi expulso da Igreja. Outros diziam que quando era mais novo matou um homem num *pub* e veio para Rosses quando andava fugido. Todos tinham a sua própria história.

Bem, a Noite do Grande Vento chegou. O mar elevou-se e, como era hábito, os pescadores viram-se em apuros na barra do porto, para tentarem chegar até à margem. As esposas e as mulheres estavam especadas, a olhar aflitas para os pobres homens presos nos baixios; o seu barco partido na água e um sem número de terríveis ondas gigantes ameaçavam afogá-los a cada minuto, enquanto correntes vindas da noite, do escuro de oeste, atiravam grandes meadas de algas para o cume negro das rochas. Cada enorme onda assassina encharcava os que observavam na praia e estavam molhados até

aos ossos devido à espuma das ondas. O grito de uma mãe sobrepôs-se aos gritos do vento: Ai! Ai! Quem salvará o meu Paddy<sup>XXXIX</sup>?

Nem eu, nem Pats, nem Mickileen, nem o jovem Peter do grande Nelly da Nora de cabelos encaracolados esperávamos a resposta que ela recebeu a esta pergunta. Houve um movimento atrás das pessoas e eis que o Capitão deu um salto para a frente; atirou o seu casaco e antes que se lhe conseguisse pôr juízo, estava no mar. Ai! – disseram as pessoas – perdeu-se outro bom homem!

Bem, houve luta e esforço e sério trabalho e vida e morte nessa noite no mar; mas, para aligeirar uma história triste, o Capitão conseguiu chegar à rocha, atar os dois homens que lá estavam com uma corda que tinha à sua volta e, Deus nos salve!, todos os três foram puxados em segurança para a costa. Ao que parece, o Capitão aleijou-se nessa noite, pois no dia seguinte foi encontrado morto.

Foi na casa mortuária que ouvi a história completa.

Quando era jovem e festejava na Escócia, o Capitão matou o irmão de um dos homens que estava na rocha e a irmã de outro. Passou vinte anos na prisão lá longe, antes de regressar e assentar sozinho na pequena casa, no recanto do vale. Qualquer que fosse o pecado que tivesse na sua alma, foi limpo na noite em que fez aquela ousada e boa acção na rocha e assim compensou tudo o que fez antes de morrer. É maravilhoso como o destino nos guia nesta vida, de uma má acção para uma boa e voltando ao início. Sem dúvida que foi o gato-do-mar que empurrou o Capitão para matar os dois primeiros e outro poder pôs nas suas mãos a capacidade de resgatar os outros dois daquela sentença de morte certa. Há muitas coisas que não entendemos e que nunca havemos de entender.

---

<sup>XXXIX</sup> O nome *Paddy* corresponde a um estereótipo inglês sobre os irlandeses que remonta aos finais do século XIX; o típico irlandês ou Paddy era retratado como um bêbado ou um camponês indefeso.

O contador de histórias chegara ao fim e eu e o Velhote Cinzento agradecemos-lhe, de livre vontade, por esta bela história que nos tinha contado.

Nesta altura, a escuridão abatia-se sobre o mundo e achei que era hora de meter os pés a caminho, naquela longa viagem que me levava de volta a Corkadoragha. Estava prestes a despedir-me quando um bater educado e verdadeiramente gaélico s'ouviu à porta e dois homens que eu não conhecia entraram. Poucas palavras foram proferidas antes de perceber que um deles tinha apalavrada em casamento a mão da Mabel de cabelo encaracolado, que estava a dormir no fundo da casa; tinham uma garrafa pequena para selar o combinado e desejar o seu sucesso. Despedi-me carinhosamente de Ferdinand e do Velhote Cinzento e saí sob o céu nocturno.

Estava agora escuro em Rosses mas, pensei, o aspecto do mundo tinha mudado... Estive lá fora durante um bocado até me aperceber do que, à minha volta, me parecia diferente: o chão estava seco e não chovia em cima de mim. Era claro que Corkadoragha e Rosses eram diferentes porque nenhuma noite chegava sem que do céu chovesse em cima de nós. Aqui, a noite era misteriosa e contranatura mas tinha, sem dúvida, o seu encanto.

O Velhote Cinzento já me tinha descrito o caminho para Corkadoragha e eu parti vigorosamente. As estrelas iluminaram-me, o chão debaixo dos meus pés era plano e o frio do vento nocturno aguçou a minha fome de batatas. Teríamos uma boa vida durante três meses, devido ao resultado da pilhagem levada a cabo pelo meu amigo nesse dia. Ia trauteando uma musiquinha ao caminhar. Tinha pela frente uma viagem de cinco milhas à beira-mar, depois pelo interior em direcção a leste, seguido das extravagantes estradas secundárias. O doce murmúrio do oceano permaneceu nos meus ouvidos durante uma hora, juntamente com o cheiro a maresia das algas marítimas que pairava sob o meu nariz, mas estava a caminhar por campos marítimos com o oceano longe da vista.



Quando me preparava para deixar o mar, o trilho levou-me ao topo de um penhasco e permaneci lá um pouco a observar o que me rodeava. Um grande areal estendia-se lá em baixo; eram brancas e suaves as ondulações que atingiam a costa, e violentas e agitadas as que rebentavam no fundo do penhasco, perto de mim. A praia, com fragmentos dispersos de rochas ásperas e cobertas de ervas, esperava pacientemente a maré cheia enquanto pequenas poças de água que brilhavam sob o crepúsculo a faziam reluzir. Estava tudo tão calmo e pacífico que me sentei para aproveitar o momento e permitir que a fadiga se libertasse dos meus ossos.

Não devia dizer que não dormi um pouco mas, de repente, deu-se uma grande explosão no meio da calmaria e eu fiquei de novo desperto e em guarda, como é claro. Quer fosse demónio ou pessoa, calculei que estava a cerca de duzentos metros ou perto de mim, do meu lado esquerdo e por entre a área acidentada, na sombra do penhasco e escondido onde ninguém o pudesse ver. Nunca ouvi um som tão peculiar e irreconhecível; por um lado, era forte como uma pedra a cair em cima de outra: por outro, parecia uma vaca gorda a cair num buraco lamacento cheio de água. Permaneci imóvel, a ouvir, com o meu coração repleto de terror. Não havia agora qualquer som, excepto o que vinha suavemente da água da praia lá em baixo. Houve, contudo, outra coisa que senti. Agora, o ar estava pútrido, com um odor antigo de putrefacção que fazia com que a pele do meu nariz cantarolasse e dançasse. Medo e melancolia e nojo apoderaram-se de mim. O barulho e o cheiro estavam ligados! Fui invadido por um forte desejo de estar no fundo da casa, em segurança, a descansar entre os porcos. A solidão bateu-me; estava sozinho naquele lugar e aquela Coisa Má tinha-me encontrado.

Não sei se me sentia curioso ou atrevido, mas naquele momento fui possuído por um forte desejo de investigar o que tinha à frente e de averiguar se havia uma explicação terrestre para aquele som e cheiro que detectei. Levantei-me e segui para

oeste, leste e depois para norte, sem qualquer paragem até estar lá em baixo na areia da praia. Sentia a areia macia e húmida debaixo dos meus pés. Caminhei cuidadosamente em direcção ao local de onde vinha o som; o cheiro maléfico estava agora muito forte e piorava a cada passo que dava naquela direcção. Apesar disso, avancei e rezei para que a minha coragem não me abandonasse. Uma nuvem tinha tapado as estrelas e, durante alguns momentos, a terra ao pé do mar não se via facilmente. Subitamente o meu olho captou uma sombra que era mais escura de que as restantes do fundo do penhasco e o cheiro maléfico atingiu-me, agora, de uma maneira que me revirou o estômago. Parei ali para convocar o meu bom senso e para recuperar a minha coragem. Contudo, antes de conseguir fazer as duas coisas, o objecto preto mexeu-se de onde estava. Apesar do grande terror que se apoderou de mim naquele momento, os meus olhos captavam claramente todos os pormenores. Um grande quadrúpede levantara-se e estava agora no meio das rochas, espalhando à sua volta uma grande quantidade daquele cheiro pútrido. De início pensei que estivesse à minha frente uma grande foca, mas os quatro pés desmentiram-no. Depois, o brilho opaco do céu aumentou ligeiramente e vi que um grande objecto peludo me fazia companhia nessa noite, com pêlo cinzento e olhos vermelhos assustadores, que me fitavam zangados. A escuridão tornara-se podre com o seu hálito, o que fez com que a minha saúde me abandonasse a grande velocidade. De repente, a coisa má estremeceu e rosnou e reparei que estava determinada a atacar-me e, talvez, a devorar-me. Nenhuma palavra gaélica que alguma vez tenha ouvido pode descrever o terror que me invadiu. Um ataque de tremores tomou conta dos meus membros, desde a cabeça até aos dedos dos pés; o meu coração falhava a cada pulsação e eu suava fortemente. Nesse momento pensei que a minha carreira, no solo verde da Irlanda, ia ser curta. Nunca estive numa posição tão má como naquela em que me encontrei nessa noite, ao pé do grande oceano. O medo fraco e amargo, o medo

pequeno, macio e cobarde atingiu-me, subitamente. Surgiu em mim uma tempestade de sangue, um poço de suor e uma excessiva confusão. Outro latido vindo do objecto cinzento mais à frente. Ao mesmo tempo, um movimento fantasmagórico surgiu nos meus pés; um movimento não terrestre que carregou o meu corpo rapidamente e com a ligeireza do vento sobre a terra acidentada onde eu estava. A Coisa Má perseguia-me. Tosse e um cheiro a podridão vinham atrás de mim, a perseguir-me e deslocar-me sobre o Paraíso da Irlanda.

Na altura em que, mais uma vez, recuperei a noção e a compreensão da vida, tinha percorrido uma longa distância. Já não tinha a visão do grande mar de algas marinhas e da areia e a Coisa Má já não vinha no meu encalço. Estava a salvo do demónio sem nome. Não estava magoado nem devorado mas, por mais cansado que estivesse, não parei de voar enquanto não me vi a salvo em casa, em Corkadoragha.

No dia seguinte, o Velhote Cinzento regressou para ao pé de nós com o seu saco da caça. Demos-lhe as boas vindas carinhosamente e sentámo-nos todos a comer batatas. Quando todos os habitantes da casa, tanto suínos como humanos, estavam reabastecidos de batatas, chamei o Velhote Cinzento à parte e sussurrei-lhe ao ouvido. Disse que a minha saúde não estava muito boa depois dos acontecimentos da noite anterior.

– É da bebida ou é da caça nocturna a que te referes, ó filhinho? – disse ele.

– Na verdade, nenhuma, senhor! – respondi – Era sim uma grande coisa com pernas que me seguia. Não conheço nenhuma palavra em gaélico para isso mas, sem dúvida, não era para meu bem. Não sei como consegui escapar dela mas estou aqui hoje e isso é uma grande vitória para mim. Seria uma coisa vergonhosa se me perdesse desta vida, no auge da minha juventude, porque nunca haverá ninguém como eu.

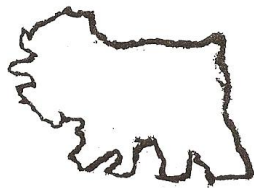
– Estavas tu em Donegal nessa altura, minh'alma? – perguntou ele.

– Estava.

Uma nuvem ruminante formou-se sobre a face do Velhote Cinzento.

– Podes desenhar em papel, – pediu ele – a forma e aparência desta coisa selvagem que viste?

A lembrança da noite anterior estava tão entranhada na minha cabeça que não demorei muito a desenhar uma imagem da criatura quando recebi o papel. Era a seguinte:



O Velhote Cinzento olhou de perto para a figura \* e uma sombra cobriu o seu rosto.

– S’assim é, filho, – disse ele de forma receosa – são boas notícias estares vivo hoje e de boa saúde entre nós. O que conheceste a noite passada foi o gato-do-mar! O gato-do-mar!!

O sangue abandonou a minha face quando ouvi esse nome maléfico ser mencionado pelo Velhote Cinzento.

– Parece que, – disse ele – ‘tava a sair do mar para ir fazer alguma maldade a Rosses, porque no passado ia frequentemente a essa área atacar os pobres e, de propósito, espalhar generosamente a morte e a má sorte entre eles. O seu nome está sempre presente nas conversas das gentes de lá.

– O gato-do-mar...? – perguntei eu. Os meus pés não estavam firmes enquanto me mantinha de pé.

– Esse mesmo gato.

- E será que – disse eu fraco – mais ninguém viu o gato-do-mar, antes disto?
- Penso que sim, – disse ele lentamente – mas nunca ninguém soube. Não viveram!

Houve uma pequena pausa de conversa entre nós.

- Vou aos juncos – disse eu – e tu amanha-te!

\* O bom leitor verá a semelhança entre o gato-do-mar, conforme desenhado por O’Coonassa, e a pequena e agradável terra que é a nossa. Muitas coisas na vida são imperceptíveis para nós mas não será por acaso que o gato-do-mar e a Irlanda têm a mesma forma e que ambas têm o mesmo terrível destino: dificuldades e má-sorte recaíram sobre elas e também sobre nós.

## Notas

Original (doravante abreviado por O.) *An Béal Bocht*, Dolmen Press, Dublin, 1964

### Capítulo I

1. *diversões*: Aparece no O. Como *divarsions* que é explicado numa nota de rodapé como *scléip* (diversão, satisfação)
2. *aventuras*: Surge no O. Como *advintures*, explicado nas notas de rodapé como *eachtraí* (aventura)
3. *...nas traseiras da casa*: Esta frase ocorre frequentemente no texto; em gaélico *tóin on tí* (lit. traseiro da casa)
4. *...uma criança entre as cinzas*: tradução de um cliché usado frequentemente por Máire (Séamas Ó Grianna) nas suas obras (ina thachrán ar fud a'ghríosaiigh)
5. *explicação*: Myles utiliza *axplínayshin* no O. e nas notas de rodapé explica: *cúis, bun an scéil* (causa, base da história)
6. *animais*: Myles usa *béastana* que explica nas notas de rodapé como *beithidhigh*, cf. *Béarla* “*bastes*” (bestas cf. inglês “bastes”)
7. *...its like will ever be there again*: A tradução da célebre frase usada por Tomás Ó Criomhthainn, na sua obra *An t-Oileánach* (Dublin, 1927) é um dos dizeres mais usados por Myles em *An Béal Bacht*. Ó Criomhthainn diz: mar nó beidh ár leithéidí arís ann (porque nunca voltaremos a existir)

## Capítulo IV

1. *Padre Peter*: Refere-se ao Padre Peter O’Leary (t-Athair Peadar Ó Laoghaire), um padre de Cork cuja insistência na utilização do discurso do dia-a-dia na literatura gaélica foi um factor essencial no desenvolvimento da escrita moderna da língua.
2. *O Meu Amigo Drumroosk*: No original é *Mo Chara Droma Rúisc* que tanto pode significar *My Carrick-on-Shannon* ou *My Friend D.* como acima referido. O trocadilho é intraduzível.
3. *Não há liberdade sem Sua Majestade*: Esta frase aparece como *Ní saoirse go Seoirse – No liberty without George*. Para manter a aliteralidade e correspondência silábica do gaélico na tradução, foi usada a expressão *realeza*.
4. *desgraça...desgraça*: A expressão gaélica original é: *Thit and lug ar an lag orm* que significa *Fiquei extremamente consternado*, literalmente *O atrasado caiu sobre a minha demora!* Para manter o sentido e estilo foram utilizadas as expressões *desgraça* e *infortúnio*.

## Capítulo V

1. *Sombras*: Esta expressão é um comentário à expressão gaélica *Ar scáth a chéile a mhaireann na daoine* (As pessoas vivem nas sombras umas das outras), que significa que *As pessoas dependem umas das outras*.
2. Ao longo deste capítulo são usados fragmentos do dialecto de Ulster. São raros os casos e a maioria não foi representada na tradução.
3. *Séadna*: É o título de um livro famoso de Padre Peter O’ Leary (publicado em 1904) que é um dos trabalhos mais influentes e um livro de grande importância na literatura gaélica moderna.

